

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA  
MESTRADO EM FILOSOFIA

PATRÍCIA CRISTIANE DE SANTANA SANTOS

**A FORÇA DA EMPATIA EM EDITH STEIN:**  
**uma maneira de viver e sentir**

Recife  
2023

PATRÍCIA CRISTIANE DE SANTANA SANTOS

**A FORÇA DA EMPATIA EM EDITH STEIN:**

**uma maneira de viver e sentir**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Filosofia, da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP, como requisito à obtenção de grau de Mestre em Filosofia.

Linha de Pesquisa: Ética, Fundamentos Morais e Valores Humanos.

Orientador: Prof. Dr. Ermano Rodrigues do Nascimento.

Recife

2023

S237f Santos, Patrícia Cristiane de Santana.  
A Força da empatia em Edith Stein : uma maneira de viver e sentir / Patrícia Cristiane de Santana Santos, 2023.  
96 f.

Orientador: Ermano Rodrigues do Nascimento.  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Programa de Pós-graduação em Filosofia.  
Mestrado em Filosofia, 2023.

1. Fenomenologia. 2. Stein, Edith, Santa, 1891-1942.  
3. Ética. 4. Empatia. I. Título.

CDU 165.62

Pollyanna Alves - CRB4/1002

## A FORÇA DA EMPATIA EM EDITH STEIN:

uma maneira de viver e sentir

Dissertação aprovada como requisito final à obtenção do título de Mestre em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco, por uma comissão examinadora formada pelos seguintes avaliadores:

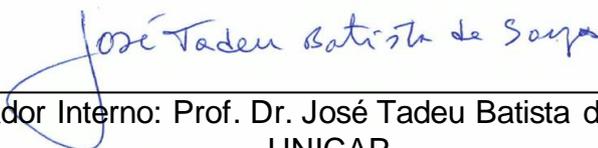
Aprovada em 11/04/2023

### BANCA EXAMINADORA



---

Orientador: Prof. Dr. Ermano Rodrigues do Nascimento –  
UNICAP



---

Avaliador Interno: Prof. Dr. José Tadeu Batista de Souza –  
UNICAP



Documento assinado digitalmente

ANDERSON DE ALENCAR MENEZES

Data: 06/07/2023 11:47:39-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

---

Avaliador Externo: Prof. Dr. Anderson Menezes de Alencar – UFAL

Recife

2023

À fonte inesgotável de sabedoria A quem busco  
incessantemente. Desperta, Senhor, os meus  
sentidos.

Que eu sinta!

No princípio, era o sentido.

Edith Stein

## AGRADECIMENTOS

A Santíssima Trindade, sabedoria infinita, a quem, tantas vezes, face ao cansaço, consumida pela exaustão, pedia uma centelha de luz para prosseguir e não desanimar; a Minha Santíssima Mãe Maria, a quem tanto recorri e recorro ao seu colo de mãe.

A Edith Stein.

Aos meus amados pais José Carlos e Maria do Carmo, tão presentes em meus pensamentos - posso encontrá-los em meus gestos e ações -, por cada palavra de fé, amor e esperança que plantaram em meu coração, por me fazer acreditar que o estudo é importante para o homem adquirir conhecimento, mas que esse não se encontra apenas nos livros, mas no viver a vida, no observar o mundo, no convívio e troca com o outro e, no final de tudo, continuaremos aprendendo.

A minha filha amada Iolanda, pelas palavras de incentivo e entusiasmo durante a execução desse trabalho: “A senhora vai conseguir! A senhora vai conseguir!” Porque sua voz de criança me fazia recordar a minha infância e confiança que tinha em meus pais, espelhando-me neles, e isso impulsionava-me a continuar e acreditar que eu devia prosseguir. Seu amor e carinho recarregaram em tantos momentos as minhas forças. Como foi importante tê-la circundando-me, quando possível, animando-me e tornando mais suave essa etapa tão importante para mim que foi o Mestrado.

Ao meu esposo, por trilhar comigo nessa caminhada, vibrando em cada etapa deste Mestrado. Por sonhar comigo que eu poderia vencer as dificuldades e ultrapassá-las, por escutar as minhas impressões sobre as leituras que realizava, incentivando-me a continuar. Pelo olhar que afagou tantas vezes o meu coração, ao abrir a porta de onde me reservava para estudar, e, em silêncio, sair, pela cumplicidade durante mais essa etapa em que seguimos de mãos dadas.

Aos meus irmãos com quem posso dividir meus sonhos e compartilhar minhas conquistas, pela presença amiga no qual eu sinto confiança e conforto. É aconchego, certeza de amor verdadeiro.

Ao corpo docente do Curso de Filosofia da UNICAP pela dedicação ao curso, humanidade no trato, colaboradores no meu crescimento intelectual. Uma equipe de excelentes profissionais, competentes e dispostos a escutar, dialogar. Ao Prof. Dr. Ricardo Pinho por ter me encaminhado para os primeiros passos nessa dissertação.

Ao Coordenador do mestrado, Prof. Dr. Gerson Francisco de Arruda Júnior por toda atenção dispensada desde o primeiro contato. Ao Prof. Dr. Danilo Vaz Curado, pela dedicação na Direção da Escola de Humanidades.

Ao Prof. Dr. Ermano Rodrigues do Nascimento, pelas orientações durante essa trajetória, a quem agradeço por suas contribuições intelectuais, por seu olhar empático. Minha sincera gratidão.

A todos os colegas que, em algum momento, dirigiram-me uma palavra de incentivo, ânimo, meus sinceros agradecimentos.

## RESUMO

A dissertação apresenta o tema A Força da Empatia em Edith Stein: uma maneira de sentir e viver a vida. A investigação sobre esse tema nos convoca a uma análise sobre o fenômeno da empatia e a importância dela para uma convivência em comunidade pautada pela ética e o que dela advém, cuidado, responsabilidade, reconhecimento do outro como pessoa humana que possui suas singularidades e que, na alteridade, pode reconhecer-se no outro. Edith Stein é uma filósofa que nos traz a lume, através de seu trabalho sobre a empatia, um pensar ético em que o universo do “eu” particular não pode se sobrepor ao universo do “outro”. É um encontro de vivências, em que se faz necessário um refletir sobre a posição do indivíduo no mundo. Apresentamos num primeiro momento a pessoa Edith Stein, sua trajetória de vida, muito embora o interesse por seus pensamentos venha se tornando mais procurado, merece um destaque especial o reconhecimento dessa mulher que viveu em busca da verdade e que traz para a Filosofia um pensamento que se entrelaça com sua própria vida. A seguir, temos como fundamento teórico, primeiro, a fenomenologia para a compreensão dos atos empáticos que favorecem a um encontro de vivências que se recebem. Na sequência, a questão ética do cuidado, em que estabelecemos um diálogo entre Leonardo Boff e Edith Stein, em seguida, trazemos a ética da alteridade um encontro entre o pensamento de Levinas e o da fenomenóloga e, por fim, a ética da responsabilidade em Edith Stein, tomando como referencial sua obra sobre a empatia, como um chamamento ao cuidado e encontro de pessoas que em suas singularidades e liberdade, devem agir com eticidade.

**Palavras-chave:** Edith Stein; empatia; ética; cuidado; alteridade.

## ABSTRACT

The dissertation presents the theme of "The Power of Empathy in Edith Stein: A Way of Feeling and Living Life". The investigation of this theme calls for an analysis of the phenomenon of empathy and its importance for living in a community guided by ethics, and the resulting care, responsibility, recognition of others as human beings with their own unique qualities, and the ability to recognize oneself in others. Edith Stein is a philosopher who sheds light on ethical thinking through her work on empathy, emphasizing that the universe of one's own "self" cannot override the universe of another's "self". It is a meeting of experiences that requires reflection on one's position in the world. First off, as Edith Stein is introduced, her life's trajectory is presented, and despite the growing interest in her thoughts, special recognition is given to this woman who lived in pursuit of truth and brought her own life experience into her philosophy. Secondly, as theoretical foundation, the dissertation uses phenomenology for understanding empathic acts that enable encounters between experiences. Following this, the ethical issue of care is discussed, establishing a dialogue between Leonardo Boff and Edith Stein, and subsequently presenting the ethics of alterity as a meeting between the thoughts of Levinas and the phenomenologist. Finally, the ethics of responsibility in Edith Stein is discussed, drawing on her work on empathy and calling for care and encounters between people who, in their uniqueness and freedom, must act ethically.

**Keywords:** Edith Stein; empathy; ethics; care; alterity.

## SUMÁRIO

|       |  |    |
|-------|--|----|
| 1     | INTRODUÇÃO.....  | 11 |
| 2     | EDITH STEIN: UMA VIDA EM BUSCA DA VERDADE.....                     | 15 |
| 3     | UM PENSAMENTO HUMANO PARA ALÉM DA HISTÓRIA.....                    | 22 |
| 3.1   | Da Empatia à Essência dos Atos .....                               | 24 |
| 3.2   | Influências da Fenomenologia no Pensamento de Edith Stein .....    | 27 |
| 3.3   | Descrição da Empatia em Comparação com Outros Atos Empáticos ..... | 34 |
| 3.3.1 | A empatia e a Percepção Externa.....                               | 35 |
| 3.3.2 | A Empatia e a Originalidade e não Originalidade.....               | 38 |
| 3.3.3 | Recordação, Espera, Fantasia e Empatia .....                       | 41 |
| 3.4   | Edith Stein Dialoga com Alguns Teóricos.....                       | 44 |
| 3.4.1 | Theodor Lipps .....  | 44 |
| 3.4.2 | Edith, Geiger, Witasek .....                                       | 48 |
| 3.4.3 | Teoria de Münsterberg .....  | 49 |
| 3.4.4 | Max Scheler e Stein .....  | 49 |
| 3.5   | A Empatia Versus Antipatia .....                                   | 54 |
| 4     | EMPATIA E ÉTICA COMO ATITUDE DO CUIDAR.....                        | 60 |
| 4.1   | A Ética do Cuidar .....  | 61 |
| 4.2   | Justiça e Ética .....  | 71 |
| 4.3   | A Ética da Alteridade .....  | 75 |
| 4.4   | A Ética da Responsabilidade .....                                  | 85 |
| 5     | CONSIDERAÇÕES FINAIS .....   | 90 |
|       | REFERÊNCIAS.....   | 93 |

## 1 INTRODUÇÃO

Percorrer o tema da empatia em Edith Stein é acender uma luz sobre as vivências humanas numa tentativa de melhor compreender questões relacionadas à ética, à responsabilidade, à alteridade, ao respeito e ao cuidado com o outro, essenciais na vida comunitária.

Empatia é uma palavra que muitas pessoas empregam no sentido de colocar-se no lugar do outro, mas a empatia que é apresentada por Edith Stein não tem a pretensão de ser essa que se tem num sentido dicionarizado ou que se possa encontrar em manuais.

Estudar a empatia em Edith Stein é perpassar o corpo, a alma e o espírito da pessoa humana, distinguindo-os para uma melhor compreensão de sua formação, considerando-os como partes que se conectam, compreendendo que são partes constituintes do sujeito e que irá formar o todo.

Será com base no estudo da fenomenologia, de seu mestre Husserl, que Edith Stein decidiu pesquisar *Sobre o Problema da Empatia*, “reconhecendo como problema principal a “experiência de sujeitos alheios e suas vivências”<sup>1</sup> (STEIN, 2004, p. 17). Também, como ocorrem as relações de encontro entre esses sujeitos por meio da empatia.

A vida dessa filósofa apresenta um comprometimento dela com o seu semelhante e consigo mesma, através da verdade que norteava as suas ações. De forma que, o seu lugar enquanto pessoa humana, de compreensão de seu próprio ser no mundo, não ficou sem resposta.

Diante dessas considerações iniciais, vale salientar que são motivações essenciais que fluíram ao despertar o interesse em pesquisar e aprofundar o pensamento de Edith Stein, filósofa contemporânea que merece nosso respeito e atenção enquanto mulher e filósofa.

A reflexão aqui desenvolvida, por sua vez, parte de uma questão que de imediato se põe como mediadora que nos fez lançarmos na análise que se segue: Como a empatia em Edith Stein possibilita um agir ético responsável nas relações interpessoais?

---

<sup>1</sup> Edith ao comentar sobre o problema da empatia diz: “Como problema fundamental reconcí la cuestión de la empatía como experiencia de sujetos ajenos y de su vivenciar” (STEIN, 2004, p. 17).

No estudo concernente à empatia em Edith Stein, buscamos compreender os sujeitos que se encontram, respectivamente, o que ela denomina o “eu” e o “outro”. Um ponto de partida para essa compreensão é a de que o sujeito que age e circula no corpo social tem a sua individualidade formada e gerada no seio de uma comunidade através das experiências com o mundo que o circunda e consigo mesmo. É nessa perspectiva hipotética que nos debruçamos nas leituras e estudos do pensamento da filósofa em que questão, considerando a necessidade de entender o indivíduo em sua relação interpessoal em que a dinâmica da empatia se faz necessária para tal fim.

De forma que levantamos a seguinte pressuposição: Se nos dispuséssemos, através das relações interpessoais, a aproximar-nos de vivência do outro, nesse mundo de relações cada vez mais frágeis, viveríamos mais relações empáticas. Essa hipótese também faz com que a nossa análise possa se desenvolver com mais ênfase para entendermos quão complexo é o homem.

Diante disso, a abordagem fenomenológica de Edith Stein é um caminho para discussão sobre o valor da empatia, a fim de tentar clarificar questões, a exemplo da acima suscitada, e de formular novas indagações à medida que nos adentramos em seu pensamento. De maneira que, elaboramos o trabalho seguindo o percurso a seguir:

No primeiro capítulo, apresentamos sobre a vida de Edith Stein, considerando sua riqueza de espírito humano em prol das relações interpessoais pautadas por um agir ético e responsável.

No segundo capítulo, discorreremos sobre os caminhos desenvolvidos por Stein a respeito dos atos da empatia. Apresentamos breves reflexões de seus diálogos com alguns filósofos de seu tempo. Descrevemos, ainda, a empatia e a indiferença dos “eus” para com os outros na sociedade atual.

No terceiro capítulo, a temática da ética se sobressai nessa relação de encontro entre o “eu” e o “outro”, aludindo à questão da empatia de Edith Stein. Ademais, são abordadas questões diretamente relacionadas às ações éticas do indivíduo enquanto sujeito de ação na concretização de atos de sociabilidade, a partir da consciência da responsabilidade, da alteridade e do cuidado como atitudes fundamentais para se viver bem o valor da empatia em comunidade, em sociedade e no mundo.

O tema sobre a empatia revela-se de substancial importância e atualidade num

mundo em que as pessoas estão se isolando cada vez mais e, em consequência, adoecendo também.

No século passado, a humanidade passou por duas grandes guerras mundiais. Isso nos faz pensar em nosso agir no mundo, em nosso olhar para o outro, sobre a necessidade de acolhermos, e não rechaçarmos o próximo; de escutar, e não silenciar o outro, porque em âmbito local também guerreamos um com o outro com palavras ofensivas, com o desprezo no olhar, sem o diálogo que aproxima, e isso também destrói vidas. O respeito pelo rosto humano, pela pessoa humana, onde está?

Assiste-se, hoje, a guerras em diversos locais do mundo, mas, reiteramos também vivermos uma guerra em que se quer atingir a alma humana. Nesse tempo de redes sociais, por exemplo, poderíamos falar numa guerra do cancelamento, do bloqueio, do exilamento do outro.

A pessoa humana, conforme a fenomenologia de Edith Stein, é um sujeito de carne e osso, tem sensações e sentimentos. De forma que esta pesquisa tem por objetivo mostrar a força da empatia na pessoa humana nas suas relações intersubjetivas como propulsora para um mundo de mais escuta e acolhimento entre as pessoas.

Nesse sentido, alguns objetivos específicos são importantes, quais sejam:

- Apresentar a pessoa e a filósofa Edith Stein para que o leitor perceba a força da empatia na vida dessa mulher e conheça não apenas a aluna destaque de Husserl, mas aquela que, por seus méritos, teve seu nome alçado na plêiade dos filósofos. Uma história que não pode passar despercebida, pois sua vida é marcada por um agir ético e consciente de sua posição no mundo. Esse modo de portar-se no mundo é uma convocação a todos os homens e mulheres que fazem parte do grande grupo de pessoas que convivem neste Planeta chamado Terra;
- Descrever os atos empáticos, embriões que favorecem relações humanas mais cuidadas, em que o “eu” e o “outro”, em suas particularidades, reconhecem-se como pessoas cujas vivências são únicas, que não podem ser rechaçadas, o que favorece uma reflexão sobre um agir ético em que a alteridade, o cuidado e a responsabilidade se sobressaem;
- Desenvolver uma análise sobre a questão da ética em sua dimensão de

cuidado num confronto entre Edith Stein e Leonardo Boff;

- Estabelecer um diálogo entre Levinas e Edith Stein, a fim de identificar pontos de intersecção e diferenças entre esses dois pensadores que engrandecem o desenvolvimento humano através de questões como alteridade, respeito, responsabilidade e empatia.
- Examinar a ética da responsabilidade, através dos pensamentos de Edith Stein, cujo contributo se torna de suma importância para repensar o modo de viver das pessoas nesse tempo marcado por guerras, violências e desprezo ao outro.

Para o desenvolvimento desse trabalho, realizamos uma pesquisa bibliográfica, através do levantamento de algumas obras de Edith Stein, dissertações e artigos, bem como de alguns comentadores como Angela Ales Bello e Juvenal Savian, além de outros autores que escreveram sobre ela. Assim, pudemos entender melhor o seu pensamento considerando sua base fenomenológica e, que, por sua vez, nos conduz a uma análise mais compreensiva, principalmente, sobre a questão da empatia. Sendo assim, seguimos cuidadosamente palmilhar a fenomenologia como método de pesquisa para melhor entender e aprofundar o sentido, principalmente, da empatia.

Edith Stein deixou um material sobre a empatia que é uma obra que transcende o tempo, por isso é crescente os que se interessam pelas ideias dessa filósofa. De forma que esse trabalho, através das questões postas por ela, caminha na direção da pessoa humana e seu encontro com o outro, das vivências empáticas em sociedade, com base no estudo da fenomenologia.

## 2 EDITH STEIN: UMA VIDA EM BUSCA DA VERDADE

Em 12 de outubro de 1891, uma família judia, formada pelo casal Auguste Stein e Siegfried Stein, residente em Breslau, Alemanha (após o término da Segunda Guerra Mundial, a cidade foi novamente integrada à Polônia e passou a ser conhecida como o nome de Wroclaw), aumentava ainda mais a família com o nascimento de Edith Stein. Ela veio ao mundo no dia da Festa do Grande Perdão, a festa mais solene para os judeus, sendo motivo de grande satisfação para a sua mãe recebê-la em seus braços em tal data. Para a senhora Stein, um privilégio concedido por Deus.

Edith foi a décima primeira filha e última desse casal (quatro filhos faleceram ainda pequenos). Aquela família não imaginou que trazia ao mundo um dos grandes nomes de nossa filosofia e aos altares uma mártir e santa.

Em 10 de julho de 1893, Edith tornou-se órfã de pai. A sua mãe com pulso firme passou a administrar o comércio de madeira deixado pelo marido, com o olhar atento aos filhos. A senhora Auguste tornou-se a referência de mulher forte para Edith. Uma Mulher dotada de uma determinação extraordinária, característica que a acompanhou desde pequena, além de sua grande fé.

Conforme Erna, a irmã mais próxima de Edith em idade, e companheira de infância, a família viveu num lar de judeus ortodoxos, seguindo os preceitos de sua religião. Não obstante esse fato, Edith Stein aos 13 anos perdeu a fé, mas sempre observando e respeitando os rituais judeus que sua mãe seguia.

Merece realce esse pequeno apontamento sobre a senhora Auguste Stein, pois, segundo os relatos de Edith, o seu destino e o de sua mãe eram inseparáveis. Assim, apresentar traços sobre a personalidade da senhora Auguste é revelar um pouco também sobre a fenomenóloga que desde a mais tenra idade demonstrou perseguir seus objetivos com grande afinco. Um dos grandes propósitos que perseguiu era conhecer “a verdade”; e não desistiu de seu intento até encontrá-la, mas, para isso, percorreu um caminho de observação, estudo e reflexão.

A criança Edith, embora se apresentasse com um aspecto frágil, como apontado em sua autobiografia, sempre pálida e anêmica, era motivo de orgulho de sua família por ser o que chamavam “um poço de sabedoria” ao abrir a boca. Mas, segundo os irmãos, um “livro de sete selos”. Ao se referir a essas lembranças, ela confessa que havia nela um “mundo oculto” que não era revelado a ninguém.

Aos seis anos começou a frequentar escola se destacando na turma por seu talento, rapidez e precisão.

No sétimo ano da escola básica, ela que sempre teve firmeza em suas decisões, resolveu deixar a escola movida por seu pensamento que estava inquieto com várias indagações sobre a concepção de mundo e, pelas mudanças que aconteciam em seu corpo. A sua mãe que sempre respeitou as suas decisões não opôs nenhuma resistência. Dez meses, aproximadamente, após abandonar seus estudos, resolveu retomar sua vida de estudante, o que, de imediato, foi acolhido por sua genitora.

Em 1911, Edith ingressou na Universidade de Breslau, onde passou quatro semestres, estudando Psicologia<sup>2</sup>. Ao final do curso, ela diz que foi um equívoco de sua parte ter optado pelo estudo dessa ciência, uma vez que ela “ainda estava nos primeiros balbucios” (2018, p. 277), de tal forma que faltava clareza em seus fundamentos. Ela terminou o curso de Psicologia convicta de que desejava dar continuidade aos seus estudos, mas na área de Filosofia.

Durante o seu curso de Psicologia (colocar uma vírgula) Edith Stein tomou conhecimento sobre a obra de Husserl, Investigações Lógicas. Foi nesse período que ela se convenceu que Husserl era o grande filósofo da época.

A jovem Stein tinha 21 anos quando em abril de 1913 foi para Gotinga estudar Filosofia. O primeiro contato dela com Husserl aconteceu após uma sessão preliminar de Seminário de Filosofia, momento no qual os alunos deveriam se apresentar para serem aceitos. Aquele primeiro encontro despertou a atenção do mestre sobre a jovem que revelava ter lido As investigações Filosóficas, o que teria sido, conforme ele: “uma façanha heroica” (2018, p. 316).

A pretensão inicial de Edith ao ir estudar em Gotinga era de passar apenas um semestre, mas atraída pelos estudos filosóficos resolveu progredir na área pela qual estava totalmente envolvida, de tal forma que sob a orientação de Husserl resolveu dedicar-se ao estudo da empatia para escrever a sua tese.

Em 1914, com a eclosão da Primeira Guerra Mundial, Edith escreveu à Cruz Vermelha, voluntariando-se para trabalhar como enfermeira. Ela não obteve uma resposta imediata; mas, em 1915, ao receber um chamado para servir num hospital

---

<sup>2</sup> “Não havia disciplinas obrigatórias nem disciplinas pré-requisitos. Cada estudante podia escolher aquela que mais lhe interessavam. Ao final do curso, porém, todos prestavam um exame de Estado e precisavam dominar os conhecimentos necessários à obtenção dos diplomas nas áreas em que desejavam ser titulados. Era necessário, entretanto, observar o que seria exigido ao final do curso” (STEIN, 2018, p. 225).

Militar em Weisskirchen na Morávia, não hesitou e em 07 de abril do referido ano apresentou-se para ter, inicialmente, sob seus cuidados, pacientes com tifo; e, no decorrer dos meses em que esteve no hospital cuidou também de soldados feridos, pacientes com sarnas e arrumou cama dos feridos. No dia 1º de setembro de 1915 deixou o Hospital e retornou para sua casa.

Após esse período, Edith retorna os seus estudos e em 3 de agosto de 1916 defendeu a sua tese *Zum Problem der einföhlung* (sobre o problema da empatia), obteve *summa cum laude* (o maior grau de distinção, grau de doutora em Filosofia. Concluída a sua defesa, tornou-se assistente de Husserl, trabalhando com ele por dois anos.

Foi assistente particular de seu mestre de 1916 a 1918. Após esse período (1919-1923), foi realizar trabalho de pesquisa científica em Breslau.

Em 1921, ao ler livro da Vida de Santa Teresa sente ter descoberto o verdadeiro sentido de sua fé e passou a ter como meta entrar no Carmelo. Em 1922, é batizada no Ano Novo. Essa notícia foi um duro golpe para sua genitora.

De forma que o adiamento para entrada no Carmelo foi para evitar um grande sofrimento a senhora Auguste e também por entender que devia ter paciência como orientava seus conselheiros espirituais, pois tinha aqui no mundo uma missão como congressista ao levar seus conhecimentos para plateias que se enriqueciam com seus conhecimentos sobre sua visão da mulher no mundo e na família e também na área filosófica.

Finalmente, em 1932, aos 42 anos, Edith ingressou no Carmelo de Colônia, sendo conhecida como Teresa Beneditina da Cruz.

Em 1942, ela é capturada pela Gestapo junto com sua irmã Rosa que também tinha se convertido e ingressado no convento, falecendo numa câmara de gás em *Auschwitz*.

Em 11 de outubro de 1998, na Praça de São Pedro, o Papa João Paulo II apresenta como santa e mártir Teresa Beneditina da Cruz.

Em 1º de outubro, o Sumo Pontífice a declara co-padroeira da Europa, cuja contribuição engradece a Igreja e ao mundo com seus trabalhos como teóloga, filósofa, pedagoga, abrangendo diversos campos do conhecimento.

Em Carta Apostólica em forma de "*Motu Proprio Spes Aedificandi*<sup>3</sup>, ele ressalta a grandeza dessa filósofa e mártir, registrando a sua contribuição através de sua vida ética para um mundo melhor, mais saudável em suas relações.

O futuro grandioso que ela tinha convicção de lhe estar reservado, o qual sonhava desde pequena, ultrapassou, foi além dos 50 anos que viveu. Se a história a coloca como a aluna brilhante de Edmund Husserl, o faz com justiça, mas expande os conceitos ao referir-se a Edith Stein como uma fenomenóloga cujos pensamentos vêm se tornando nesse século mais conhecidos no universo filosófico.

Uma boa apresentação de alguém pode ser feita por pessoas com quem ela conviveu, de tal forma que, a seguir, serão expostas declarações sobre Edith Stein

---

<sup>3</sup> A Carta Apostólica *Motu Proprio Spes Aedificandi* proclama três co-padroeiras da Europa, mas o que está aqui exposto são excertos referentes a filósofa que apresenta-se nesse trabalho, Edith Stein, em que o Papa apresenta a mulher, a filósofa, a mártir, exaltando sua contribuição para um mundo em que a ética e a verdade não podem ser esquecidos, sob o risco de guerras e sofrimentos como o vivido por Edith Stein, vítima do genocídio em Auschwitz "... É necessário escutá-la, fixando-a sobretudo no ser humano, devido àquela capacidade de "empatia" expressão que lhe era muito querida que permite, de certo modo, incorporar o que é vivido pelos demais (cf. E. Stein, *O problema da empatia*). Foi nesta tensão de escuta que ela se encontrou, por um lado com os testemunhos da experiência espiritual cristã oferecida por Santa Teresa de Ávila e de outros grandes místicos, dos quais se tornou discípula e propagadora, e por outro lado com a antiga tradição do pensamento cristão, consolidada no tomismo. Por este caminho ela chegou primeiro ao batismo e, depois, à escolha da vida contemplativa na Ordem carmelitana. Tudo se desenrolou no contexto de um itinerário existencial bastante movimentado, marcado não só pela busca da vida interior, mas pelo empenhamento no estudo e no ensino, que ela realizou com dedicação admirável. Foi de grande apreço, sobretudo no seu tempo, a sua obra a favor da promoção social da mulher, e são realmente penetrantes as páginas com as quais ela explorou a riqueza da feminilidade e a missão da mulher do ponto de vista humano e religioso (cf. STEIN, *A mulher. A sua tarefa, segundo a natureza e a graça*, p. 9). O encontro com o cristianismo não foi motivo para ela repudiar as suas raízes hebraicas; pelo contrário, ajudou-a a redescobri-las em plenitude. Isto, porém, não lhe poupou a incompreensão por parte dos seus familiares. Sobretudo a desaprovação da própria mãe lhe causou uma dor intensa. Na verdade, todo o seu caminho de perfeição cristã se distinguiu não só pela solidariedade humana para com o seu povo de origem, mas também por uma verdadeira partilha espiritual com a vocação dos filhos de Abraão, designados pelo mistério da chamada e dos "dons irrevogáveis" de Deus (cf. *Rm* 11, 29). De modo particular, ela fez próprio o sofrimento do povo judeu, na medida que este aumentava naquela feroz perseguição nazista que permanece, juntamente com outras graves expressões do totalitarismo, uma das mais obscuras e vergonhosas manchas da Europa do nosso século. Sentiu então que, no extermínio sistemático dos judeus, a cruz de Cristo era carregada pelo seu povo, e assumiu-a na sua pessoa com a sua deportação e a execução no tristemente célebre campo de Auschwitz-Birkenau. O seu grito funde-se com o de todas as vítimas daquela horrível tragédia, unido, porém ao brado de Jesus, que assegura ao sofrimento humano uma misteriosa e perene fecundidade. A sua imagem de santidade permanece para sempre ligada ao drama da sua morte violenta, ao lado de tantos que a padeceram juntamente com ela. E permanece como um anúncio do evangelho da Cruz, com o qual ela se quis identificar no seu mesmo nome de religiosa. Hoje, vemos Teresa Benedita da Cruz reconhecer no seu testemunho de vítima inocente, por um lado a imitação do Cordeiro imaculado e a protesta levantada contra todas as violações dos direitos fundamentais da pessoa e, por outro, o penhor daquele renovado encontro de judeus e cristãos, que na linha auspiciada pelo Concílio Vaticano II, está a conhecer uma prometedora fase de abertura recíproca. Declarar hoje Edith Stein co-Padroeira da Europa significa colocar no horizonte do velho Continente um estandarte de respeito, de tolerância e de hospitalidade que convida os homens e as mulheres a entenderem-se e a aceitarem-se, para além das diferenças étnicas, culturais e religiosas, formando assim uma sociedade verdadeiramente fraterna".

por algumas pessoas com que ela compartilhou alguns momentos de sua vida:

Erna Biberstein fez a seguinte confissão sobre sua irmã Edith, reveladora da admiração que nutria por sua irmã mais nova, conforme consta dos escritos autobiográficos de Stein:

Edith era, como sempre, a primeira da turma e foi dispensada da prova oral no exame final do liceu. Além de estudar, tomava ativamente parte em nossa vida social, mas sem nunca ser uma desmancha-prazeres. A gente podia confiar-lhe todos os segredos e as preocupações mais íntimas, pois ela estava sempre disposta a ajudar e a aconselhar, sendo também muito discreta. Os anos de universidade (em 1909 eu tinha começado Medicina) foram para nós um período de trabalho sério, mas também de amizades maravilhosas. Nós tínhamos muitos amigos de ambos os sexos, com quem passávamos nosso tempo livre e as férias em um clima que, para época, era marcado de liberdade e ausência de preconceitos. Em pequenos círculos mais íntimos, mas também em grupos de amigos mais amplos, discutíamos questões de conhecimento científico e social. A presença de Edith foi determinante para nós, porque ela tinha uma lógica férrea e um amplo conhecimento de Literatura e Filosofia (2018, p. 585-586).

O abade Walzer, que foi diretor espiritual de Edith Stein, da região de Beuron, Alemanha, local onde Edith Stein durante cinco anos (1928 a 1933) passou momentos de recolhimento e fortalecimento de sua vida espiritual – nessa época se destacava como conferencista e pela produção de seus trabalhos –, por isso Miribel destacou a seguinte declaração do abade:

Raramente encontrei uma alma dotada de qualidades mais elevadas e diversas. E, contudo, era a própria simplicidade. Tendo a capacidade intelectual de um homem, manteve-se extremamente feminina em seu comportamento. Possuía viva sensibilidade, uma delicadeza de sentimentos toda maternal, no entanto não procurava satisfazer essa ternura nem impô-la a ninguém. Recebeu autênticas graças místicas, mas sua atitude nada tinha de orgulhosa. Era humilde com os simples, sábia com os sábios, mas sem sombra de pedantismo e, diria mesmo que, ao lado dos pecadores ela se fazia pecadora [...] (2001, p. 97).

Quanto ao trecho “Tendo a capacidade intelectual de um homem”, não poderíamos deixar de sublinhar que, à época, poucas mulheres se destacavam com uma vida intelectual como a de Edith Stein. Havia a ideia da supremacia da capacidade intelectual do homem sobre a mulher (hoje, ainda encontramos quem assim pense). Edith Stein, no entanto, foi uma mulher que lutou pelo direito a igualdade entre homens e mulheres, observando que homens e mulheres têm suas

próprias características e que juntos devem agregar os valores e capacidades que ambos possuem.

Um padre Jesuíta Erick Przywara que conheceu alguns trabalhos da filósofa e com quem manteve correspondência, inclusive a primeira tradução na íntegra das *Quaestiones de Veritate*, obra de São Tomás de Aquino, em alemão, foi realizada por Edith a seu pedido, e Miribel apresenta o comentário dele:

Seu espírito tinha duplo aspecto: uma compreensão ilimitada dos seres e das coisas, uma receptividade toda feminina e uma inteligência objetiva e viril. Em um debate não raro que esse segundo aspecto tomasse a dianteira. Assistíamos, então, a um verdadeiro torneio entre ela e seu interlocutor, sem que a grande delicadeza de sua sensibilidade se manifestasse. Seu estilo era claro, harmonioso como sua própria pessoa [...] (2001, p. 103).

Um outro depoimento sobre Edith Stein e esse não poderia deixar de faltar, é de Edmund Husserl. Quando soube da entrada de Edith Stein ao Carmelo, segundo Miribel, ele fez a seguinte afirmação:

[...] É notável ver Edith descobrir, como do cume de uma montanha, a clareza e amplidão do horizonte, com uma maravilhosa agilidade e transparência. Mas ela sabe, ao mesmo tempo, virar-se para o interior e guardar a perspectiva do seu eu. Nela tudo é autêntico [...] (2001, p. 153).

Conforme declarou Husserl: “nela tudo é autêntico”. Essa frase revela o porquê de seu nome está escrito na história da Filosofia, da Pedagogia, da Religião, áreas em que ela atuou, bem como contribuições para outras áreas às quais ela deixou seu contributo intelectual, porque ela não se valeu de um modelo pronto para reproduzir apenas o que já foi dito. Ela refletia e precisava compreender as teorias, sobre o que lia, para tomada de suas posições. Tudo isso precisava estar bem clarificado em sua mente para, então, prosseguir em suas análises. Numa passagem de sua autobiografia, ao descrever os tormentos pelos quais passou quando estava no início de sua dissertação, ela faz o seguinte registro:

Eu vivia pela primeira vez algo que depois experimentaria em cada um dos meus trabalhos posteriores: os livros não me serviam até que eu não tivesse clareado, pela minha própria reflexão, o problema em questão. Essa luta para atingir a clareza desenrolava-se em mim sob grandes tormentos e não me dava trégua nem de dia nem de noite (STEIN, 2018, p. 357).

Edith Stein, em sua autenticidade, destacou-se, não passou despercebida entre seus contemporâneos; e, à luz de suas obras, vai se revelando para as novas gerações através de sua produção intelectual, de forma a contribuir com questões, como a empatia, imprescindíveis a nosso tempo turvado pela falta de acolhimento e escuta ao próximo.

### 3 UM PENSAMENTO HUMANO PARA ALÉM DA HISTÓRIA

Edith Stein, através de seu trabalho sobre a empatia atrai estudiosos de diversos campos de conhecimento, não apenas o de Filosofia. E o que faz com que tantos pesquisadores estejam se interessando pelo pensamento steiniano?

Como inicialmente afirmado, a obra de Edith abre um leque para pesquisas em diversas áreas. É possível encontrar estudos na área de pedagogia, sendo um auxílio para os que desejam desenvolver um trabalho sob o olhar empático. A filósofa foi professora e não ficou apenas na teoria, pois, o seu estudo sob empatia, soube aplicar em sala de aula no trabalho de formação de jovens e adultos.

Na área de História surgem trabalhos que engrandecem o nome dessa filósofa, uma mulher à frente do seu tempo. Num período em que poucas mulheres estudavam, ela se destacou como a segunda mulher da Alemanha a receber um título de Doutora em Filosofia.

No campo do Direito trabalhos têm sido elaborados. Ela deixou uma obra inclusive sobre o Estado em que está presente seu pensamento filosófico fenomenológico. Também encontramos na área de religião, psicologia, enfim, tem-se um vasto campo a explorar.

Mas, por que podemos afirmar que Edith é um pensamento para além da história?

Na época, como estudante de Gotinga, Edith ministrava alguns cursos sobre introdução à fenomenologia para os colegas recém-chegados, o seu dom de ensinar e olhar empático para os que chegavam não passava despercebido e, sem dúvida, marcou aqueles que tiveram a oportunidade de escutá-la. Uma de suas alunas, a Irmã Aldegonde sobre o período em que foi aluna de Edith, comenta Miribel que:

Ela possuía o dom da didática, ensinando-nos com ilimitada paciência e uma bondade sempre alerta e silenciosa. Sempre amável, ouvia nossas perguntas mal formuladas, sem sombra de ironia ou de crítica, com calma, bom humor, um devotamento que nos deixava à vontade para abusar e não lhe deixa livre um só minuto! "...Incansável, ela nos encorajava no caminho austero do conhecimento intelectual. A chama que a consumia incendiava também nossos corações. Estávamos embriagados da alegria pura de conhecer e deixávamos que ela nos conduzisse, e o pressentimento de uma felicidade única nos fazia tremer (2001, p. 61).

De tal forma que investigar esse tema nos mais diversos campos é apresentar

um pensamento que edifica o corpo social porque é a expressão daqueles que desejam viver numa sociedade em que a pessoa humana é a grande riqueza desse planeta.

Poderíamos discorrer sobre diversos outros campos, mas, por ora, é suficiente sabermos que a abrangência em diversas áreas, além das já citadas, Sociologia, Antropologia, resulta de uma investigação cujo cerne é a compreensão da pessoa que em sociedade assume diversos papéis e é responsável por aquele que dela se aproxima.

Mas, direcionando-nos sobre o que investigamos nesse trabalho, podemos dizer que o pensamento de Edith Stein sobre a empatia não se limita aos aspectos de um encontro fortuito que ocorre, como, poder-se-ia pensar, quando alguém percebe o alheio triste ou alegre e com ele irá empatizar, mas encaminha para uma compreensão do valor da apreensão desse ato. “A empatia é conhecimento imediato ante o outro vivente como eu com vida corpórea, psíquica e espiritual” (ALMEIDA, 2014, p. 26). Essa questão de aproximação do “eu” com o “outro”, ambos constituídos.

É com base numa análise fenomenológica que Edith em sua obra investiga “Sobre o problema da empatia” e nos favorece com um pensamento que, sem dúvida, não se esgota porque é sempre presente onde houver pessoas humanas.

Quando uma vivência alheia emerge diante de mim, eu estou diante dessa vivência como diante de um objeto (por exemplo, a expressão de dor que “leio” na face de alguém), mas quando procuro as tendências implícitas nessa expressão. Ou seja, quando tento colher o sentido da doação dessa vivência que é o estado de ânimo do outro, essa vivência não me transfere para dentro dela mesma. Nesse momento, não estou mais voltado para a vivência, mas sou envolvido por ela e me volto para o seu objeto, que é o estado de ânimo alheio. Torno-me o seu sujeito; coloco-me em seu lugar. Em outras palavras, pela empatia, não vivo a experiência do outro, pois essa é vivência dele e absolutamente pessoal, intransferível, mas vivencio o objeto que ele vivencia, o objeto de sua experiência. Não vivencio a vivência da dor do meu amigo, mas vivencio “a” dor, como meu amigo também vivencia. A empatia, portanto, rigorosamente falando, não me põe dentro do outro, mas faz que eu me dê conta do objeto de sua experiência (o “conteúdo”, conforme também diz Edith Stein) (BELO, 2014, p. 38).

A busca pela compreensão da pessoa humana inicia-se pelo processo de tomada de consciência de quem sou “eu” no mundo, quem é o “outro”, do reconhecimento que a minha vivência me particulariza, torna-me singular num grupo, de forma que vivências são únicas enquanto indivíduos, embora possamos falar em

vivências comunitárias, comum a todos que vivem em determinada comunidade. Mas ainda assim, poderíamos dizer que a forma de perceber e sentir determinado acontecimento em um grupo passa por um vivenciar único, próprio, embora possa um grupo ser afetado por um acontecimento que afete a todos, como uma guerra.

O trabalho de Stein ultrapassa a fronteira do tempo pois o homem, a pessoa humana não é um ser que deva estar isolado, mas precisa do outro desde sua chegada ao mundo, e a empatia é ato primeiro que nos move para esse bem servir.

A filósofa observa o ‘eu’ e o outro em suas relações. Quem é a pessoa que age, que vai ao encontro do outro ou que mesmo irá ignorar o seu alheio? Quem é essa pessoa que responde ao Estado e tem suas responsabilidades como cidadã? Quem é essa pessoa que pode se interessar pelo alheio e lhe estender as mãos ou simplesmente continuar a caminhar apressado sem se importar com o que lhe pede ajuda? Edith não apresenta normas, mas o seu espírito de fenomenóloga traz sempre o espanto primeiro: “o que é isso? Nada está pronto, acabado. As relações intersubjetivas não trazem uma regra pronta que fará com que as pessoas vivam de forma harmônica, mas, em seu trabalho sobre a empatia, apresenta atos, como veremos a seguir, que fazem com que nos tornemos mais cuidadosos e responsáveis pelo outro, o alheio.

### 3.1 Da Empatia à Essência dos Atos

Ao se debruçar sobre o tema da empatia, Edith Stein percorreu um caminho que tem como primeira questão a ser considerada para o desenvolvimento do seu estudo: ‘existem sujeitos alheios e suas vivências’. De modo que, em primeiro lugar, nesse estudo, a visão solipsista<sup>4</sup>, de imediato é rechaçada. Há de se pensar no sujeito

---

<sup>4</sup> “O solipsismo é uma posição filosófica segundo a qual cada pessoa não tem acesso ao que sentem e pensam as outras pessoas nem ao que o mundo é, mas somente ao modo como a própria pessoa vê o mundo [...]. Husserl, ao falar da empatia (posteriormente a tese defendida por Edith Stein), dizia que a vivência empática é o canto escuro onde aparece para os infantes filósofos, os fantasmas do solipsismo [...]. É exatamente o solipsismo que Edith Stein evita com sua investigação sobre o problema da empatia, pois pela comunicação intersubjetiva, uma pessoa pode testar, verificar ou retificar aquilo que ela pensa sobre o seu interlocutor e sobre o mundo [...] (ALFIERE, Franceso, 2014, p. 143). Na realidade, ao pensar no solipsismo, há um direcionamento para outro, uma vez que se pensar no “eu” surge o alter ego, estabelecendo-se dessa forma uma relação de alteridade. “Edith Stein propõe uma ótima observação sobre o solipsismo. No seu dizer, o solipsismo pressupõe sempre a alteridade: afirmo que sou só porque sei que há outros; não me viria à mente afirmar o solipsismo se não pressupusesse uma pluralidade. Isso nasce talvez do temor da solidão; portanto, do temor de ser abandonado pelos outros ou de ser isolado” (FILHO, 2014, p. 18).

singular, mas que não se encontra só, porque, como ele, existem outros que fazem parte do corpo social e que precisam interagir para estabelecer relações de amizade, de afetos, para tomadas de decisões que implicarão diretamente na construção ou não de uma sociedade mais pacífica e harmônica.

Quando o “eu” percebe o “outro” e se aproxima desse “outro” porque consegue apreender que ele não está bem, uma única palavra, um gesto, um olhar, poderá ampará-lo num momento de dor, como a perda de um familiar querido, e isso revela cuidado.

No momento em que um “eu” se aproxima do “outro”, apreendendo suas vivências, reconhecendo que poderia estar passando pelas mesmas dores, sofrimentos, tristezas, alegrias, nesse encontro entre empatizante e empatizado surge um movimento de direcionar-se para alguém que esteja precisando de acolhida por suas dores ou de compartilhar um momento de felicidade. E esse movimento é um despertar do fenômeno empático que proporciona ao sujeito a reflexão sobre sua essência e posição no mundo.

Entretanto, é preciso considerar que nesse encontro entre o “eu” e o “alheio”, cada um tem seu *modus vivendi*, carregando consigo suas vivências. Aquele que se põe diante do “outro” pelo qual sente empatia, ainda que não tenha passado pelas mesmas experiências do seu alheio, poderá alcançá-lo pela escuta, pelo silêncio que o envolve e pelo estado em que ele se encontra. O respeito pela humanidade do outro permite escuta, aproximação. A empatia é a luz que atravessa os olhos de um “eu” em direção a um “outro”, é um guia nas relações interpessoais, fazendo com que mãos sejam estendidas para acolher, amparar, é a possibilidade de compreensão até no silêncio do outro.

A relação empática, não faz com que o “eu” viva a experiência do “outro”, mas que se aproximem. Não é preciso viver as mesmas emoções que marca a vivência do outro, mas sim compreender que aquele outro, (merece respeito e atenção. Pode-se até não compreender o que o “outro” vive, mas é possível escutá-lo, saber o que ele tem a dizer, de forma que suas razões podem trazer experiências que o “eu” desconhece, de modo a provocar um encontro em um lugar desconhecido, mas que existe, é real e que, se afeta de alguma forma o alheio, de algum modo afeta a comunidade.

As vivências de cada um no corpo social através de suas ações e relações que

estabelecem com o outro, delineiam o tipo de sociedade que está sendo construída.

De forma que, pensar o homem e a mulher na sociedade do século XXI e como as relações são estabelecidas, alguns aspectos tomam grande relevo, pois irá implicar diretamente na forma de se olharem e se relacionarem, com as consequências advindas para a vida em comunidade.

Quando nos referimos às comunidades, há uma abrangência de cunho social, mas também o do sujeito individual, que pode ser tomado como a primeira comunidade, dentro do seio em que as pessoas se relacionam. Quando se refere ao sujeito, deve-se considerar o sujeito alheio, o “tu”, o “ele”, mas também o “eu” que vive no mundo e tem seu encontro com o “outro”. É nesse momento de encontro, de olhar, de troca com o outro que, com base no estudo da fenomenologia, as contribuições apresentadas por essa filósofa se faz merecedora de atenção e estudo para uma melhor compreensão dos atos da empatia e as respostas dela resultante na vida em comunidade ou sociedade.

É de fundamental importância destacar que, em suas considerações iniciais, são apresentados o sujeito e seu corpo físico, mas também o sujeito psicofísico que traz consigo suas sensações, emoções, apreensões e que irá dialogar com o seu alheio que também está envolvido com uma gama de emoções, sensações, que é constituinte do seu próprio “eu” e o torna singular no mundo.

Edith, ao longo de sua tese, apresentará ideias de alguns pensadores sobre o tema da empatia, confrontando-os e fazendo considerações sobre o que não é empatia, como bem observa Savian Filho (2014), para alcançar a compreensão do que, de fato, ela seja.

O primeiro desses pensadores será Lipps, cujas ideias ela dará um enfoque maior ao longo da segunda parte do seu trabalho. já que a primeira não se encontra em sua obra *Zum Problem der Einfühlung* (sobre o problema da empatia).<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> A tese de Edith Stein foi um trabalho muito volumoso e isso implicava custos, de modo que a própria filósofa pediu para a retirada de partes de seu trabalho. No entanto, essas partes foram extraviadas. “Edith Stein enviou um pedido por escrito à Faculdade de Filosofia da Universidade Albert—Ludwig de Baden (Departamento de filologia e História), solicitando permissão para publicar apenas parte de sua tese, uma vez que todo o trabalho na íntegra era muito volumoso e os custos de impressão seriam extremamente elevados” (STEIN, 2018, p. 563). O pedido foi deferido. A parte impressa leva o título sobre o problema da empatia e o subtítulo “Parte II/IV do tratado intitulado ‘O problema da empatia em seu desenvolvimento histórico e em reflexão fenomenológica’”. O exemplar datilografado do trabalho apresentado foi extraviado, bem como a parte não publicada (Parte I). O livro com as partes II/IV foi publicado no ano de 1917, em Halle (pela Buchdruckerei de Waisenhausen)” (STEIN, 2004, p. 563). Assim, as partes I, IV e VI não puderam ser conhecidas pelos leitores e estudiosos de Edith Stein.

Inicialmente, ela destaca a “relação simbólica” por ele apresentado. E firma a ideia de que a empatia, na verdade, ultrapassa a barreira do simbólico e far-se-ia necessário investigar não só o que se apresenta de imediato, mas o que subjaz em uma expressão de fala e manifestação apresentada pelo próprio corpo. Vejamos os seguintes exemplos apresentados pela filósofa: uma pessoa que se apresenta com um semblante triste, porém, em verdade, não está aflito. E um segundo caso: Quando alguém faz uma observação inoportuna e fica ruborizado por isso. Então, tem-se não apenas uma observação, mas a vergonha expressa no rosto que se apresenta.

Perceber a dor do outro, as expressões que revelam um estado de dor e sofrimento que podem vir acompanhadas de palavras ou não, é um ato de empatia. Não significa absorver a dor do outro, de modo a senti-la na própria carne, mas poder percebê-la, de modo a chegar ao alheio e com ele se comunicar de forma mais próxima.

### **3.2 Influências da Fenomenologia no Pensamento de Edith Stein**

Edith Stein está entre os grandes nomes que merecem destaques no campo da fenomenologia. A Assistente de Edmund Husserl, que fora para Universidade de Gotinga, como narra em sua autobiografia, seduzida pela fenomenologia e pelos fenomenólogos, pois desejava beber da fonte dos grandes nomes do círculo de filósofos dedicados a essa área, destacou-se por sua mente brilhante. Impressionou aquele que apontam como o fundador da corrente fenomenológica e não passou despercebida aos seus olhos. Husserl reconheceu nela uma grande capacidade intelectual, inclusive com aptidões para assumir uma cátedra na Universidade, como ela desejava, mas esse fato nunca aconteceu, pelo fato de, na época, ela ser “mulher”. Esse fato causou-lhe uma grande decepção, no entanto, a busca pela verdade que ela tanto perseguiu, a guiava por novos caminhos, como a aceitação da fé católica em sua vida em 1922 e que teve também impacto em suas investigações e posições como mulher e filósofa.

A empatia com base na filosofia fenomenológica sobre o qual ela se debruçou em sua tese de doutorado, a acompanhou em sua atuação na Cruz Vermelha no ano de 1915, quando foi servir como enfermeira, e merece destaque porque se pode perceber nesse momento da vida dela, o colocar-se num “laboratório vivo” ao abandonar seus estudos, família, amigos, para estar próxima daqueles soldados,

vítimas da guerra.

Com o término dos préstimos de seu serviço, ela dá continuidade aos seus estudos, onde em 1916 obtém *Summa Cum Laude*<sup>6</sup> o grau de doutora em Filosofia, como já referenciado. Esse breve preâmbulo sobre o trabalho de Edith Stein se faz necessário porque dele parte a compreensão de como a fenomenologia adentrou na vida dessa filósofa e que a acompanhou em todo o percurso de sua vida.

Um professor, amigo e filósofo da Renânia (região da Alemanha), Peter Wust (2017, p. 151), quando da tomada do hábito por Edith Stein, disse o seguinte: “Antes de conhecer Edith Stein nunca pensei que uma mulher pudesse possuir o dom da sabedoria filosófica”.

Sem dúvida, quando se investiga o pensamento de Edith Stein, tem-se um encontro com as ideias de uma filósofa com um pensamento que merece ser investigado. Como se percebe em seu trabalho sobre o problema da empatia, as ideias dela vão ganhando autonomia, mas é perceptível que a autora através dos confrontos com outros autores que apresenta, o faz amadurecendo o seu pensamento, a fim de ter domínio de suas próprias questões à medida que avança em suas linhas, vai colocando pontos e levantando questões para poder firmar suas ruminâncias teóricas.

O filósofo Edmund Husserl, orientador de Edith Stein, em seu doutorado, no início do século XX escreveu seu nome na História da Filosofia ao inaugurar uma nova corrente filosófica: a fenomenologia. Foi com a Obra Investigações Filosóficas que o filósofo alemão lançou suas ideias e atraiu para as suas aulas jovens entusiastas com o método fenomenológico, como a jovem Edith Stein que ao estudar na Universidade Popular de Bresvália<sup>2</sup> tomou conhecimento, através de seus estudos em Psicologia, sobre as Investigações Filosóficas de Husserl.

Conforme Stein (2018), de tal forma foi-lhe despertado o interesse pelos fenômenos que ela resolveu com o término do semestre se debruçar durante suas férias sobre a obra de Husserl e, assim, afirma que estava certa de que Edmund

---

<sup>6</sup> Para a obtenção do título de doutor, era necessário que o candidato em sua defesa obtivesse o *cum laude* que era uma boa nota; *magna cum laude* que era raramente concedido ou o *summa cum laude obtido por Edith Stein* Edith que só era concedido aos candidatos da Habilitação, que era o grau máximo. “Segundo a autoridade do pró-reitor Georg von Below e legitimamente constituído pelo decreto da ordem dos filósofos, eu, Alfred Koert, atesto por meio desse diploma que a ilustre senhora Edith Stein, de Bresvália, depois de apresentar sua dissertação Zum Problem der Einfühlung, obteve SUMMA CUM LAUDE o GRAU DE DOUTORA EM FILOSOFIA, que lhe é conferido tal como devido. Friburgo na Brisgóvia, 30 de março de 1917” (STEIN, 2018, p. 532).

Husserl era o grande nome da filosofia de seu tempo.

Assim, a jovem Stein, decepcionada com a Psicologia parte para os estudos em Gotinga.

Fora um erro desde o início pensar em fazer um trabalho em Psicologia. Todos os meus estudos em Psicologia me tinham convencido apenas que essa ciência ainda estava nos primeiros balbucios. Faltava-lhe o fundamento indispensável de conceitos de base clarificado, e ela própria não estava em condições de forjar para si tal conceitos. Ao contrário, se me fascinava tanto o que até então eu havia aprendido de Fenomenologia, era porque ela consistia especificamente nesse trabalho de clarificação e porque, nesse campo, se forjavam desde o início as ferramentas intelectuais de que se necessitava (2018, p. 277).

E assim, em 1913, aos 21 anos, Edith Stein (2018, p. 299), inicia com entusiasmo os seus estudos na Universidade de Gotinga. Afirma o seguinte: “Creio que só aqueles que estudaram lá entre 1905 e 1914, durante o curto florescer da escola fenomenológica de Gotinga, podem compreender tudo o que esse nome fez vibrar entre nós”.

Foi com esse espírito vibrante e sede de conhecimento que Edith iniciou seus estudos em Fenomenologia, seduzida pelas ideias de Edmund Husserl, enfrentando todos os desafios que lhe apresentavam o tema de sua dissertação sobre o problema da empatia. Em sua autobiografia, declara:

Foi preciso mobilizar mais energia intelectual do que para todos os trabalhos anteriores. Acho que quem nunca tentou pessoalmente fazer uma obra criativa em Filosofia, mal pode ter uma ideia de como é. Não me lembro, aliás, de ter sentido naquela ocasião nem um pouco do sentimento de felicidade que depois conheci em meu trabalho quando superava a dor de cada esforço (2018, p. 363).

Esse esforço intelectual de Edith Stein não foi em vão. Ela não ficou apenas conhecida como a aluna brilhante, assistente de Edmund Husserl. Mas consagra seu nome como filósofa, merecendo destaque seus pensamentos sobre a pessoa humana e sua singularidade, a comunidade e a empatia, abarcando diversas áreas de estudo como a psicologia, a educação, a religião, a política. Mas estudar Edith é descobrir uma potencialidade que parece não esgotar as áreas que podem ser exploradas, com os raios da fenomenologia presentes em seus trabalhos.

Mas, como compreender a Fenomenologia<sup>7</sup>?

Fenomenologia é uma palavra de origem grega e significa aquilo que se mostra. “Tomemos fenomenologia como reflexão sobre um fenômeno ou sobre aquilo que se mostra: é o que se mostra e como se mostra. O nosso problema é: o que se mostra e como se mostra” (BELO, 2006, p. 19).

Surge, então uma indagação: como compreender o que se mostra? Como compreender o fenômeno que se apresenta diante de mim?

Podemos diante dessa indagação tecer algumas breves considerações: aquilo que se mostra é o objeto que pode ser tanto o que se apresenta diante do sujeito, como, por exemplo um livro ou um sentimento como a felicidade, e a forma da compreensão é possível através da consciência humana. Agora, a maneira como esse objeto é apreendido não se dá de forma uniforme para todos, uma vez que cada pessoa poderá interpretar de maneira peculiar o fenômeno que está ocorrendo.

O pai da Fenomenologia estabelece um caminho que é percorrido num primeiro momento pela busca do sentido dos fenômenos: a redução eidética e numa segunda etapa, a redução transcendental.

Para alcançarmos o sentido, às vezes, sem esforço, conseguimos apreendê-lo, outras, será necessário um pouco mais de esforço para apreendê-lo. Nesse

---

<sup>7</sup> Um breve contexto para compreensão das investigações de Husserl sobre a fenomenologia: Husserl foi um crítico importante das ciências que vigiam em sua época, conhecidas como ciências positivas. “Para Husserl, a partir da segunda metade do século XIX, a visão de mundo e de ser humano passou a estar submetida às ciências positivas, o que significou pôr de lado questões essenciais relacionadas à humanidade genuína [...]. Através da redução positivista da ideia de ciência a uma mera ciência de fato, o conhecimento e o saber se tornaram apenas a verificação daquilo que o mundo e o ser humano são por meio desses fatos. (BELO, 2020, p. 20). Prevalencia, nos fins do século XIX, a psicologia como ciência capaz de fornecer as respostas para as questões do conhecimento e da lógica, mas Husserl com a fenomenologia rechaça essa ideia, conforme ZILLES “pela crítica ao psicologismo Husserl pensa a propriedade dos atos de pensar, perceber etc., a partir do seu conteúdo de sentido, ou seja, do pensado e percebido” (2007, p. 217). Husserl usou o termo fenomenologia pela primeira vez nas Investigações Lógicas (1901), em lugar da expressão “Psicologia Descritiva”, que usara até então. A consciência funda sentido como compreensão de algo que é (sentido do ser), através da intencionalidade, ou seja, através de sua orientação intencional para encher o vazio. O conceito de intencionalidade da consciência, por isso, é fundamental e constitutivo na fenomenologia de Husserl... Para Husserl, a fenomenologia é a descrição da estrutura específica do fenômeno (fluxo imanente de vivências que constitui a consciência) e, como estrutura da consciência enquanto consciência, ou seja, como condição de possibilidade do conhecimento, o é na medida em que ela, enquanto consciência transcendental, constitui as significações e na medida em que conhecer é pura e simplesmente apreender (no plano empírico) ou constituir (no plano transcendental) os significados naturais e espirituais. (ZILLES, 2007, p. 218). Bertolo Valle e Léo Peruzzo Júnior ao discorrerem sobre a fenomenologia apresentada por Husserl, dizem o seguinte: “Todo o empreendimento da proposição fenomenológica de Husserl almeja encontrar um fundamento acabado para a filosofia como ciência rigorosa. Nessa perspectiva caberia ao filósofo ter intimidade com o mundo interior que passa a ser denominado mundo transcendental em oposição ao exterior, entendido como transcendente. A realidade transcendente compreende a dimensão real ou empírica e, por sua vez, o transcendente expressa o ideal que está longe de ser o fictício” (VALLE & JÚNIOR, 2010, p. 53-54).

sentido, Belo afirma:

Nós intuímos o sentido das coisas, e para tratar desse tema, usamos a palavra de origem latina essência, portanto captamos a essência pelo sentido. Husserl usa também a palavra grega eidos (de onde vem a nossa palavra idéia, que neste caso não significa tanto um produto da mente, mas sentido), aquilo que se capta, que se intui (2006, p. 23).

Conforme o pensamento de Husserl (Apud, BELO, 2006, p. 23), é de fundamental importância que se possa chegar aos sentidos das coisas, muito embora nem sempre possamos captá-los. Ressalva, porém, que ao ser humano é dada essa capacidade de apreensão dos sentidos.

Isso nos permite, por exemplo, chegarmos à distinção de sentimentos, uma vez que temos a capacidade de senti-los, identificá-los, compreendendo como ele age em nossa consciência, fazendo com que tenhamos determinadas reações.

O segundo ponto em destaque é a redução transcendental.

De imediato é posta a questão: por que o homem está em busca de sentido? E também se busca elucidar quem é o homem. O sujeito será o alvo dessa análise. São questionamentos que se levantam em busca da verdade do sujeito.

No início do trabalho, destacamos que Edith tinha uma preocupação em entender quem é o ser humano, e não poderia ser diferente, pois ela seguia as ideias de Husserl que têm por base, em sua Fenomenologia, entender quem é o homem, pois a fenomenologia dele é do sentido, da compreensão do que se apresenta, das coisas que estão no mundo, que são reais.

Será através dos atos, seja através dos sentidos como o tátil ou visual, os quais têm um destaque especial por Husserl, que o ser humano se aproxima do sentido das coisas, do que ele vê, do que ele sente, e isso se dá através da consciência que permite que esses registros sejam feitos, processados e compreendidos. Para ele, todos os sentidos são fundamentais, mas o tato é o que merece destaque pois é aquele que nos põe nos aproxima dos limites do real, poderíamos assim expressar. Vejamos as considerações a seguir de BELO, quanto a esse aspecto afirmando que:

O tato, segundo Husserl, é o sentido mais importante em absoluto, porque através dele registramo-nos no espaço. O tato nos dá, portanto, a sensação do nosso corpo e do corpo externo ao mesmo tempo. Não só a distinção, mas também a conexão, a conexão e a distinção entre o nosso corpo e o corpo diverso. A visão nos orienta, certamente, mas, com a visão não podemos perceber o confim do nosso corpo, uma vez que não podemos vê-lo todo. É através do

registro dos atos do tato, da visão, da audição, do olfato que podemos dizer que temos um corpo (2004, p. 37).

A fenomenologia apresentada por Husserl finca-se no campo da consciência. Ora, eu percebo, eu sinto, eu ponho entre parênteses o fenômeno, eu compreendo os sentidos das coisas, mas tudo isso só se torna possível porque passa pelo nível da consciência que perpassa a estrutura do indivíduo quanto ao aspecto físico, psíquico e espiritual.

Esse pôr entre parênteses é a *epoché*, palavra de origem grega cujo significado é a suspensão de juízo. As duas etapas anteriormente apresentadas são o caminho traçado por Husserl para compreensão do fenômeno que se manifesta diante da pessoa.

Observemos a seguinte situação, conforme Miribel (2001), Edith Stein, chamada por Anna, a viúva do professor Reinach<sup>8</sup>, para organizar um material filosófico para uma posterior divulgação é surpreendida pela fortaleza com que sua amiga estava revestida, muito embora abatida pela Cruz que tinha recebido. De tal forma que Stein, já no Carmelo dirá a um padre:

Este foi meu primeiro encontro com a Cruz, com esta força divina que ela emana aos que a carregam. Pela primeira vez a igreja nascida da Paixão de Cristo, e vitoriosa sobre a morte, me apareceu visivelmente. No mesmo instante a minha incredulidade cedeu, o judaísmo empalideceu aos meus olhos e a luz de Cristo refulgia em meu coração (2001, p.60).

Diante dessa situação vivida por Edith Stein, surge a busca pela compreensão do que ela tinha diante dos seus olhos. Ela observa e seu espírito da fenomenóloga indaga: o que está acontecendo? Que fé é essa? Que Cruz é essa que na dor traz a paz? Assim, Edith rechaça qualquer tipo de preconceito, há um esvaziamento para chegar as coisas mesmas. Parte-se de uma atitude reflexiva, a fim de apreender o que até então era mistério.

Edith Stein em busca da verdade, inquietação que sempre a acompanhou, encontra na fenomenologia um caminho para esse encontro. É certo, entretanto, que

---

<sup>8</sup> Adolf Reinach faleceu em 1917, num combate durante a I Guerra Mundial. Quando Edith Stein foi estudar em Gotinga, ele era o intermediário entre os estudantes e Husserl. Edith Stein ao comentar sobre o primeiro juízo feito a respeito dele, disse: "Tinha a impressão de ainda não ter encontrado alguém de uma bondade tão verdadeira" (2018, p. 315). Edith confiou a Reinach a leitura das ideias iniciais do seu trabalho, antes mesmo de Husserl, e ela que sofrera como disse em sua autobiografia "das dores do parto intelectual", sentiu-se aliviada ao ser incentivada por esse professor (ele e a esposa dele, Anne, se tornaram amigos de Edith Stein) a dar continuidade ao seu trabalho.

a verdade que ela dirá que encontrou não ocorre nos anos de estudos em Gotinga, mas essa verdade vai se descortinando, poder-se-ia dizer, ainda nesse período. A verdade que Edith Stein dirá que descobriu acontece com seu encontro com a Cruz de Cristo, mas isso é algo que ela só afirmará como a Verdade que sempre perseguiu após sua conversão ao cristianismo e que não se aparta da fenomenologia, muito pelo contrário, ela a ajuda a questionar-se sobre o que ela enxerga na cruz, que fenômeno é esse? De reconhecer que não sabe o que se apresenta a ela e de perseguir a verdade.

Essa verdade que ela encontra não parte, pois, do encontro com Deus misterioso, para a compreensão dos sentidos das coisas, ainda que não se possa desvendá-lo de imediato? Dessa forma, buscando o sentido das coisas, a compreensão do que se põe diante dos olhos humanos, é que essa filósofa, com dedicação e imersa em seus estudos da fenomenologia, trilha as direções apontadas por seu mestre e vai refletir sobre o sentido das coisas, a constituição da pessoa humana e suas vivências, estudo que a acompanhará em todos os campos de sua jornada como pensadora, filósofa e convertida a fé cristã, no Carmelo, como irmã Teresa Benedita da Cruz.

O que Edith Stein entendia pela verdade cujo desejo a moveu em todos os momentos de sua vida? A resposta me parece ser: A verdade é a objetividade; é verdadeiro tudo aquilo que aparece com clareza e total limpidez para a consciência. Edith Stein buscava essa clareza e limpidez, de modo que o seu desejo de verdade se mostra como um desejo de objetividade ou um desejo de clareza. Tal desejo permanecerá mesmo nas obras místicas de Edith Stein, pois ela não defende uma mística irracionalista ou de rompimento com o pensamento. Ao contrário, ela propõe uma mística que reconhece a insuficiência da compreensão e do discurso racional perante o mistério divino, sem, porém, negar a possibilidade do discurso racional perante o mistério divino, sem, porém, negar a possibilidade humana de em alguma medida perceber esse mistério (FILHO, 2017, p. 9).

É nos seus estudos sobre o problema da empatia que esse trilhar pela verdade será perseguido, ao investigar sobre os atos da empatia no “eu” que empatiza com o empatizado, a partir das vivências. O “eu” com suas particularidades, constituído como pessoa humana, único, singular, dentro da comunidade. O “eu”, primeira comunidade que abarca dentro de si suas experiências que o distingue e o aproxima do “outro”.

Stein analisa os atos da empatia como ato envolvido de um conhecimento da pessoa, numa visão antropológica. Que é o homem? Esta foi a indagação inquietante e, por conseguinte, sua paixão como filósofa, ou seja, amante do saber da estrutura ôntica do homem. Assim, a perspectiva fenomenológica concede a Stein um caráter de aprofundamento à essência vivencial alheia. As características da pessoa fornecem dados, neles mesmos, para a verdade. A experiência empática contém, nela mesma, os eidos, a essência dos atos (ALMEIDA, 2014, p. 9).

Para uma melhor análise dessas ideias sobre a essência dos atos e o sentido das coisas é que se faz importante compreender a questão do método indicado por Husserl, observando as etapas que foram apresentadas e que percorrem, a fenomenologia de Husserl, o trabalho de Edith Stein Sobre o problema da empatia.

### **3.3 Descrição da Empatia em Comparação com Outros Atos Empáticos**

Os atos empáticos são muito importantes para uma comunidade mais bem estruturada, por se tratar uma via de acesso à vivência do outro. O encontro entre empatizante e empatizado é uma troca sincera de reconhecimento; é o valor de cada pessoa em sua singularidade. Aldair Sberga ao discorrer sobre o ato empático com muita percuciência comenta:

Por meio de dois passos da epóqué, que são a redução à essência e a redução ao sujeito, é possível identificar como acontece esse ato empático. O indivíduo chega a captar que o outro é um ser humano como ele e tem sensações e sentimentos como ele; por exemplo, pode sentir a dor que o outro sente porque também tem a vivência da dor e, ainda mais, pode refletir sobre o seu sentir a dor do outro (2021, p. 29).

O ser humano é complexo, contudo, podemos nos aproximar da vivência do outro, captar o que o outro pode estar sentindo, porque cada pessoa é um mistério a ser perscrutado. Emerge, portanto, a subjetividade, o “eu” com suas verdades, incertezas, medos e ilusões que move e torna o ser singular. Não obstante, o campo que esse ser humano se movimenta é ocupado pelo alheio que também possui incertezas, dúvidas, temores, fantasias que impactam o mundo em que vive.

Assim, pensamos também na questão da intersubjetividade, ou seja, o sujeito que se relaciona no mundo com suas especificidades e múltiplas possibilidades de ser e de agir, que possa reconhecer no outro o sagrado da existência, respeitando e

reconhecendo sua dignidade humana.

Cada ato de empatia configura uma apreensão de um ato sentimental e o fazemos na dimensão espiritual na medida em que nos relacionamos com o outro, não o considerando como objeto ou mantendo vínculos utilitaristas, mas percebendo-o como pessoa integral a integralizar-se (STEIN, 2018, p. 43).

Edith Stein sentiu-se desafiada com o trabalho do doutorado, segundo seu entendimento, a empatia, muitas vezes, era confundida com atos que não correspondem aos empáticos.

Atos empáticos geram nas relações um processo de escuta e tolerância.

Num mundo ruidoso como hoje em que tantas vozes gritam, faz-se necessário o silêncio, o olhar atencioso para perceber os que muitas vezes não têm voz e passam despercebidos no meio da multidão agitada, apressada, que corre, precisa ganhar dinheiro, não podem parar.

### **3.3.1 A empatia e a Percepção Externa**

Nesse trilhar de compreender a empatia em sua essência, merece destaque uma análise da percepção externa, observando, demonstrando o que ela não é.

Mas, como compreender percepção? Alfiere apresenta a seguinte consideração:

A palavra latina perceptio possui etimologicamente a mesma característica da palavra grega dianoia, isto é, possui o caráter de uma apreensão dos dados que se mostram à consciência por meio do pensamento (o que caracteriza ao pé da letra a tradução de dianoia ou perceptio). A percepção não é, portanto, a mera sensação, mas a apreensão do conteúdo totalmente determinado de um objeto, como diz Stein. Trata-se, portanto, de um tomar por certo e verdadeiro no pensamento (Warhnehmen). A percepção é, portanto, apreensão direta do objeto, inclusive em seu caráter de atualidade originária, distinguindo-se de outras formas de direcionamento para os objetos. Como assegura Edith Stein, o ser em carne e osso disto que se apreende distingue a intenção perceptiva daquela recordação e da fantasia, que se apresentam unicamente pela imaginação (cf. Stein, Introdução à Filosofia). Perceber é um tomar a coisa em um sentido determinado e preciso (2014, p. 139).

Dessa forma, podemos dizer que a percepção é flagrar, captar o que se apresenta de forma real no corpo vivo, como as expressões que estão estampadas

no rosto de alguém; no entanto, a dor, como diz Juvenal Savian, não é percepção externa porque

não é possível ter percepção externa da dor. O que tenho, no nível da percepção externa, são os traços físicos de meu amigo, sua face de dor, mas isso não significa perceber fisicamente a dor, pois, embora a dor apareça junto com traços físicos, esses traços não são a dor, nem a minha dor se confunde com a percepção física dos traços da dor (2014, p. 36).

Em *A Arte de Educar*, Parise (2018), lembra que o homem possui uma dimensão física, mas também psicofísica, de modo que é preciso que se compreenda que são dimensões distintas e que a captação da vivência alheia não pode ser em sua totalidade apreendida de forma plena, uma vez que, diferente do físico que se vê, o fenômeno empático não apenas irá considerar a questão da corporeidade, expressões, gestos, mas de 'sentimentos'.

Nessa análise, quando se trata da questão da percepção externa, pode-se afirmar que perceber a dor alheia é poder sentir e compreender que essa dor pode ter várias faces, e quando eu a percebo, posso recebê-la de forma empática.

Poder-se-ia pensar num cubo girando, em que cada lado apresenta, é uma captura da expressão dessa dor e que pode ao girar trazer percepções diferentes, pois a cada instante, em cada giro diferente, um novo movimento ocorre e traz novas expressões, mas a dor é o que move cada ato desse movimento.

O "eu" pode flagrar a expressão de dor que se manifesta no "outro", no "alheio", seja no momento em que as lágrimas escorrem pelo rosto, seja no momento em que as lágrimas estão sendo enxugadas, ou ainda, seja no momento em que se rompe um choro. São faces que podem ser captadas e apreendidas numa relação entre os sujeitos.

Assim diz a filósofa sobre essa questão com relação a percepção externa:

A dor não é uma coisa e não me está dado dessa maneira nem sequer quando eu a percebo no semblante doloroso que eu percebo externamente e como o que está dado a alguém, a comparação com os dados separados do objeto, visto que fica perto, porém não é muito vaga, pois eu sempre posso trazer e dar originalmente novos lados do objeto em percepção progressiva. Em princípio, qualquer lado é acessível a esse modo preferido de dar-se (STEIN, 2004, p. 23).

Assim, podemos depreender que o ato de perceber o que se apresenta externamente é uma porta que pode dar acesso ao que o outro está vivenciando, mas

essa compreensão não se restringe ao que, de imediato, é visto. Uma conversa, por exemplo, também pode revelar o que a aparência não mostra e fazer com que haja um direcionamento do “eu” para o “outro” através da relação intersubjetiva. O objeto, a dor aproximam duas pessoas que não se mesclam, porque são únicas, mas possibilita a aproximação e compreensão do outro.

Esse nível de consciência, seria o dos atos perceptivos; e um segundo, seria o dos atos reflexivos.

Esses atos reflexivos permitem a pessoa humana uma melhor compreensão de tudo o que a rodeia, suas vivências e o seu lugar no mundo.

Só ao homem são reservadas essas vivências. Ele é um ser potencialmente dotado de capacidade de reflexão, isto é, de dar-se conta do que está fazendo. Um ser que percebe e que se percebe. Por exemplo, percebo que meu amigo percebeu a caneta caindo. Em outras palavras: vejo a caneta caindo da mesa e vejo meu amigo vendo-a. Há aqui dois atos: de perceber a caneta e de perceber meu amigo percebendo. Também posso perceber a caneta caindo e perceber que estou percebendo (ALMEIDA, 2014, p. 15).

É através da reflexão, tomada de consciência dos atos que pratica e também daquilo que o circunda que o sujeito, como acreditava Edith Stein, poderá ir em busca da verdade, por ser necessário para uma melhor compreensão do próprio eu e do outro, como também, do lugar em que está inserido causando impactos em suas ações.

Edith Stein se propôs ao estudo da empatia e é por meio dele que buscou compreender as vivências do ser humano, sujeito singular, que, em comunidade, sociedade, vive um processo contínuo de aprendizado ao aproximar-se de outras pessoas com suas experiências e ao se colocar no mundo apresentando também as suas. Assim, num processo de acolhida e recepção do que o outro apresenta e também de um despojar-se através de suas experiências apresentadas aos que o circunda.

De forma que esse sujeito que é observador e se observa também está num permanente movimento que possibilita o encontro com o outro. E nesse processo de colocar-se diante do outro através de gestos, expressões corporais, vivências vão sendo relevadas e relações de empatia estabelecidas.

No que concerne ainda à percepção externa, Savian Filho esclarece:

Edith explica que a percepção externa é o título que damos a atos em que o ser espaçotemporal típico de uma coisa e o seu dar-se ocorre em carne e osso e hic et nunc, aqui e agora. Na empatia, o objeto também se dá hic et nunc, aqui e agora, mas não em carne e osso, isto é, não com o ser espaçotemporal típico, com seu dar-se também físico. A experiência empática é de outra ordem (2014, p. 36).

A relação empática assume uma dimensão que vai além da percepção externa, do que se pode perceber do corpo físico, mas abrange uma dimensão que é dos sentimentos, sensações que afetam o corpo e passa pela consciência, mexendo com a vida interior.

Referindo-se a essa questão sobre a percepção externa Aldair Sberga elucida que, para Edith Stein, se uma relação ocorre apenas quando se tem a percepção externa, esta ficará restrita ao corpo físico. Será necessário para que se possa estabelecer uma relação de maior aprofundamento um perpassar pelo “âmbito do físico e espiritual, o que permitirá “a vivência da empatia” (2021, p. 31).

### 3.3.2 A Empatia e a Originariedade e não Originariedade

Uma questão que merece atenção em Edith Stein é a empatia e a questão da originariedade e não originariedade.

Uma pergunta que inquieta a filósofa: “Possui a empatia a originariedade da própria vivência?” (2004, p. 23).

A essa indagação, vem a seguinte resposta dela própria, ou seja, “Originárias são todas vivências próprias presentes como tais. O que poderia ser mais originário que a própria vivência? Mas nem todas as vivências são dadas originariamente, segundo seu conteúdo” (2004, p. 23)<sup>9</sup>.

Ora, a vivência assume um caráter único para cada sujeito, porque a vivência revela estados vitais e sentimentos vitais na pessoa humana.

Torna-se, dessa forma, necessário um breve comentário sobre estados vitais<sup>10</sup>, sentimentos vitais<sup>11</sup> e força vital<sup>12</sup>, uma vez que ao falarmos sobre vivência essas

<sup>9</sup> “Originarias son todas las vivencias propias presentes como tales -qué podría ser más originário sino la vivencia misma? -. Pero no todas las vivencias están dándose originariamente, no todas son originarias según su contenido” (STEIN, 2004, p. 23).

<sup>10</sup> Conforme SBERGA os estados vitais são aqueles como “fome, frio, sono” e irá se revelar de acordo com “a consciência da pessoa” (2021, p. 114).

<sup>11</sup> Sentimento vital “é a consciência de um estado vital e a consciência de estar com fome é o momento constitutivo da vivência. Aquilo que não se tem consciência não é vivência” (SBERGA, 2021, p. 114).

<sup>12</sup> Força vital, diz Adair Sberga: “Stein ainda complementa afirmando que os estados vitais mudam, mas

questões estão intrinsicamente ligadas a ela (vivência).

O estado vital em que uma pessoa se encontra poderá ser determinante para que ela tome determinadas atitudes. Por exemplo, no famoso acidente aéreo ocorrido em 1972, na Cordilheira dos Andes, em que os sobreviventes da queda do avião, dezesseis, dos quarenta e cinco passageiros, tiveram que praticar a antropofagia para sobreviverem. A fome – estado vital – foi determinante para que os tripulantes daquela aeronave caída no meio do gelo se alimentassem dos corpos de seus companheiros.

Angela Ales Belos apresenta o seguinte esquema que clarifica o ciclo do exemplo acima apresentado: “Da força vital emergem estados vitais; dos estados vitais emergem sentimentos vitais e damos conta disso por meio das vivências da consciência” (BELO, 2015, p. 38).

De modo que se poderia pensar com a pergunta posta a partir do sujeito que escuta tal colocação, isto é, “Alguns de vocês não o fariam? O indivíduo é convocado para um deslocar de si até a vivência do outro, porém, ele não vivencia de forma original o que foi vivenciado pelo sujeito dessa experiência. Se haverá empatia ou não ao escutar tal narrativa não se sabe, mas supondo que sim, então, podemos observar quem passou por essa experiência e a vivenciou de forma original. Segundo Renaldo Elesba (2014, p. 29), “O sujeito que tem a experiência possui em si mesmo o *eidos* originário. O sujeito que empatiza possui também o *eidos* não originário do vivenciar”.

Mas, prossigamos com Savian Filho que faz a seguinte observação:

Edith identifica o caráter da originariedade nas vivências próprias especificamente enquanto são doadoras de sentido à reflexão de um sujeito que se dá conta delas [6/16] {77} {87}, ou seja, “no momento” da aparição à consciência em primeira pessoa. Em outros termos ainda, como “experiência presente” ou atual [...] (2014, p. 37).

Poderíamos pensar na seguinte situação: Quatro irmãos recebem a notícia do falecimento da mãe. O modo de sentir essa perda será vivenciado de forma única e singular por cada um desses membros. Todos sofrem. Todos choram. Mas como será aceito, experimentada essa dor? Ela acontece de forma originária para cada um deles.

Os colegas de escola que os apoiam, são jovens, de idade próxima, que ainda não vivenciaram essa dor, ela não lhe é originária, mas eles também se entristecem

---

ao mudar, permanece sua qualidade que é duradoura e persistente, a isto é, a força vital” (2021, p. 114).

e esse sentimento passa a ser o do grupo do qual ele faz parte. De forma que o grupo ao se solidarizar com essa dor, os acolherá. E esse dirigir-se ao outro, acresce as vivências comunitárias, acumulando-as de saberes que vão se perpetuando pelos sujeitos que nela habita, a fim de que o sentido de comunidade permaneça.

Desde o nascimento o ser humano vai acumulando vivências, como por exemplo, o da criança que é deixado na escola pelos pais e sofre, chora, com aquele momento de separação. Tais experiências possibilitam ao sujeito a compreensão de saber o que significa separar-se de alguém que se ama, ainda que não seja a dor pelo falecimento de uma pessoa amada, até mesmo ser acometido por tais sentimentos em tais situações. “Cada eu individual vive como pessoa e como comunidade. No segundo nível, nós não somos absorvidos pela comunidade, pois permanecemos sempre como eu pessoal. Assim, vivemos de modo pessoal aquilo que a comunidade vive” (BELLO, 2015, p. 88).

É nessa vivência individual que o “eu” se distingue do “tu”. Mas o que é a vivência? O que é a experiência? No decorrer da tese de Edith Stein a palavra vivência perpassa o texto dela e aqui merece uma atenção. Pois a vivência remete aos atos vitais e os sentimentos vitais.

Os estados vitais e os sentimentos vitais -a seu modo – são também vivências: vivências reais, vivências da consciência. Nós vivemos o estado de ânimo realmente na psique, mas nos damos conta no nível de vivência da consciência. Stein afirma, ainda: as vivências mesmas – e, em parte, também o conteúdo delas – são manifestações de estados e de qualidades reais, assim como os sentimentos vitais o são (BELLO, 2015, p. 39).

Para uma melhor compreensão da experiência, BELLO (2015) afirma que quando na fenomenologia se fala sobre a experiência, é preciso estar ciente de que há “a dimensão da consciência pela qual o ser humano é consciente”, aparecendo a experiência viva. De modo que, “a experiência viva é vivência”. Assim, pode-se afirmar que a experiência e vivência se coincidem. E Husserl considera que a experiência passa pelas vivências das quais se tem consciência.

Para Bernardo Teixeira Cury e Miguel Mahfoud sobre a vivência, afirmam que,

O termo vivência (Erlebnis) é usado especificamente na fenomenologia para designar aquilo que “eu vivo”, “aquilo que eu estou vivendo agora.” Disto decorre algumas consequências: a vivência se refere a um eu, portanto precisa de um sujeito que a apreenda; ela é vivida por esse eu, isto é, a vivência é apreendida não apenas factualmente, mas enquanto portadora de significado; por último a

presença se apresenta sempre no presente, inserindo-se dentro de um fluxo de vivências anteriores e mantendo, ao mesmo tempo, uma conexão com elas (é um fluxo) e o seu caráter de novidade (2013, p. 218).

A vivência traz o caráter da individualidade, é peculiar de quem a vive. Ela permite ao sujeito o preenchimento de sua história e a forma como se comunica com o alheio.

### **3.3.3 Recordação, Espera, Fantasia e Empatia**

Ao discorrer sobre a questão originariedade, Edith Stein, diz que: “A recordação de uma alegria é originária enquanto ato de presentificação que agora se realiza, mas seu conteúdo – a alegria – é não original” (STEIN, 2004, p. 24).

A lembrança de um momento de alegria, como no exemplo, pode se tornar um ato empatizado no momento em que está sendo recordado, e nesse instante é um ato originário, a vivência desse sentimento ocorre e o “eu” pode participar dele. Mas, para ela, o conteúdo desse ato é não original, uma vez que já tendo sido vivenciado em determinado espaço-tempo, ao recordar essa alegria, ela se torna objeto intencional, surgindo, o “eu” do passado.

Sobre a questão desses atos, Savian Filho comenta:

Edith esclarece que, de certa maneira, todas as nossas vivências são originariamente doadoras de sentido, mesmo no caso da recordação, da expectativa e da fantasia, pois a recordação traz par o presente algo considerado passado; a esperança, algo futuro; e a fantasia, algo formado com base em experiências havida. Todavia, no caso da experiência empática, a vivência do sujeito que empatiza não é a mesma do sujeito empatizado, diferentemente do frio que posso ver em meu amigo e que outra pessoa também pode ver. No caso da dor, não “vejo” a dor de meu amigo, e, se uma terceira pessoa empatiza conosco essa experiência de dor, também não se “verá, ainda que se dê conta dela tanto como eu. Portanto, a originariedade de um ato empático não é do mesmo tipo que aquela que caracteriza a percepção do frio, a intuição de uma a apercepção de um valor. Para marcar essa diferença Edith Stein preferirá dizer que a empatia é cooriginária por seu sentido, não por seu ato (2014, p. 37).

Quando há uma aproximação do “eu” com o outro, através da empatia, a dor, alegria do alheio, será originária nele. Perceber o que o alheio está sentindo pode permitir um direcionamento até ele, mas a individualidade dos sujeitos é mantida. Os sentimentos de dor de alegria, não serão vivenciados da mesma pelas pessoas que

estão face a face. É preciso compreender que elas possuem vivências singulares, que na comunidade, sociedade, podem somar experiências e isso é importante para memória e fortalecimento dos grupos, mas dentro desses núcleos, o respeito pela vivência de cada pessoa que ali participa é fundamental para consolidação de um ambiente mais democrático e aberto ao diálogo.

Necessário se faz uma breve distinção entre comunidade e sociedade. A primeira comunidade não é aquela que se encontra ao nosso redor, mas a comunidade surge, aparece, quando nasce uma pessoa. Essa comunidade é dotada de emoções, sentimentos, corpo, espírito. É a minha comunidade que vai ao encontro do alheio que é comunidade também. Dessa forma, o olhar do “eu” para o “outro” é um encontro que eu tenho com uma extensão de mim mesmo, porque reconheço no outro um corpo cujos membros se assemelham ao meu, que tem sentimentos e emoções, ainda que cada um os vivencie de forma única.

De tal forma que, quando o “eu” reconhece que a comunidade a qual pertence é extensão de seu próprio ser, o outro não será um estranho, um indiferente, mas um semelhante que convoca a um olhar atento e cuidadoso, uma vez que se torna uma extensão do próprio eu, que poderia, por exemplo estar vivenciando a mesma dor, sentimento que o outro vivencia.

Quanto ao entendimento de sociedade destaca que:

Trata-se de uma união de pessoas para uma finalidade racional. Nela cada um é considerado por aquilo que serve à sociedade num certo momento, ou seja, não como pessoa. Numa sociedade financeira, cada um coloca seu dinheiro e os outros o consideram tomando por base à proporção que aquela quantidade representa no conjunto (BELO, 2015, p. 98).

Enquanto na comunidade um vínculo se estabelece entre as pessoas, o que gera cuidado, responsabilidade, relações éticas; na sociedade, há um distanciamento entre os membros ali participantes o que implica em ações voltadas para interesses próprios e não comum.

Na comunidade, existe o sentimento de responsabilidade e isso implica cuidado com o alheio que está inserido nesse mundo em que encontros estão sempre acontecendo. E será ao reconhecer no outro uma singularidade, mas também uma parte da minha própria constituição que o autoconhecimento tão necessário para reconhecer o outro e empatizar com ele, surge.

A questão da responsabilidade e cuidado, será mais detalhada num próximo

capítulo.

Porém, retornando à análise proposta por Stein (2004), referente aos graus ou modalidades que poderão ser identificados quando ocorre o ato empático, destacam-se os seguintes pontos:

- “A aparição da vivência”. Pode ocorrer naquele instante em que o “eu” consegue apreender a vivência do outro, ela surge através de sinais que emergem do outro;
- A “explicação preenchedora”. É quando se consegue apreender o sentido da outra vivência, de modo que ela não será apenas um objeto, mas uma vez captada, ela torna-se sujeito.
- “A compreensão objetiva da experiência explicitada”. É possível alcançar a compreensão do que o outro está vivendo, no entanto, apenas quanto à questão de conteúdo.

Sendo assim, procura esclarecer, de forma mais lógica essas questões considerando que:

No primeiro e terceiro grau, a presentificação representa o paralelo no originário da percepção, enquanto que no segundo grau corresponde a atuação da vivência. Mas o sujeito da vivência empatizada - e esta é a novidade fundamental frente a recordação, a espera e a fantasia, das próprias vivências – não é a mesma que realiza a empatia, senão no outro. Ambos estão separados, não ligados por uma consciência do mesmo, por uma continuidade de vivência. E enquanto vivo aquela alegria do outro não sinto nenhuma alegria original, ela não brota de mim, tampouco tem o caráter de ter estado viva antes como a alegria recordada. Mas muito menos ainda é mera fantasia sem vida real, antes que outro pequeno sujeito tenha originalidade, embora eu não tenha experimentado essa originalidade; a alegria que vem dele é uma alegria original, embora eu não a experimente como original (STEIN, 2004, p. 27).<sup>13</sup>

De tal modo que, através da análise dos atos empáticos tem-se a apresentação do que é vivido de maneira originária ou não originária, sobressaindo-se questões

---

<sup>13</sup> “El primer y tercer grado, la presentificación representa el paralelo no originario de la percepción, mientras que en el segundo grado corresponde a la actuación de la vivencia. Mas el sujeto de la vivencia empatizada – y ésta es la novedad fundamental frente al recuerdo, la espera, la fantasia, sino otro. Ambos están separados, no ligados como allí por una conciencia de la mismidad, por una continuidad de vivencia. Y mientras vivo aquella alegría del otro no siento ninguna alegría originaria, ella no brota viva de mi yo, tampoco tiene el carácter del haber-estado-viva-antes como la alegría recordada. Pero mucho menos a un es mera fantasia sin vida real, sino que aquel otro sujeto tiene originalidad, aunque yo no vivencio esa originalidad; la alegría que brota de él es alegría originaria, aunque yo no vivencio esa originalidad; la alegría que brota de él es alegría, aunque yo no la vivencio como originaria” (STEIN, 2004, p. 27).

relevantes da estrutura psicofísica da pessoa humana para uma melhor compreensão do fenômeno da empatia.

### 3.4 Edith Steinhilber Dialoga com Alguns Teóricos

Edmund Husserl havia entregue a Stein a tarefa de desenvolver seu trabalho confrontando com as ideias de Lipps, o que lhe pareceu um exercício árduo, de início, mas aceitou o desafio. Assim, Lipps é bastante presente em seu trabalho, mas diversos outros autores aparecem, a exemplo de Geiger, Witasek, Münsterberg e Max Scheler, que a seguir serão apresentados, numa breve exposição de ideias que Edith expôs em sua tese. Dentre esses autores, será dado um realce sobre a simpatia de Scheler que apontam questões sobre percepção e vivência, como apresentado no texto sobre a empatia de Edith Stein.

#### 3.4.1 Theodor Lipps

Para Theodor Lipps, a empatia ocorreria por meio de uma predisposição, seria algo que se manifestaria de forma instintiva e a imitação seria responsável por captar o que o “outro” está apresentando, de forma que essa captura, apreensão seria responsável pela empatia. Os aspectos psicológicos são considerados para a análise e compreensão dos movimentos que o outro apresenta e que o “eu” apreende e sente.

Edith em sua confrontação com Lipps, dirá:

A descrição que Lipps oferece da vivência da empatia concorda em muitos pontos com a nossa, mas com algumas ressalvas, (prescindimos das hipóteses genético – causal sobre o desenvolvimento da empatia – a teoria da imitação interna que nela se mistura quase em toda parte com a pura descrição) (2004, p. 28).<sup>14</sup>

Ainda, em sua análise sobre Lipps descreve que, “a empatia como uma participação interna nas vivências alheias” (STEIN, 2004, p. 28), o que seria um grau superior de empatia.

---

<sup>14</sup> La descripción que Lipps ofrece de la vivencia de la empatia concuerda em muchos puntos com la nuestra (prescindimos de la hipótesis genético-causal sobre el desarrollo de la empatía - la teoría de la imitación interna – que en él está mezclada casi por doquier con la descripción pura)” (STEIN, 2004, p. 28).

Stein (2004), observa que a recordação e a espera é um aproximar-se do outro por meio da vivência. Na vivência se tem a vida que tem sonhos, expectativas, angústias, medos, sentimentos que move a pessoa humana e o torna vivo, circulante no tempo presente, mas que se encontra também no passado. Mas esse encontro não é apenas com as recordações, do mundo interior, mas também com o que se apresenta no mundo físico. E que movimento se dá quando se fala da espera, senão o de um encontro com o futuro? E quem é esse “eu” que está a se deslocar para esse encontro que é incerto e obscuro? Não seria esse “eu” o passado e o presente que reúne as vivências únicas, que reúne o ontem e o hoje e estendendo-se até o amanhã?

Edith Stein (2004), apresenta as ideias de Lipps sobre o vivenciar plenamente e sobre esse ponto comenta que, para ele, as vivências das quais se tem conhecimento “tanto a recordada e esperada como a empatizada tendem a chegar a ser completamente vivenciada. E assim ocorrerá, caso não haja nada que venha a se interpor nesse vivenciar. Contudo, ao confrontar com essas ideias, ainda destaca que tal teoria ao tempo que apresenta ponto concordante com a dela quanto à questão da recordação, espera, empatia, diverge, apresenta uma negação quanto à questão da “completa coincidência com o eu que recorda, que espera ou que empatiza, que ambos cheguem a ser um” (2004, p. 29).

Edith discorre sobre a experiência empática paralela e para uma melhor compreensão, apresenta o exemplo de uma pessoa que expressa sua alegria por ter conquistado êxito em um exame, revelando a um amigo. E apresenta três situações possíveis para compreensão da empatia paralela. Primeiro, a apreensão da empatia. Isso implicará na alegria originária. Segundo, não se apreende a alegria do outro, ainda que a alegria possa ser sentida. E, ainda, após ter-se “alegrado bastante”, a alegria tornar-se-ia um deleite.

Essas colocações nos fazem pensar numa maneira em que o ato empatizado é vivenciado, de maneira originária, não originária; se é apreendido, não apreendido; as sensações que provocam na pessoa humana e a relação que se estabelece entre o “eu” e o “outro nesse perceber, sentir, compreender a vivência do outro que pode também ser vivenciada por mim.

Novamente, apresentando o exemplo de uma pessoa que teve êxito num exame e que compartilha esse fato com um amigo. O sucesso desse resultado será condição para que os amigos possam realizar uma viagem juntos. Então, ao receber

a notícia do sucesso do exame do amigo, a alegria, a satisfação são vivenciadas.

Mas, aqui é necessário fazer uma distinção. O resultado desse exame causa uma alegria provocada por conteúdos diferentes. A alegria do que realizou o exame é porque foi bem sucedido, aprovação. Já a daquele que percebe a alegria do amigo será porque tal resultado permitirá que ambos viagem juntos.

A empatia não é um mero consentir ou “sentir com” (Mitfülen), pois o conteúdo do consentir pode variar [...]. No caso da empatia, ainda que o modo de viver o sentido empatizado seja diferente, o sentido é idêntico, sobretudo quando se trata de conteúdo ideal, no qual não pode haver engano [...] (SAVIAN FILHO, 2014, p. 41).

Assim, a alegria consentida e empatizada apresentada por Edith Stein não apresentará necessariamente o mesmo conteúdo.

Talvez, à primeira vista, o que poderia parecer uma empatia consentida, compartilhada com alguém, é uma alegria proveniente de um “interesse”, no exemplo citado, uma viagem, que não se encontra com o que é vivenciado pelo “outro”. Mas o sentimento de alegria os aproxima e a empatia acontece.

A empatia não se cinge apenas a empatia positiva, conforme apresentado por Lipps e descrito por Edith Stein em sua tese doutoral, também podemos falar em empatia negativa, consideremos os seguintes aspectos para melhor compreensão sobre esses dois aspectos da empatia.

Assim, se na empatia positiva a vivência originária pode ligar-se a vivência empatizada, tal ato não irá ocorrer na empatia negativa. Há um certo distanciamento, pois, de acordo com STEIN (2004), algo vai se opor para que esse vivenciar originário não seja recepcionado pelo outro. Isso ocorre em circunstâncias de alguns fatores que estão agindo no vivenciar do outro, como, por exemplo, uma alegre notícia que se recebe de um amigo num momento em que se está sofrendo a perda de um ser querido.

Tal fato, gera uma espécie de barreira, não permitindo, desse modo, que o “eu” viva originariamente essa alegria. Mas, a possibilidade da empatia é um fenômeno que acontece em graus, mais intensos ou menos intensos, pois o fato de estar vivenciando um momento de dor, num momento íntimo de dor, não exclui a recepção da notícia alegre que é trazida, de forma que se torna possível recepcionar a boa notícia apresentada pelo amigo.

Edith Stein ainda trazendo a questão do “eu próprio” e “do alheio” irá refutar a ideia de que não há distinção entre eles, afastando assim a ideia de Lipps, vejamos:

Quisera ainda investigar também algo mais de perto daquela unidade antes descartada do eu próprio e o alheio na empatia. Enquanto que a empatia é empatia completa, disse Lipps, não tem nenhuma distinção entre o eu próprio e o alheio (e isto é o que precisamente já não podemos admitir como empatia), mas ambos são um (2004, p. 32).<sup>15</sup>

O “eu próprio” e o “alheio” não se tornam um único em movimentos e ações, há experiências que cada uma dessas pessoas possui, devido as suas vivências, são realidades distintas que podem se encontrar e executar movimentos que vão ao encontro do outro, mas cada um, frise-se, mantém suas particularidades enquanto sujeitos psicofísicos.

A filósofa, para exemplificar, diz que o fato de se perceber os movimentos que o acrobata executa e sentir interiormente como deles estivesse participando não faz com que o “eu” seja um com o “outro”.

Empatia não é sentir-se em um, se isso for entendido no sentido rigoroso. Mas com isso não é dito que não há algo como um sentir um em geral. Vamos voltar a esse sentimento, a experiência alheia. Dissemos que o eu estou direcionado a coexistir com o objeto da experiência dos outros, que ao mesmo tempo tem empaticamente presente a experiência dos outros, que ao mesmo tempo tem empaticamente presente a experiência dos outros e que o ato empatizante e consistente não necessitam coincidir segundo seu conteúdo (STEIN, 2004, p. 33).<sup>16</sup>

Prosseguindo em seu diálogo com Lipps, STEIN (2004), nomeia como reiterabilidade da empatia a reflexão sobre a reflexão de determinado ato empático. Já Lipps, denomina de simpatia reflexiva. Esse ato refletido, inúmeras vezes, possibilita infinitas idas e vindas no ato empático e, dessa forma, a recordação, a lembrança, a espera, não é apenas um ato de recordar, lembrar ou esperar, mas de empatizar empatias, de um vivenciar essas empatias. E essa ação não é unívoca, pode ocorrer com o “eu”, mas também quando se apreende os atos do “outro”, podendo esse outro ser um terceiro.

---

<sup>15</sup> Aún quisiera investigar también algo más de cerca aquella unidad antes desechada del yo próprio y el ajeno em la empatía. Em tanto que la empatía es empatía completa, dice Lipps, no hay ninguna distinción entre el yo próprio y el ajeno (y esto es lo que precisamente ya no podemos admitir como empatía) (TEIN, 2004, p. 32).

<sup>16</sup> “empatia não é sentir-a uma, si esto se toma em sentido estricto. Pero com ello no está dicho que no haya algo así como um sentir a uma em general. Retornemos a aquel consentir el vivenciar ajeno. Habíamos dicho que el yo está dirigido em ovivenciar al objeto de la vivencia ajena, que al mismo tempo tiene presente empaticamente la vivencia ajena y que acto empatizante y cosintiente no necesitan coincidir según su contenido” (STEIN, 2004, p. 33).

### 3.4.2 Edith, Geiger, Witasek

A empatia como um ato de representação ou atualidade, propõe debates e discussões. Dois nomes se levantaram sobre o estudo relativo a essa questão. Primeiro, Geiger, que afirmou não existir clareza sobre as posições postas e, portanto, sendo necessário esclarecer alguns pontos, quais sejam: “Seriam as vivências empatizadas ou não?” ‘Estão as vivências alheias dadas objetivamente – como estando frente a mim ou a maneira da vivência? Eles são dados evidentemente ou não são dados evidentemente?’

Para Edith (2004), a primeira questão pode ser respondida de forma negativa. A segunda pergunta, já encontraria um pouco mais de dificuldade, uma vez que tais atos encontram em seu bojo o vivenciar próprio na qual o outro vivenciar se apresenta. Já para responder a terceira questão far-se-ia necessário uma análise mais minuciosa sobre a questão, uma vez que se põe para análise a empatia e a percepção e o que elas compartilhariam. Stein, refere que:

A percepção tem seu objeto diante de si numa doação imediata, empatia não; mas ambos têm seu objetivo apresentar-se, eles o encontram diretamente no lugar onde está posição, onde está ancorado no contexto de ser, sem ter que aproximar-se através de um representante (2004, p. 35).<sup>17</sup>

Um segundo nome apresentado é o de Witasek que assumiu de maneira firme a questão da representação na empatia. Segundo a filosofia aqui em análise, tal questão deve ser considerada, mas com algumas objeções:

A afirmação de Witasek de que a empatia é uma representação evidente da vivência em questão, é justa para o estágio em que as vivências empatizadas estão objetivadas, não para o estágio de explicitação plenária. E novamente para este caso não podemos responder à pergunta 'É evidente de acordo com a percepção ou a representação (isto é, não originário)? porque empatia, como Nós mostramos, não é no sentido usual nenhuma das duas coisas (STEIN, 2004, p. 37).<sup>18</sup>

---

<sup>17</sup> “La percepción tiene su objeto ante sí em um darse inmediato, la empatía no; pero ambas tiene su objeto mismo presente, lo encuentran directamente en el lugar donde está puesto, donde está anclado en el contexto del ser, sin tener que aproximarse através de um representante” (STEIN, 2004, p. 35).

<sup>18</sup> “La afirmación de Witasek, que la empatía es una representación evidente del vivenciar em cuestión, es sólo justa para el estudio em el que las vivencias empatizadas están objetivadas, no para el estadio de la explicitación plenaria. Y de nuevo para este caso no podemos responder a la pregunta. Evidente según la percepción o la representación (esto es, no originario)?, porque la empatía, como

De forma que “a empatia deverá ser estudada em sua própria essência”. (STEIN, 2004, p. 35). E esse caminho é o apontado por seu mestre Edmund Husserl, através da fenomenologia. Muito embora Edith diga que existe uma recusa da classificação em um dos compartimentos da psicologia, a investigação por esse meio também acontecerá.

### 3.4.3 Teoria de Münsterberg

Em seu confronto com os teóricos, STEIN (2004), compreende que a teoria sobre a consciência alheia de Münsterberg parece mais árdua que em Max Scheler, uma vez que a empatia não poderia ficar restrita aos atos de vontade, como ele aprecia: “Nossa experiência dos sujeitos alheio deve consistir em entender os atos de vontades alheios” (2004, p. 52).

O pensamento, de acordo com Edith, trata de um “estado de ânimo empatizado” (2004, p. 52). Esse é o que resulta das vivências da consciência alheia, em que há apreensão do sujeito alheio.

Assim, pode-se dizer que há um ponto de intersecção entre a ideia lançada por Münsterberg e a de Edith quanto a apreensão da vontade do alheio, mas, sem a compreensão da constituição dos indivíduos que não se pode chegar à compreensão da empatia.

### 3.4.4 Max Scheler e Stein

O filósofo Scheler<sup>19</sup> foi um dos que a filósofa Edith Stein também dialogou em sua tese sobre o problema da empatia, conforme já mencionado. Faremos um destaque especial a esse autor que desenvolveu um trabalho sobre simpatia, porque empatia e simpatia, muitas vezes tornam-se conceitos que podem gerar uma certa confusão. E não se trata de apresentar apenas um conceito, mas de se compreender

---

mostráramos, no es em sentido usual ninguna de las cosas” (STEIN, 2004, p. 37).

<sup>19</sup> Scheler disputava com a prioridade da descoberta do método fenomenológico, mas Stein entendia que a descoberta do método deveria ser atribuída a Husserl, o que não a impedia de afirmar a influência que sofreu pelos trabalhos de Scheler relativos à dimensão religiosa” (BELLO, 2014)”. Extraí do livro Masculino e feminino na fenomenologia de Edith Stein, p. 24. E mais, assim sobre Scheler, Stein diz: “A primeira impressão que Scheler produzia era fascinante. Nunca mais depois encontrei em outra pessoa o fenômeno do gênio em estado tão puro (2018, p. 331).

os atos de um e de outro que os distingue e que os assemelha também.

O trabalho percorrido por Scheler foi desenvolvido trilhando o caminho da fenomenologia tal qual o de Edith Stein. Mas, não é possível falar em Max Scheler sem dizer que ele é o filósofo do coração, do sentimento, da carne, das emoções que envolve esse órgão, seja amor, seja ódio. E a simpatia de Scheler perpassa essas emoções e desemboca em atos que vão ao encontro do outro, na alteridade, e, através de um caminho ético.

Edith Stein confronta a sua tese com algumas ideias de Scheler, analisando-à luz da apreensão da consciência alheia. É esse ponto que será apreciado nesse primeiro momento. Portanto, Scheler, diz Stein, vai referir que o “eu alheio com seu vivenciar é percebido como ele próprio” (2004, p. 44). Assim, não haveria um distanciamento entre a vivência do “eu” e do outro”. E aí reside uma das críticas que Stein faz a esse autor.

Através da relação empática que o alheio vai se revelando, ele sai do anonimato e torna-se nesse momento um outro que pode ser reconhecido como pessoa humana, como ser unitário em meio à multidão. E o caminho para esse encontro, dar-se-á através da percepção. É ela que favorece o direcionamento para o alheio.

E no tocante à questão da percepção, Stein irá fazer uma análise no qual se percebe um desvio do pensamento apresentado por Scheler. Então, Edith indaga: “O que significa aquele próprio e alheio no contexto que Scheler os utiliza: Se se toma a sério seu discurso da corrente indiferenciada de vivência, não é possível entender como se chegará a uma diferenciação entre elas” (2004, p. 46).

A filósofa não concordará com o entendimento de Max Scheler sobre a corrente indiferenciada das vivências em que o eu próprio e o eu alheio são postos de igual forma. Vejamos:

Uma vez que Scheler entende que cada vivência é essencialmente a vivência de um Eu, ele não pode separar-se dele. Para estabelecer a distância entre o eu próprio e o eu alheio, ele precisa pressupor que ambos dizem respeito a sujeitos anímicos diferentes, mas que tanto estes indivíduos como suas vivências podem ser acessíveis à percepção interna. Entretanto, Stein vê uma certa tautologia no pensamento de Scheler, porque, para ele, o Eu sempre será o sujeito do vivenciar, sendo, portanto, indiferente se a vivência é minha ou do outro (2021, p. 238).

Todavia, esse pensamento de Scheler entra em conflito com o de Stein, uma

vez que se assim fosse, estaríamos falando num vivenciar originário a experiência do outro, no qual se poderia chegar a mais profunda compreensão do que é vivenciado pelo outro. Na empatia, não se tem a percepção interna tal como apontado por Max Scheler.

Stein discorre sobre a percepção interna e a empatia, mas a filósofa entende que é preciso que o “eu” compreenda o que está vivenciando, levando à compreensão dessa vivência, se, afinal, é minha, se é do outro. Há uma distinção que é fundamental para que se mantenha a posição de cada sujeito enquanto ser que possui seus valores, seu modo de agir e se comportar. Cada indivíduo tem as suas próprias experiências, e essas não podem ser anuladas.

Portanto, seguiremos apresentando algumas considerações sobre a empatia de Stein e a simpatia de Scheler. Segundo Carneiro e Pequeno (2021), ao discorrer sobre o fenômeno da simpatia, Scheler refere que o escopo desse estudo foi o de indicar “os caminhos para a prática do amor e da alteridade”, conforme o próprio filósofo havia revelado.

De tal modo que, esse fenômeno da simpatia se torna importante, conforme essa ideia para o conhecimento do próprio homem. O amor é o sentimento que revela o homem, Scheler dirá que: “Quem possui o *ordo amoris* de um homem possui o homem” (SCHELER, 2012, p. 3). Assim, conhecer o *ordo amoris*, é conhecer o valor do humano, do que o move e dá sentido as suas ações. E mais, é uma aproximar-se de Deus, é ter a essência do Deus amor infinito. E nesse encontro com Deus, a miséria humana que se revela suscita o ódio pelo ser que se revela, pois segundo Scheler:

Vemo-nos a nós “como através do próprio olhar de Deus – quer isto dizer, primeiro: de um modo inteiramente objetivo; e segundo: como membro do universo inteiro. Amamo-nos ainda, claro está, mas sempre apenas como aqueles que seríamos perante um olhar omnividente, e só enquanto e na medida em que poderíamos subsistir perante esse olhar. Tudo o mais em nós odiamos – tanto mais intensamente quanto mais o nosso espírito se adentra nessa imagem divina de nós, quanto mais esplendidamente diante de nós ele cresce e, por outro lado, mais fortemente se desvia da imagem que, fora da consistência divina não existe (2012, p. 11).

E, quando se trata de ódio é preciso compreender que: “o ódio é sempre e em todas as partes a rebelião do nosso coração e do nosso ânimo contra uma violação do *ordo amoris*” (SCHELER, 2012, p. 32).

De tal modo que poderíamos pensar, que, nesse caso, o ódio surge pela força do amor que deveria ser protegido, nesse ódio encontramos o desejo do amor. Afinal, ele surge advindo de uma insatisfação pelo fato de ter, de alguma forma, desrespeitado o *ordo amoris*.

A simpatia de Scheler se revela como um ato de amor. Vejamos o seguinte comentário de Alves et al:

A conduta simpatizante dos indivíduos, segundo Scheler, deriva do cuidado ético com o outro. Simpatizar a vivência do outro vai além da valoração de sentimentos de ódio, alegria ou tristeza do outro. Simpatizar a vivência alheia desvela-se como um ato de amor ao próximo. Agir de acordo com uma conduta simpatizante, é um ato inerente aos seres humanos que se encontram. Porém, a efetivação do ato simpatizante em Scheler é pleno quando acompanhado pelo amor, que se objetiva no cuidado com o alheio, dado que o amor é uma forma particular da conduta simpatizante (2022, p. 3).

Mas como compreender a simpatia? “Para Scheler, a simpatia, para além de um sentimento é uma função cognitiva voltada para a compreensão do “viver e sentir o mesmo que outro”.

Dessa forma, seria possível realizar a experiência da vivência originária do outro, o que se contrapõe ao pensamento de Edith Stein, uma vez que, conforme já aludido anteriormente não seria possível colocar-se no lugar do outro, mas aproximar-se de sua vivência.

Uma consideração que cumpre ser feita é de que, enquanto Edith Stein parte da pergunta antropológica filosófica “quem é o homem?” ao investigar a empatia, Scheler ao apresentar o fenômeno da simpatia já apresenta a resposta para uma possível indagação de quem seria esse homem, pois se para ele “Simpatizar com a vivência alheia desvela-se como um ato de amor ao próximo”, e ele afirma que “Quem possui o *ordo amoris* de um homem possui o homem”, o homem para ele já pode ser descortinado a partir dessa afirmação.

Conforme Carneiro e Pequeno, Scheler elenca formas de sentimentos simpáticos, quais sejam:

- a) sentir algo com outro [Das unmittelbare Mitfühlen]; b) simpatizar algo: congratulação “por” e compaixão “de” [Das Mitgefüll an etwas: Mitfreude an seiner Freude und Mitleid mit seinem Leid]; c) contágio afetivo [Die bloße gefühlsanteckung]; d) genuína unificação afetiva ou verdadeira empatia [Die echt Einfühlung] (2021, p. 227).

Dessas formas simpáticas apresentadas por Scheler, destacaremos o que ele apresenta como genuína unificação ou verdadeira empatia, uma das formas mais intensa do fenômeno empático, que, por ora, nos interessa, uma vez que diz respeito ao nosso objeto de estudo.

Apresentamos em linhas anteriores, no item 3.4.1., um exemplo apresentado por Edith Stein sobre um acrobata, vimos que para Lipps, na referida ilustração há a ocorrência da simpatia, o que fora afastado por Edith, e Scheler também, valendo-nos do exemplo do acrobata, apresenta dissonância com os pensamentos de Edith Stein.

Conforme as ideias de Scheler:

As intenções e impulsos cinéticos ‘coexecutados’ são realizados por um eu fictício do qual sigo tendo consciência como um eu fenomenicamente distinto de meu eu está encadeada (passivamente ao eu fictício e por meio dele ao acrobata individual, e somente a atenção está encadeada (passivamente) ao eu fictício e por meio dele ao acrobata (SCHELER, 2004, p. 33 apud CARNEIRO e PEQUENO 2021, p. 234).

Consoante Carneiro e Pequeno, uma situação vivida na empatia poderá perdurar diferentes período da vida de uma pessoa. E, de acordo com o pensamento de Scheler “evidencia uma forma de contágio ativa e vinculada à essência e à existência de um eu alheio” (2021, p. 235).

A empatia de Edith Stein e simpatia de Scheler são conduzidas pela fenomenologia e aproximam-se no ideal de cuidado e busca de entendimento da pessoa humana, o que favorece a um chamado de responsabilidade de todos que vivem em comunidade. Em alguns aspectos, quanto aos atos de percepção externa e interna distanciam-se, conforme visto; se para Scheler, a empatia possibilita ao eu próprio o vivenciar do alheio de forma indiferenciada, para Edith isso não seria compreensível.

Edith irá se distanciar também das ideias apresentadas por Theodor Lipps, Münsterberg, Geiger, Witasek, e também de Scheler no que se refere à alteridade, pois para ela a empatia permite uma abertura para o estudo da consciência alheia e da busca pela compreensão da pessoa humana. Ela ainda explicita que dar uma explicação, conforme as teorias genéticas, conforme Lipps, Geiger não favoreceria ao esclarecimento da empatia. De acordo Stein: “nenhuma das teorias genéticas

existentes é capaz de explicar a empatia”.<sup>20</sup>

### 3.5 A Empatia Versus Antipatia

O fenômeno empático aproxima olhares e possibilita ao ser humano o reconhecimento do seu valor, bem como do Outro. Sendo assim, permite que o encontro entre as pessoas seja mais bem-sucedido, uma vez que o Outro não é apenas um enigma, mas uma pessoa que em suas singularidades traz uma dimensão física e espiritual que deve ser respeitada pelos que vivem em comunidade.

A empatia suscita questões tão caras aos dias atuais como a ética da responsabilidade e cuidado com o outro, nas cidades tantas vezes vociferam por justiça, igualdade, respeito a posições políticas, contra à misoginia, pelo direito à proteção das crianças, dentre outras questões que não podem ser tratadas com indiferenças. No entanto, é de fundamental importância que cada pessoa assuma a sua responsabilidade consigo e com o outro, respeitando a individualidade de cada um.

O homem, como apresentado por Stein, é também um ser espiritual, nascido para transcender, e não pode se deixar aprisionar por atitudes mesquinhas que disseminam o ódio, a indiferença e o desprezo ao outro, como se tem vivenciado hodiernamente.

O homem em comunidade, vai tecendo relações e, interagindo com o outro, passa a ter consciência de si próprio, de suas próprias fragilidades, limites, e assim deve assumir seu lugar de forma responsável na sociedade. Peretti e Dullius ao comentar sobre o mundo no qual o ser humano faz parte, assim se expressa:

Stein nos mostra que o mundo no qual vivemos não é apenas o mundo solipsista, no qual eu vivo apenas por mim; esse mundo exige um reconhecimento do outro que surge diante de mim. É preciso, portanto, estar abertos para o conhecimento e a relação com a vivência do outro, tanto do ponto de vista epistemológico quanto do ponto de vista ético, antropológico, psicológico e fundamentalmente filosófico (2018, p. 150).

No século passado, a humanidade passou por duas grandes guerras mundiais e, como consequência dolorosa milhares de órfãos e viúvas, problemas de saúde

---

<sup>20</sup> Ninguna de las teorías genéticas existentes es capaz de explicar la empatía” (STEIN, 2004, p. 44).

mental para alguns que viveram o horror de ir ao *front*, refugiados, pessoas que perderam a sua identidade patriótica, entre tantas outras consequências que dilaceram a alma humana. Para muitos sobreviventes, a dor e a angústia de perder familiares, às vezes, numa família, apenas um sobrevivente, um errante solitário no mundo.

O que provoca essas guerras? Por que a antipatia a certos povos e cultura?

Apesar de experiências tão trágicas como essas, países continuam produzindo armas nucleares, biológicas e químicas. O respeito pelo rosto humano, pela pessoa humana, onde está?

A guerra que utiliza armas traz destruição, mortes, mas à que utiliza palavras pode matar, o silêncio, às vezes, também. Vivemos diariamente uma guerra que é a do descarte gerado nas redes sociais. Se uma pessoa está num grupo e emite uma opinião contrária aos do que fazem parte dele, poderá ser “cancelada”. Essa é a expressão usada para o descarte, para dizer que o outro não merece atenção e não tem importância; que não deve ser escutado porque não coaduna das mesmas posições e pensamentos dos membros do grupo. Falta empatia, o reconhecimento e aceitação do outro.

A humanidade precisa descartar o que é supérfluo e isso diz respeito a coisas, com seletividade, e não a pessoas. Uma comunidade, seja familiar, escolar ou de um grupo de trabalho, torna-se forte quando os seus integrantes sabem escutar um ao outro, ajudando-se mutuamente, em que as discussões são para edificar e fortalecer o núcleo ao qual pertencem e circulam.

Célia Peretti e Vera Dullius ao comentar sobre a empatia faz o seguinte apontamento:

A empatia é um ato cognitivo que permite estabelecer um contato mais profundo com o que o outro vive e sente, mas não se identificam, não se fundem, nem se confundem, por meio do ato empático, Edith Stein eleva a possibilidade de um alter-ego, salvaguardando, ao mesmo tempo, a unicidade e a originalidade da própria pessoa (2018, p. 150).

Edith relata em sua autobiografia em 1912, que passou por um obscurecimento em sua alma, “a sensação de que o sol se apagou” durante a leitura de um romance muito comentado em seu tempo Helmut Harriga. Assim diz a filósofa:

Ele descrevia com as cores mais nítidas a vida estudantil e seu deserto de vínculos humanos, deserto este que inicia as pessoas absurdamente no consumo de álcool e em outros descaminhos morais daí resultantes. Aquilo me encheu de um desgosto tal que não fiquei bem por semanas. Perdera toda a confiança nos seres humanos que cruzava a cada dia. Ia e vinha com a impressão de estar esmagada por um peso enorme e não podia reencontrar a minha alegria (STEIN, 2018, p. 270).

STEIN (2018, p. 270), afirma que foi curada após escutar em uma festa em homenagem a Bach, a apresentação do “hino triunfal de Lutero”. Compreendeu que unida ao seu pequeno círculo de amigos de total confiança, poderiam unir todas as “forças” e, assim, eliminariam com “todos os diabos”. Eis o verso marcante: “O mundo pode estar cheio de diabos/ e até querer nos devorar, /nós jamais temeremos; haja o que houver, nós venceremos [...]”. Isso implica que a pessoa humana precisa da outra para que a caminhada se torne mais suave e poder compartilhar dores, angústias, aflições, momentos felizes, conquistas.

Essa fase de Edith Stein, vivenciada em sua juventude, de depressão, tristeza profunda, retrata o que tantos jovens atualmente vêm enfrentando. O exemplo citado, das redes sociais, tem causado um efeito devastador na juventude de hoje, sem vínculos, amizades sólidas, ao sentirem-se rejeitados, são inúmeros os casos de adoecimento, depressão etc.

De tal forma que é preciso pensar num movimento inverso, de acolhida e amparo, um movimento afetivo que os tire da noite sombria. Mas, para isso, é urgente que o ser humano resgate o seu valor e sua dignidade, a fim de que, em comunidade, estabeleça relações empáticas.

Comentamos, anteriormente sobre a questão de tripulantes que caíram na Cordilheira dos Andes e nos reportávamos à questão da empatia. No entanto, não precisamos ir tão longe, em uma data tão distante, para pensar nos que se encontram perdidos e famintos na guerra pela sobrevivência.

Nas ruas dos grandes centros encontramos os desalojados, os sem-teto, sem as refeições básicas, dormindo pelas calçadas, sem perspectiva de um amanhã promissor. Essas pessoas com seus olhos esbugalhados pela fome, a garrafa de cola na mão, roupas sujas e pés descalços e rachados pelo atrito com as calçadas quentes por onde dão seus passos incertos, agem em determinadas situações com a força dos brutos, tomando a carteira, a bolsa, quando não a vida de suas vítimas - aquelas pessoas que, tantas vezes, desviam-lhes o olhar, atravessam a calçada para fugir de

suas presenças incômoda.

Num contexto como esse, bem como das ilustrações aludidas anteriormente, dois pontos exsurtem: A empatia e a antipatia. E, de imediato é mister retornar a pergunta antropológica filosófica de Edith Stein ao se debruçar sobre o estudo da empatia: Quem é o homem? Como ele se reconhece no mundo?

Ora, num caso de um líder de Estado que acredita que o seu povo é superior e que ele é aquele predestinado para criar uma raça pura, o seu olhar para os que não pertence ao seu grupo pode ter consequências nefastas, como aconteceu na Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial. A empatia permite o aproximar-se de um “eu” com um a vivência de um “outro”, mas é preciso que os semelhantes se reconheçam como pessoa humana que lhe é semelhante. Isso é fundamental para que os atos empáticos possam afluir. A que se pode atribuir a coragem de alguns alemães que durante a Segunda Guerra salvaram a vida daqueles perseguidos pelo regime autoritário do nazismo, em que colocavam suas próprias vidas em risco? Uma das possíveis resposta deve-se ao reconhecimento do outro como uma pessoa que, independentemente de crença, cultura, posição social, merecia respeito pela sua condição de ser humano.

Coloquemos agora a seguinte questão: como alguém que mora na rua poder ter empatia vivendo em condições tão precárias? Sendo um invisível no meio da multidão? Sendo como um naufrago que espera por um socorro que não vem?

A fenomenologia apresentada por Stein é de carne e osso, é aquela em que o sujeito é real, que chora, sorri, ama, sente raiva, sente fome, sente frio, dor, em que os sentimentos e sensações são vividos por cada pessoa de forma única. E a empatia entre o empatizante e o empatizado aproxima os sujeitos. Esses rostos que se encontram em comunidade reconhecem no outro alguma similitude. Mas, os que vivem exilados na própria cidade por suas parcas condições econômico-social não consegue, muitas vezes, reconhecer o rosto dos que passam como semelhante ao seu, porque deles as pessoas passam com passos aligeirados, olhares assustados, desviando-se deles. Na relação eu/outro as pessoas vão se construindo, a partir do olhar do seu alheio. De maneira que, parece não haver um reconhecimento entre esses rostos que se encontram. Assim, surge a antipatia dos que sofrem e agonizam suas dores nas calçadas frias e também dos que deles fogem por medo.

Vejamos algumas definições de antipatia:

"Desprazer e repulsão que nos acusa a vista de uma pessoa". Antipatia é um sentimento de **repugnância** e **repulsa instintiva** diante de alguém ou alguma coisa; sentimento de discordância e desarmonia entre dois indivíduos. Etimologicamente, a palavra "antipatia" tem origem a partir do grego antipathéia, formada pela junção dos termos anti (contra) e pathéia (afeição), ou seja, é um substantivo que dá nome ao oposto da afeição; uma contra afeição (<https://www.significados.com.br/antipatia/>).

Lembremo-nos, contudo, que, independentemente da condição que o sujeito se encontra, não se pode desconsiderar que ali está uma pessoa que é filho (a), esposo (a), pai, mãe, seja o mais vil dos homens, sempre haverá a centelha do humano que o move para o outro, que se entenece com um olhar, que se apieda de uma súplica. Até mesmo entre aqueles que praticam crimes há um código de ética, em que determinadas regras devem ser observadas, sob pena daquele que infligir tais normas sofrerem represálias de seus pares.

A empatia de Stein é aquela que a consciência do "outro, do mundo e do "eu", torna-se fundamental para que o ser humano assuma responsavelmente, essa condição empática, no mundo em que vive. Assim diz Savian Filho:

Neste projeto, o conhecimento da consciência alheia constitui um problema de grande importância, junto com o conhecimento de mundo dito "externo" e do mundo considerado interno". A consciência do outro, o mundo e o eu são as três frentes de investigação fundamentais em fenomenologia; assim, a empatia é o nome que designa especialmente o ato pelo qual o eu pode conhecer a experiência alheia... Por fim, sendo exatamente pensada por Edith Stein no registro da consciência, a empatia é o que permite afirmar a intersubjetividade e garantir uma visão não solipsista do mundo nem do próprio eu que conhece (2014, p. 51).

Importante considerar que o ser humano tem uma natureza gregária e está em constante troca com os que convive com ele em comunidade, de maneira que vive num contínuo aprendizado, em que suas vivências são importantes, mas é a vivência do outro que primeiro o alcança.

De forma que, se no fluxo das vivências em comunidade, o sujeito vai sendo formado, devemos pensar que hoje, urge a necessidade de uma empatia que deve acontecer na consciência do coletivo que deseja um mundo melhor para se viver, através de atos que educam para escuta, respeito e valorização da pessoa humana.

Tanto discorreremos sobre guerras, e para finalizar, trazemos mais uma – assim

denominamos -, causada por um vírus:

Em 11 de março de 2019, a Organização mundial de Saúde declarava que o mundo estava vivendo a pandemia de Covid-19. Um vírus se tornava uma grande ameaça para a humanidade. O que, a princípio, podia se assemelhar a uma gripe comum, rapidamente poderia evoluir e, em casos mais graves, levar a óbito. É difícil não contabilizarmos uma família que não tenha sentido a dor da perda de um parente ou de alguém próximo. Um vírus que roubava o ar de suas vítimas, que os colocava em isolamento, tirava-lhes também o direito do último adeus junto as suas famílias.

A humanidade assistia estarelecida, assombrada, a cenas de guerras em que milhares de vítimas foram subtraídas. No entanto, mais alarmante do que essas cenas foi a posição de algumas pessoas e lideranças que, ao invés, de viver o sentimento comunitário da dor da perda de seus membros, agiam com menosprezo a situação que o seu povo vivia. Pessoas têm nomes, rostos, famílias, identidade, não é apenas um número matemático que se vai somando a outro para formar dados de uma estatística. Merece respeito.

Se o coronavírus roubava o ar de suas vítimas, palavras proferidas com descaso, como acontecia, parecia tirar a dignidade dos sobreviventes, num momento de flagelo social, em que a insegurança, incerteza e medo sobressaíam- se.

Importante constatar que, embora, o momento fosse de distanciamento social, várias ações surgiram isoladamente ou pensadas em grupo para ajudar pessoas em situação de vulnerabilidade ou para tentar minimizar a dor que estava sendo vivida.

No entanto, é preciso empatia para vencer as indiferenças que geram abandonos e causam violências.

As pessoas precisam aprender novamente a importância de um abraço, de se olharem nos olhos, de dispor de um tempo para estarem próximas, porque a humanidade do outro e a de si próprio só se compreende quando vidas reais se aproximam.

#### 4 EMPATIA E ÉTICA COMO ATITUDE DO CUIDAR

Nesse capítulo, pretendemos apresentar a questão da ética, organizado por tópicos, sob três vertentes: a do cuidado, a da alteridade e a da responsabilidade.

No primeiro deles, serão apresentados importantes contribuições de Leonardo Boff sobre a ética do cuidado, circundando diversos aspectos que envolvem a pessoa humana no mundo, seja na relação com seu próprio “eu”, com o “outro” ou com o nosso Planeta Terra.

No segundo tópico, prosseguiremos com Levinas a ética da alteridade, em que o eu e o outro, ou melhor, a totalidade e o infinito, conceitos apresentados por esse filósofo nos fazem pensar em nossa posição no mundo e sobre a responsabilidade que cada um tem como ser humano e o quão pode ser desastrosa quando não reconhecemos no Outro uma dimensão que nos leva ao infinito. A guerra e a violência é uma consequência desastrosa desse não reconhecimento que aniquila e massacra o Outro, como apresentaremos no decorrer do capítulo.

Inicialmente, de forma sucinta, antes de adentrarmos nos pensamentos desse filósofo, um breve resumo sobre a vida dele é apresentado, e se incorremos nesse registro, justifica-se porque, eventos acontecidos em sua vida como a participação na Segunda Guerra e toda violência sofrida por ele durante esse período, terão reflexos em seus pensamentos sobre a questão ética da alteridade.

Ademais, trazemos também a questão do rosto cujo olhar é porta aberta para a transcendência, portanto, caminho de reconhecimento e respeito. Esse rosto nos traz a corporeidade e ultrapassa o sentido que se possa ter enquanto matéria, enquanto objeto e nos faz traçar um paralelo com a empatia em Edith Stein que também percorre, com base na fenomenologia, sobre esses aspectos.

Assim, estabelecemos um breve diálogo entre esses dois autores que foram discípulos de Husserl e Edith Stein, uma vez que cuidado e alteridade se sobressaem numa relação empática.

Prosseguindo, o último tópico deste capítulo será sobre a ética da responsabilidade numa perspectiva steiniana em que trazemos lume algumas reflexões sobre o agir da pessoa humana em comunidade, no encontro entre o “eu” e o “outro”.

## 4.1 A Ética do Cuidar

Uma das grandes ameaças do homem é o próprio homem. Esse pensamento não é novo. Thomas Hobbes já dizia ser o homem lobo do próprio homem. De modo que seria necessário impor limites às ações ameaçadoras dos seres humanos através de leis e normas que regulamentassem a vida em sociedade, visando assim a paz social.

Ermano Nascimento (2021, p. 197), destaca o valor do termo cuidar pela sua riqueza de sentidos e afirma que,

O termo cuidar tem um significado polissêmico e traz consigo uma diversidade de significados que o torna mais rico e é aplicado em vários contextos. [...] o cuidado está aqui intimamente ligado com o conforto, com a qualidade de vida, com as respostas humanas na saúde e na doença.

Acontece que, além da observação de regras a serem cumpridas, geradoras de direitos e deveres, faz-se necessário a compreensão que o estrito cumprimento delas, deve acontecer porque um outro merece meu respeito, meu cuidado, que também tem seus desejos, medos, vontades, alegrias, tristezas, partilhando um espaço nessa “Casa comum”, no qual aquele que serve, também, de algum modo, é servido.

O cuidado do ser humano com o Outro é condição primeva para sua existência e ele traz em *germen* a essência do cuidado, mas num mundo em que o individualismo vai ganhando mais espaço e o rosto do outro passa a significar cada vez menos, o fenômeno do cuidado merece um sublinhado especial, uma vez que no nosso dia a dia ele é essencial para que o ser humano continue a dar seus passos nessa “Casa Comum”.

Os seres humanos são dotados de talentos e habilidades individuais que ao agregar-se a outros, torna-se uma verdadeira potência, o que a olhos vistos pode ser comprovado através de feitos extraordinários como descobertas de vacinas, medicamentos para uma expectativa melhor de vida.

O cuidado é característica ontológica do ser, fundante ao ser que recebe a luz ao vir ao mundo e que necessita de cuidado, de atenção, da responsabilidade de um outro para que possa se desenvolver com hignidez.

Para cuidar é preciso olhar, direcionar-se para alguém ou algo num mover-se

que conjuga respeito e ética. Pois, Ermano Nascimento (2021, p. 197), destaca o valor do termo cuidar pela sua riqueza de sentidos e afirma que,

O termo cuidar tem um significado polissêmico e traz consigo uma diversidade de significados que o torna mais rico e é aplicado em vários contextos. [...] o cuidado está aqui intimamente ligado com o conforto, com a qualidade de vida, com as respostas humanas na saúde e na doença.

Considerando, todavia, que as ações éticas de Edith Stein corroboram o quanto sua práxis, foi voltada para cuidar dos demais que lhe transformou numa pessoa, cada vez mais, sensível às adversidades do sofrer humano.

Não obstante, algumas reflexões serão apresentadas sobre a fenomenologia, partindo do cuidado em Leonardo Boff, porque consideramos de salutar importância por se referir à relação do ser com o que o cerca e como parte de sua existência. Percorrendo as reflexões desse filósofo e teólogo, apresentamos também a fenomenologia da empatia de Edith Stein, em alguns momentos, estabelecendo assim um diálogo entre esses dois filósofos.

Na obra, *O Cuidado Necessário*, Leonardo Boff nos apresenta o cuidado como a invocação que se faz necessária para que possamos prosseguir nesse espaço chamado Terra com os outros seres que aqui habitam:

O próprio cuidado é sinônimo de ética e do ético no sentido clássico de ethos grego, como cuidado da casa e de todos nós que nele habitam, seja a casa individual, seja a Casa Comum, que é o planeta Terra. Hoje, mais do que nunca, precisamos desse ethos cuidado para manter vivo e em ordem esse Lar de Todos, pois não temos outro que nos acolha (2013, p. 65).

O *ethos* cuidado que se realiza no presente deve trazer a memória do passado e criar um elo com o futuro. Quando observarmos os avanços de nossa ciência, tecnologia, podemos perceber que passado e presente se encontram através do prosseguimento de estudos que são registrados para que outro ser possa dar continuidade e aperfeiçoar o que se tem descoberto, em prol da humanidade.

Edith Stein nos ensina que o passado não é simplesmente passado, mas é uma fonte que a consciência histórica faz presente no próprio ato de compreensão, isto é, no ato de constituir memória. Não se trata de história, mas de filosofia da história, de fenomenologia da história: de vivências atuais, presentes. Edith Stein está falando do espírito do passado, considerado como um fenômeno relacional, aqui-agora, através da qualidade experiencial da empatia, que gera a comunidade

(MANGANARO, 2016, p. 22).

Entretanto, vale salientar que Ermanno Nascimento (2020, p. 66), em suas reflexões sobre o cuidar ou a atitude do cuidar, merece pensar o cuidar sempre com o olhar de quem ama em toda e quaisquer situações existenciais-limite, ou seja,

A relação de solidariedade significa que é possível o indivíduo colocar-se no lugar do outro. Então, podemos afirmar também que essa recíproca se torna verdadeira. Aristóteles, na *Ética a Nicômaco*, afirma que 'das coisas, a mais nobre é a mais justa, e a melhor é a saúde; porém a mais doce é ter o que amamos'.

Ocorre, entretanto, essa abertura para o outro, geradora de cuidado, vem se tornando, na atual sociedade, um desafio, uma vez que a tecnologia vem tomando o lugar de encontro entre as pessoas.

Leonardo Boff em suas primeiras linhas de seu livro "*Saber cuidar*", diz que:

A sociedade contemporânea chamada sociedade do conhecimento e da comunicação está criando, contraditoriamente, cada vez mais incomunicação e solidão entre as pessoas. A internet pode conectar-nos com milhões de pessoas sem precisarmos encontrar alguém. Pode-se comprar, pagar as contas, trabalhar, pedir comida, assistir a um filme sem falar com ninguém. Para viajar, conhecer países, visitar pinacotecas não precisamos sair de casa. Tudo vem a nossa casa via on-line (2021, p. 11).

O mundo virtual trouxe ao ser humano uma sensação de que a fronteira da distância poderia ser rompida pelo encontro através das telas de um monitor, que o tempo tão precioso, num mundo de tantas demandas, ser-nos-ia mais valorizado; ao fazermos operações bancárias, por exemplo, sem ter que enfrentar longas filas. No entanto, está tirando da pessoa humana a capacidade de conversar olhando no olho do outro, de observar pequenos gestos como o mexer nas mãos e nos pés, de um rubor que se acende no rosto, pequenos sinais que nos aproxima e revela um certo estado do outro.

Nesse novo mundo, o fenômeno que se realiza com o uso dos sentidos da visão e do tato, tão importantes para a apreensão daquilo que se apresenta a nossa consciência, realizar-se-á do mesmo modo que ocorre quando do contato pessoal? Certamente não. Conforme dito anteriormente, pequenos gestos podem ser apreendidos de forma mais fiel na presença do outro, sem intermédio de telas e filtros.

Esse mundo artificial está encarcerando os humanos, a máquina vai dominando

a mente, tirando do homem o desejo do convívio pessoal. Novos rituais vão se estabelecendo como a saudação do bom dia e as felicitações de aniversários pelo *whatsapp*, *facebook*, *instagram*, pelas redes sociais. Num click encaminhamos para grupo de família, amigos uma mensagem ou apenas um *emoji* para representar uma fala ou um sentimento, e, dessa forma, achamos que estamos sendo gentis, atenciosos, cuidadosos e próximos do outro. Mas a pessoa humana precisa do toque, do abraço verdadeiro, o virtual não afere temperatura, não sente cheiro, a respiração dos nossos semelhantes.

Leonardo Boff ao comentar sobre a realidade do mundo virtual diz que:

Essa antirrealidade afeta a vida humana naquilo que ela possui de mais fundamental, o cuidado e a com-paixão. Mitos antigos e pensadores contemporâneos dos mais profundos nos ensinam que a essência humana não se encontra tanto na inteligência, na liberdade ou na criatividade, mas basicamente no cuidado. O cuidado é, na verdade, o suporte real da criatividade, da liberdade e da inteligência. No cuidado identificamos os princípios, os valores e as atitudes que fazem da vida um bem-viver e das ações um reto agir (2021, p. 11-12).

Continua em sua análise em cuidado e compaixão como atitudes fundamentais nas relações humanas, nós diríamos o cuidado e a empatia, como apresentada por Edith Stein. A vida dessa filósofa revela cuidado com os familiares, amigos, com os desconhecidos que precisavam dela, como na sua passagem como enfermeira da Cruz Vermelha para ajudar soldados feridos da Primeira Guerra Mundial.

Stein, considerando aqui das palavras de Leonardo Boff, é movida pelo reto-agir que o cuidado com o outro faz sobressair, mas que é precedido, no nosso sentir, pela empatia.

Ilustra bem essa afirmação, a decisão dela em servir como enfermeira para ajudar num hospital, como já dito, em que recebia soldados de guerra que estavam com doenças infectocontagiosas.

A aluna brilhante e determinada que se preparava para a tese de doutorado relega a segundo plano seus projetos pessoais, conforme revela em seu livro *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*. Ao comentar sobre seu desejo ardente de servir na guerra, num hospital de campanha, ela comenta:

Encontrava-me em um estado de tensão febril, encarando de frente, com grande lucidez e determinação, o que me aguardava. “Agora a minha vida já não me pertence” – disse para mim mesma. “Tenho de investir todas as minhas forças nisso que está acontecendo. Quando a gente terminar, se ainda estiver viva, poderei voltar a pensar em meus assuntos pessoais (STEIN, 2018, p. 384).

É com esse espírito de doação e entrega para o outro que Edith Stein, determinada, irá participar, conforme dizia, ‘desse evento’ chamado Guerra, prestando o serviço militar, enfrentando a oposição de sua mãe que tentou dissuadi-la. Estava tão convicta de seus propósitos que, Stein (2018), ainda sem o consentimento da mãe, num embate travado entre elas, segura, responde-lhe que ainda sem a sua permissão, deveria seguir com os seus planos, o que, de fato, aconteceu.

Não poderia deixar de trazer a lume as considerações sobre essa pensadora, que não só apresentou um trabalho sobre o tema da empatia, mas cuja vida é marcada por atos que revelam um viver comprometido com o outro com quem convive, como a família e os amigos, mas com aqueles cujos rostos lhes são desconhecidos, e a quem ela também se direciona, através de atos que a tornam, poderia afirmar, não só uma mulher, filósofa, pensadora, que descreve o fenômeno da empatia, mas que o vivencia, como no episódio da guerra. E em seu ato extremo de não mais se refugiar para escapar do nazismo que estava fazendo prisioneiros os judeus, mas de se entregar para unir-se ao seu povo, age com o rigor com que sempre pautou a sua vida em busca da verdade, exurgindo a fenomenóloga, a mística, a judia-cristã, a mulher que transcende o seu tempo com seu exemplo e sua rica contribuição, entre outras, as de filósofa e teóloga.

Mas, prosseguindo na ética do cuidado apresentada por Boff, ele traz à reflexão o homem e a sua relação com o mundo e o que nele existe, o *ethos* do cuidado. O planeta em que habitamos existiria sem o homem, mas a condição da existência humana está condicionada a um mundo com condições favoráveis em que o ser humano precisa atuar de forma cooperativa com o Outro para se manter neste espaço chamado Terra.

O Papa Francisco em sua Encíclica *Fratelli Tutti*, lançada em 03/10/2020, junto ao túmulo de São Francisco de Assis, inicia lembrando que o coração do jovem franciscano era um coração aberto para o outro, de modo que sabia respeitar as crenças, etnias, cor, “era um coração sem fronteiras”. E aqui não é pretensão deternos em aspecto de religião, mas na pessoa humana de Francisco como um homem

que agia com a ética do cuidado. De origem nobre, por opção despojou-se de seus bens e fez-se humilde, mas não condenando os ricos e a riqueza, mas acolhendo, reconhecendo em cada pessoa, independentemente, das vestes ou bens que possuía, o homem (*aquele que é humus*<sup>21</sup> (tomando como referência a fábula-mito do cuidado), terra) que traz em si suas fragilidades e a dimensão do divino.

É necessário que cada pessoa humana assuma a responsabilidade de bom cuidador do planeta que o recebeu e que lhe fornece condições para que aqui possa crescer e povoar. Esse cuidado com o planeta implica primordialmente no cuidado com o outro.

Hoje o mundo já contabiliza mais de oito bilhões de seres humanos no planeta Terra. Isso significa aumento do consumo de alimentos, de água, da extração dos recursos naturais para construção de moradias, de objetos os quais o homem utiliza para seu conforto, satisfação.

Esse aumento populacional no planeta urge medidas seriíssimas a serem adotadas para que o planeta possa bem acomodar os seus habitantes. Há muitos projetos que visam combater os problemas que hoje são motivos de preocupações dos Estados, como: a contaminação dos solos, o efeito estufa, as epidemias, as extinções das espécies, as imigrações (causadas pelas guerras, conflitos locais), o desmatamento e outros que poderiam ser listados. Embora Estados se reúnam para firmar políticas que visem sanar ou frear o avanço desses males que hoje atinge nossa população mundial, o não cumprimento de medidas acordadas prevê uma verdadeira catástrofe em nosso planeta.

Leonardo Boff (2021), em uma das passagens do seu livro *Saber Cuidar*, afirma que a ética do cuidado deve ser executada em âmbito mundial, de forma que se realize, 'em nível internacional, como em nível nacional e individual', uma vez que todos sofrerão as consequências do não cumprimento de medidas que são orientadas visando um planeta mais sustentável.

A ética do cuidado nasce do comprometimento da pessoa humana consigo, com o outro e com o mundo que o acolhe.

Cuidar do planeta é ter responsabilidade nas ações praticadas, é compreender que o ser é uma força potente que juntada a outras forças em vida comunitária e

---

<sup>21</sup> Que significa terra fértil. Leonardo Boff, em seu livro *Saber cuidar* apresenta a fábula-mito do cuidado e convoca o leitor a uma reflexão sobre o cuidado e essência do homem.

colaborativa podemos reduzir os impactos causados no meio ambiente, na busca de uma convivência mais harmônica com a natureza e os seres que nela habitam.

Mas a promoção dessas ações das pessoas humanas, segundo SBERGA (2019), estão no campo axiológico, seguindo o trilhar do pensamento da filósofa Edith Stein, alcançando “o núcleo essencial da pessoa”, sendo atingidos pelos atos empáticos.

O mundo passou por duas grandes guerras no século XX com consequências desastrosas para a humanidade: destruições de cidades, perdas de vidas, doenças causadas pela emissão de substâncias agressivas para o homem e para o meio ambiente e diversos outros fatores associados a uma guerra. O mundo ainda vive diversos conflitos locais, tornando cidades inóspitas, dilacerando famílias num desrespeito à vida, à comunidade, ao planeta que tem sua terra agredida e vilipendiada.

O homem traz em seu *germen* o desejo de imortalidade, seja através de seus descendentes, seja através da crença em uma vida eterna. Mas o planeta Terra está ameaçado pela falta de cuidado com que vem sendo tratado. De modo que, uma das soluções vislumbradas pelo homem para continuação de sua espécie seria a exploração de um outro planeta, uma vez que esgotados os recursos da Terra, ficaria difícil a sua sobrevivência numa casa desorganizada em que as paredes estão ruindo.

Tal solução, ainda que possa parecer atraente, gera alguns questionamentos: Será que se tal realidade fosse concretizada, esse seria o melhor caminho? Não incorreríamos nos mesmos erros que foram no planeta Terra cometido? O homem não pode se tornar uma grande ameaça para si próprio. É preciso que ele se sinta pessoa humana e sinta a pessoa humana que o cerca nessa “casa comum”. A mudança tem que começar no tempo presente para o bem viver dos que aqui estão e também para que as futuras gerações possam desfrutar do que a natureza favorece: das belas paisagens, dos mares e rios, animais que com o ser humano compõe a mais bela expressão da arte viva do Criador.

Na Encíclica *Laudato Si*, “Sobre o cuidado da Casa Comum” o Papa Francisco (2015), apresenta alguns questionamentos e reflexões, a fim de que a humanidade possa despertar sobre a responsabilidade que possui com o cuidado do planeta. Assim, ele expõe:

Que tipo de mundo queremos deixar a quem vai suceder-nos, às crianças que estão a crescer? Esta pergunta não toca apenas o meio ambiente de maneira isolada, porque não se pode pôr a questão de forma fragmentária. Quando nos interrogamos acerca do mundo que queremos deixar, referimo-nos sobretudo à sua orientação geral, ao seu sentido, aos seus valores. Se não pulsa nelas esta pergunta de fundo, não creio que as nossas preocupações ecológicas possam alcançar efeitos importantes. Mas, se esta pergunta é posta com coragem, leva-nos inexoravelmente a outras questões muito directas: Com que finalidade passamos por este mundo? Para que viemos a esta vida? Para que trabalhamos e lutamos? Que necessidade tem de nós esta terra? Por isso, já não basta dizer que devemos preocupar-nos com as gerações futuras; exige-se ter consciência de que é a nossa própria dignidade que está em jogo. Somos nós os primeiros interessados em deixar um planeta habitável para a humanidade que nos vai suceder. Trata-se de um drama para nós mesmos, porque isto chama em causa o significado da nossa passagem por esta terra.

De tal forma que o passo primeiro deve ser a educação individual com o olhar para o coletivo, para o próximo, para o outro, e esse outro é a pessoa humana com quem me relaciono, com quem convivo e também aqueles que passam por mim e que comigo coabitam nessa “Casa Comum”.

Com agudeza assim observa o Papa Francisco:

É necessário voltar a sentir que precisamos uns dos outros, que temos uma responsabilidade para com os outros e o mundo, que vale a pena ser bons e honestos. Vivemos já muito tempo na degradação moral, baldando-nos à ética, à bondade, à fé, à honestidade; chegou o momento de reconhecer que esta alegre superficialidade de pouco nos serviu. Uma tal destruição de todo o fundamento da vida social acaba por colocar-nos uns contra os outros na defesa dos próprios interesses, provoca o despertar de novas formas de violência e crueldade e impede o desenvolvimento duma verdadeira cultura do cuidado do meio ambiente (2015, p. 72).

O nosso planeta Terra, redondo, simboliza uma grande aliança na qual o homem, dentro dela, deve respeitar e preservar esse espaço para que ao sairmos dele, outros possam usufruir do que ele nos oferta através de todo o nosso ecossistema. De tal forma que, o grande legado de uma geração seja o firme compromisso com os que ainda não nasceram, para que eles possam ter a oportunidade de viver num planeta sustentável em que todos estão unidos pelo compromisso comum do cuidado com o outro e com a Terra.

O agir no mundo, de cada pessoa humana, de forma responsável e cuidadosa, é sempre precedido pelo cuidado de um “outro”; o outro antecede o nosso “eu” agir no mundo, é anterior aos nossos primeiros atos éticos que nos direccionam ao outro,

aquele a quem encontro, com quem eu falo, a quem reconheço como um semelhante.

Leonardo Boff (2021, p.163), em uma das passagens de seu livro *Saber Cuidar*, apresenta o olhar e o rosto do outro como algo concreto que ‘convoca’, ‘provoca’, evoca aquele que o vê a tomada de uma atitude responsável, de modo a buscar a paz e o diálogo, numa relação ética que nasce quando se estabelece uma relação responsável.

É preciso, portanto, que os rostos que se encontram cooperem entre si, libertem-se das amarras das indiferenças, de forma que o *animus* e o *animas*<sup>22</sup> se encontrem construindo pontes e derrubando as barreiras que os impedem de estar numa relação mais aberta à escuta, ao diálogo e a compreensão. De modo que, homem e mulher possam respeitar as suas singularidades e nas suas diferenças e experiências possam congregam mais valores na vida um do outro, trazendo vigor, entusiasmo, em suas ações no meio social para que esses encontros sejam permeados de atitudes de zelo e cuidado com a pessoa humana.

Leonardo Boff, traz a seguinte reflexão:

Cuidar do outro animus-anima implica um esforço ingente de superar a dominação dos sexos, desmontar o patriarcalismo e o machismo, por um lado, e o matriarcalismo e o feminino excludente, por outro. Exige inventar relações que propiciem a manifestação das diferenças não mais entendidas como desigualdades, mas como riqueza da única e completa substância humana. Essa convergência cria espaço para uma experiência mais global e integrada de nossa própria humanidade, uma maneira cuidada de ser (2021, p.164).

O homem e a mulher têm suas singularidades, mas isso não deve ser visto como empecilho para a construção de um diálogo profícuo, ao contrário, ao se expor as diferenças, é possível analisar sob uma nova ótica o que antes não fora pensado ou aceito. Stein (2020, p. 72), destaca que fisicamente e mentalmente o homem está preparado para a conquista e o combate, objetivando sujeitar a terra a seu domínio, de forma a se tornar possuidor e senhor dela. Já a mulher, prossegue a filósofa, (2020, p. 75), teria um corpo e mente mais voltados para o cuidado, guarda e conservação.

No entanto, esses fatores não devem ser causas de distanciamento, mas de ganho para ambos, uma vez que possibilita o encontro de formas de agir que, uma

---

<sup>22</sup> O termo animus, de acordo com Carl Jung, apresenta Boff, no seu livro *Saber Cuidar*, refere-se a uma porção do masculino que seria da força, da razão que se encontra na mulher e o animas a porção feminina que se encontra no homem, da sensibilidade, do cuidado, em nível psíquico

vez somadas e equilibradas, irão enriquecer a comunidade, o núcleo em que vivem. É o encontro do *animus* e *anima* que dialogam de forma responsável e saudável, recepcionando o que está predisposto em cada um.

Vivemos atualmente num mundo em que mais de oitocentos milhões de pessoas encontram-se desnutridas, mais de setecentos e oitenta e dois milhões sem acesso à água potável. Essa realidade é de exclusão de homens e mulheres, crianças, jovens, adultos, que convivem nesta “Casa Comum”, ao lado, vizinho de alguém que em sua mesa tem uma refeição farta e sobras que vão para o lixo, que passarão com os vidros de seus carros fechados para não ser abordado pelos que mendigam por um pedaço de pão para si e seus filhos.

As pessoas não podem continuar refém de seu próprio egoísmo que exclui, que aniquila o outro e, por conseguinte, o torna vítima desses a quem lhes nega o direito ao trabalho, ao pão, à dignidade; e, para deles fugir, aprisionam-se em seus castelos com altas muralhas, cerca elétrica, seguranças, sem resolver o que, de fato, merece atenção: o deslocar-se de si próprio, de sua autocentralidade, direcionando-se ao outro. Só assim, como observa o Papa dos Pobres, as mudanças necessárias para uma sociedade mais cuidada poderão se efetivar:

Sempre é possível desenvolver uma nova capacidade de sair de si mesmo rumo ao outro. Sem tal capacidade, não se reconhece às outras criaturas o seu valor, não se sente interesse em cuidar de algo para os outros, não se consegue impor limites para evitar o sofrimento ou a degradação do que nos rodeia. A atitude basilar de se auto-transcender, rompendo com a consciência isolada e a auto-referencialidade, é a raiz que possibilita todo o cuidado dos outros e do meio ambiente; e faz brotar a reacção moral de ter em conta o impacto que possa provocar cada acção e decisão pessoal fora de si mesmo. Quando somos capazes de superar o individualismo, pode-se realmente desenvolver um estilo de vida alternativo e torna-se possível uma mudança relevante na sociedade (2015, p. 158-159).

Para Boff (2021), a maior causa de agressão ao ‘modo-de-ser-cuidado’ é a falta de atenção para com a pessoa humana, tornando-se esse o grande enfrentamento da política pautada pela ética.

O enfrentamento dessa realidade de milhões de pessoas para que possam superar a triste realidade em que se encontram, superando a situação de risco em que vivem, que lhes tira o direito a uma vida digna, com, no mínimo as refeições básicas, não acontecerá sem a intervenção de uma política cuidadosa e visionária. É preciso que o grito dos excluído e/ou, talvez, a voz emudecida e olhar suplicante por

um olhar que os reconheça como pessoas humanas, possa alcançar os que têm força para que, unindo-se a eles, possam mudar esse sistema que oprime, exclui e os afasta de seus semelhantes. Essas pessoas perdem a sua identidade humana no meio social, morrem e são enterrados sem ter o direito a bens básicos que lhes garantiria o mínimo de dignidade.

Boff ao referir-se sobre a ética do cuidado que se deve a parcela da população marginalizada, seja pela pobreza, doença, etnia ou qualquer outro fator que os torne exilados dentro dessa Terra que a todos recebe como mãe, diz:

A libertação dos oprimidos deverá provir deles mesmos, na medida em que se conscientizam da injustiça de sua situação, organizam-se entre si e começam com práticas que visam transformar estruturalmente as relações iníquas. A opção pelos pobres contra a sua pobreza e em favor de sua vida e liberdade constitui e ainda constitui a marca registrada dos grupos sociais e das igrejas que se puseram à escuta do grito dos empobrecidos que podem ser tanto os trabalhadores explorados, os indígenas, e negros discriminados, quanto as mulheres oprimidas e as minorias marginalizadas, como os portadores do vírus da Aids ou de qualquer deficiência. Não são poucos aqueles que não sendo oprimidos se fizeram aliados dos oprimidos, para junto com eles e na perspectiva deles empenhar-se por transformações sociais profundas (2021, p. 165).

A população marginalizada nem sempre tem força para organizar-se e tentar mudar a realidade em que vive, pois, dentro desse grupo há os que padecem por faltar as substâncias necessárias ao seu corpo para os manter em pé. Dentro desse grupo marginalizado encontramos vários subgrupos, como os indígenas, os negros oprimidos, os que trabalham em situação análoga à escravidão, entre outros que devem unir-se pela causa comum dos excluídos e oprimidos, juntamente com aqueles homens e mulheres que se encontram em uma situação mais confortável no meio social, cujo olhar empático os direciona ao “outro eu” que é o seu próximo.

## **4.2 Justiça e Ética**

Na justiça, a letra fria da lei é elaborada e aplicada por homens e mulheres para que a pessoa humana possa ter seus direitos respeitados e garantidos, de forma a possibilitar uma convivência harmônica entre os membros de uma sociedade. E, de forma circular, a justiça, o cuidado e a ética são elementos que devem concorrer num mesmo movimento, sob o risco de ver-se fragmentada as relações no âmbito social.

Desde o princípio, poder-se-ia afirmar que o cuidado e a justiça são constituidores da ética humana e que, se a justiça está com sua tocha acesa para que não falte aplicação de medidas que sejam justas, o cuidado deve se fazer presente em busca do fim almejado que é a felicidade e o bem-estar.

Na Bíblia, Adão e Eva ao desobedecerem a Deus são expulsos do paraíso, mas o Deus onisciente não os condena, sem antes os ouvir. Há um diálogo entre o Criador e a criatura. Eis que temos o primeiro julgamento. A criatura tem o direito a falar, a apresentar suas razões pela desobediência, ainda que não críveis para ser perdoada. E o justo Juiz, lembrando a norma que foi infringida, ao sentenciá-los, aplica-lhes as correções necessárias para que possam refletir sobre o erro cometido, servindo de exemplo para os seus descendentes.

Antes de os expulsar do paraíso, o Criador impõe a pena, mas a eles dirige um olhar benevolente. Aquele homem e mulher que O tinha traído, que estavam nus, envergonhados são acolhidos em sua miséria e Deus, antes de os despedir, entrega-lhes uma túnica para que possam cobrir seus corpos. Perdem o privilégio de permanecer no Paraíso, mas saem com a dignidade da pessoa humana que é o de ter as condições mínimas para que possa cumprir o que lhe foi estabelecido e poder olhar para o seu Juiz.

Essa entrega da túnica não está a simbolizar a dignidade do homem que não pode ser esquecida, renegada? Pois, essa tem que ser cuidada em qualquer circunstância, a fim de que a vida seja respeitada.

Homem e mulher, expulsos do Paraíso, são postos em “prisão”, poderíamos assim afirmar. Afinal, se no Paraíso o homem e a mulher eram livres de toda doença e gozavam da alegria de caminhar lado a lado com Deus, tendo o domínio das demais criaturas, com a terra a lhes fornecer o alimento necessário sem demandar esforços de suas partes, ao lhe ser proclamada a sentença por Deus, os querubins são colocados em guarda preservando o caminho do Éden para que eles ali não adentrem e não peguem da árvore da vida.

De forma que, o homem perde a liberdade de falar com seu Criador face a face ao deixar o Jardim do Éden, e caminha para o “cárcere”, em que a dor, o choro, o suor, fará parte de sua lida diária para sobrevivência enquanto perdurar os seus dias na Terra. Mas o direito de usufruir dos bens que produzir, de alegrar-se com suas conquistas, de descansar após seu trabalho e de se comunicar com seu Criador, se assim o desejar e Nele crer, não lhes serão tirados. Porque o Deus que castiga, o faz

com cuidado. Ele não abafa nem despreza as vozes que lhes são dirigidas, mas as recebe e lhes responde. É um Deus que se apresenta zeloso, cuidadoso e, por isso, mesmo diante das faltas cometidas, dá a chance de uma explicação.

Ao apresentar tal exemplo, que ilustra a essência do cuidado presente na história da criação do homem por Deus, trago o que é apresentado por Boff ao discorrer sobre justiça, cuidado e ética:

Masculino e feminino são recíprocos e complementares. Juntos permitem emergir o ser humano na forma de homem e de mulher. Algo semelhante ocorre com a justiça e o cuidado. Ambos nascem de dados reais e não imaginados, como duas fontes distintas que, juntas, corroboram na produção da água cristalina da ética humana. Elas constituem uma ética integral e globalizadora da experiência humana. Por isso, nenhuma delas pode ser dispensada ou contraposta à outra. Precisamos de ambas. A justiça é irrenunciável seja em nível individual, seja em nível social. Ela configura a justa medida, expressão do cuidado, em todas as coisas, objeto da sabedoria ancestral de todos os povos. No nível pessoal se traduz por virtudes que tornam decente e aprazível a convivência humana. No nível social a justiça preside as relações adequadas nas instituições, de sorte que construam o bem comum e atenda o interesse geral. Sem justiça não se pode construir uma sociedade humana sem violência e que inclua todas as pessoas como cidadãos iguais diante das leis e igualmente dignos nas diferenças (2021, p. 133).

É nesse encontro de justiça e cuidado que a ética emerge e a aplicação da lei não se torna um fardo sobre a pessoa humana, mas traz a esperança de dias mais felizes, de homens e mulheres comprometidos com o bem estar em nosso espaço comum. Eis o que pensa Boff (2013).

Ainda no trilhar da justiça divina, a Bíblia nos revela Cristo, o Deus encarnado, carne de nossa carne, que se apresenta para a humanidade, a fim de passar por todas as vicissitudes da vida humana.

Ao iniciar sua vida pública, o Messias que se revela é aquele que acolhe todos os que passam por Ele, seja rico, pobre ou doente, todos eram importantes, tinham seu valor: o leproso, a mulher adúltera, o cego, o deficiente, os pecadores, o ladrão. No alto da cruz, um dos criminosos que ladeava Jesus, reconhecendo-o como Deus, alcança a misericórdia e Cristo lhe assegura a vida eterna. Até no momento de extrema dor, olha, escuta e recepciona o outro.

E a empatia de Cristo pelos homens fatigados da luta diária, dos enfermos do corpo e da alma, revela-se diariamente através da doação de seu corpo eucarístico, o pão que ele oferece para os que tem sede e fome de vida eterna.

Independentemente de religião, de acreditar ou não em Cristo como Messias e Salvador, Jesus apresenta ao mundo uma vida que é exemplo para os que viveram com ele na mesma comunidade. Ao dirigir-se ao leproso de quem ninguém queriam se aproximar, ele nos convoca a olhar para o rejeitado; ao não condenar a mulher adúltera, Ele nos convoca a pensar em nossas próprias misérias antes de condenar alguém; ao curar o cego num dia não permitido, Ele nos lembra que mais vale é aliviar o sofrimento dos que padecem.

A empatia que se revela em Cristo é educativa, é pedagógica, mostra-se no dia a dia no contato com as pessoas por onde Ele andava, a quem Ele estendeu a mão e ajudou a levantar, a quem Ele impôs as mãos e curou, a quem Ele olhou, escutou e perdoou. A empatia de Cristo não é aquela que se deu na distância, do alto do céu com os humanos formados do barro, mas aquela que se deu corpo a corpo.

Nesse sentido, Edith Stein, compreende a constituição da pessoa humana como uma tríade: corpo, alma e espírito, de modo que não é possível conhecer o ser humano sem olhar para esses aspectos que o integra. Nas considerações de Queiroz e Mathias destacam, nessa mesma ótica, o que pensa Stein:

A alma humana tal como é descrita por Edith Stein, é o princípio da vida, da atividade e da unidade da pessoa humana. Portanto, a alma inclui uma série de fenômenos: a vitalidade, as emoções, os sentimentos, o pensamento e o exercício da liberdade. Edith Stein denominava espírito em alemão Geist, ao conjunto específico do pensamento e da vontade ou exercício da liberdade. Sendo assim, tal unidade da alma “esclarece que as estruturas vitais humanas possuem complexidade superior em relação aos outros seres vivos” (2010, p. 43-44).

Com essas considerações, o ser humano é possível ter uma visão mais íntegra do sujeito que circula no mundo, uma potência com seus sentimentos e emoções que o diferencia de outros seres vivos.

Dessa forma, podemos pensar numa sociedade ética em que os sujeitos seriam capazes de colaborar para a promoção de uma justiça que não seria pensada para divisões, apartes, mas que permita, conforme Paul Ricouer (2019), “valores compartilhados”.

### 4.3 A Ética da Alteridade

Nascido em Kovno, Lituânia, no início do século XX, em 1906, Levinas parte para a Ucrânia com a sua família durante o período da I Guerra Mundial e aos 12 anos vivencia a Revolução Bolchevista. Aos 17 anos, em 1923, segue para França onde irá estudar filosofia e, após sete anos de sua estadia, nos idos de 1930, é naturalizado francês.

Faz-se mister registrar que a base de educação de Levinas foi a judaica tradicional e esse fato, aliado com as experiências pessoais<sup>23</sup>, como as de ter passado por duas guerras mundiais, terão reflexos em suas obras. De tal forma que, não se pode furtar a tais registros.

Com base nos estudos da fenomenologia, Levinas, em 1930, apresenta sua tese de doutorado, Teoria da intuição na Fenomenologia de Husserl, destacando o método das análises intencionais. Tal qual Edith Stein (titulada doutora em 1916 sob a orientação de Husserl) foi aluno do renomado pensador (participou do último curso e seminário promovidos por Husserl na Universidade de Friburgo) que percebe no jovem estudante o brilhantismo de suas ideias, de forma que a convite do Doutor Edmund Husserl frequentou a sua casa para discutirem sobre Filosofia.

A fenomenologia irá alicerçar a filosofia de Levinas, muito embora tenha rechaçado algumas ideias de Husserl<sup>24</sup>, ele se pronuncia dizendo ser “fiel ao seu

---

<sup>23</sup> “Sobre esse período de sua vida, ele dirá: “Na minha infância, nutri-me com a cultura russa, mas também estive próximo dos textos bíblicos. Li bastante cedo a Bíblia em hebraico. Lia também Dostoiévski. Vivi por muito tempo na Ucrânia, em Kharkov. Era criança, tinha doze anos durante a Revolução russa, e vi esse acontecimento enorme, dramático, através de aspectos muito corriqueiros.” (Martins, Rogério & Lepargneur, Hubert, 2014, p. 14). Levinas nasceu na Rússia e a literatura de alguns escritores russos, com destaque a Dostoiévski o marcou de tal forma, em especial com a leitura que fez da obra *Os irmãos Karamázov*, o acompanhará ao longo de sua vida, com o sentido de responsabilidade que se deve ter em relação ao outro, conforme apresenta (SOLÉ, 2017).

<sup>24</sup> Dentre as ideias que afastam o pensamento de Levinas e Husserl, podemos apresentar, conforme José Tadeu Batista, em sua tese de doutorado: “Ao contrário do que afirmou Husserl, podemos ver que Levinas fez derivar o sentido de uma outra forma de relação, que não a teórica. Agora, o sentido tem que ser buscado numa dimensão que se apresenta na tessitura ética e não mais a trama da intencionalidade. A consciência que, em Husserl, tem uma função ativa de constituição de sentido e objetividade, é vista por Levinas como abertura para o acolhimento do outro. O eu não é mais o ponto de iniciativa, mas o pólo de recepção da provocação e lugar da possibilidade da resposta. É, portanto, na possibilidade de uma relação com o outro que o eu se constitui. É também a partir daí, que deve ser pensado fora de qualquer horizonte definido pela compreensão. Levinas propõe uma nova forma de pensamento em que seja possível destituir o privilégio da subjetividade e da intenção cognitiva e instituir o primado ético, onde o outro aparece como alguém com quem é possível estabelecer uma relação, que possa se fazer próximo, encará-lo num frente-a-frente. Assim, o outro apresenta-se como alguém que tem a sua própria identidade e não a identidade construída pelo eu cognitivo. Agora ele aparece como um convite ao estabelecimento de uma relação social e não como um objeto que pode ser feito tema e, portanto, objeto. A objetividade possível da relação com o objeto” (SOUZA, José

espírito” (SOLE, 2017 p. 52).

Mais adiante, algumas questões serão exploradas como o rosto do outro e a corporeidade em que se pode perceber uma similitude de pensamento de Levinas e Edith Stein, ambos apresentando a mesma essência da escola husserliana, a fenomenologia.

Num segundo momento de sua produção intelectual, esse pensador da alteridade traz a questão do rosto humano, a partir da tradição talmúdica. E essa invocação do rosto humano, do encontro que se dá no face a face, traz-nos a questão da ética como filosofia primeira, aquela que é de cunho moral e que deve reger as relações dos sujeitos. “O sujeito emerge como lugar de “produção” do reconhecimento do outro” (MARTINS & LEPARGNEUR, 2014, p. 17). O sujeito que reconhece no Outro um lugar de superioridade, o qual merece ser escutado e reconhecido nele o Infinito.<sup>25</sup> A religião exerceu uma forte influência no pensamento de Levinas que traz a ideia de responsabilidade messiânica de todo homem, de forma que se pode indagar sobre a própria responsabilidade ante a promoção de guerras e perseguições que são promovidas no mundo.

O filósofo, dizem, Martins e Lepargneur (2014), apresenta uma ideia de guerra como uma expressão infeliz de alteridade que foi desviada, ela não traduz a “verdadeira alteridade”, ao contrário, dirá, “destrói a identidade da mesma. E nesse momento, trago uma outra palavra que é utilizada por Levinas, Totalidade<sup>26</sup>, que se opõe ao Infinito. Ao referir-se a palavra guerra diz que ela “Toma conta do conceito de Totalidade que domina a filosofia ocidental. Levinas irá desprezar a experiência da guerra e faz pensar sobre a questão de como romper com a Totalidade censurável.

O livro, “A conquista da América: a questão do outro”, de Todorov, apresenta como Colombo e seus tripulantes se comportaram ao aportar na nova terra e como se

---

Tadeu Batista de, 2007, p. 81).

<sup>25</sup> “Trata-se de sair de si” inspirado em Abraão na tradição bíblica. O infinito é a presença de um ser que não é fechado na esfera do Mesmo, presença que a extravasa, fixa o seu estatuto de infinito. A ideia de infinito ultrapassa os meus poderes. O infinito se manifesta na epifania do rosto” (MARTINS e LEPARGNEUR, 2014, p. 7).

<sup>26</sup> “Lévinas critica esse conceito como uma pretensão filosófica errada do Ocidente de atingir o saber absoluto, que tenta reduzir o Outro ao Mesmo, expressão de domínio. Trata-se do primado do Eu ou do Mesmo. É a razão definida pelo Eu. Consiste na compreensão da ontologia como analogia ao indivíduo – único a existir – na sua individualidade. O primado do Eu se assenta na suficiência essencial do Mesmo, na identificação da ipseidade, no seu egoísmo. Trata-se de uma egolatria. “Remonta a ‘estados da alma’ pagãos, ao enraizamento no solo, à adoração que homens escravizados podem votar aos seus senhores. O ser antes do ente, a ontologia antes da metafísica. “Nessa perspectiva, a relação é de domínio e violência, pois o outro é o “eu mesmo” – “mesmidade” (MARTINS e LEPARGNEUR, 2014, p. 1).

estabeleceu o encontro com os nativos que nela habitavam.

Para exemplificar a questão da alteridade, do mesmo, do outro, do rosto, da guerra que são apresentadas por Levinas, alguns recortes dessa história da conquista da América serão a seguir expostas:

Quando lhe traziam ouro ou objetos preciosos, ele entrava em seu oratório, ajoelhava-se como as circunstâncias exigiam, e dizia: 'Agradecemos a Nosso Senhor que nos tornou dignos de descobrir tantos bens'. Era o guardião mais zeloso da honra divina; ávido e desejoso de converter as pessoas, e de ver por toda parte semeada e propagada a fé de Jesus Cristo; e particularmente dedicado para que Deus o tornasse digno de contribuir de algum modo para o resgate do Santo Sepulcro; e com esta devoção e certeza de que Deus o guiar ia na descoberta deste mundo que ele prometia, tinha suplicado á Sereníssima Rainha Dona Isabel que lhe prometes se consagrar todas as riquezas que os Reis podiam obter de sua descoberta ao resgate da terra e da Santa Casa de Jerusalém, o que a Rainha fez [...] (TODOROV, 1992, p. 8).

A relação de simetria entre os colonizadores e os colonizados não existe, é fraudada, na realidade. Discursa Colombo sobre a importância de tornar os índios cristãos, isso seria a grande motivação, acima de qualquer outra, ao explorar essa nova terra. Ele diz que diante do Criador todos são iguais e, assim, como cristão, é dever difundir a fé católica entre os índios num compromisso de encaminhar mais almas para Deus.

No entanto, os índios deveriam apresentar-se sem resistência e entregar seu ouro, suas riquezas, porque ele (Colombo), a serviço do rei e da rainha, era o portador do Divino. Caso houvesse resistência, seriam então submetidos a força de homens armados que os enfrentariam, subjugando-os, como, de fato, aconteceu.

Deparamo-nos, pois com a redução do outro. Os homens e mulheres que habitavam na terra descoberta são os índios, não têm nomes, pouco importa para os colonizadores os nomes dessas pessoas, os rostos dessas pessoas, a voz dessas pessoas. E o pensamento de Levinas, como apresenta SOLÉ (2017), ao referir-se as ideias do filósofo, traz-nos de modo assertivo de que a inconsciência da alteridade (daquilo que se encontra para além da representação e da vontade próprias) abre o caminho à violência sobre o outro.

De modo que, traz um despertar sobre os atos de barbaridades que foram cometidos tantas vezes na história e que acontecem ainda hoje em nossas cidades pelo fato de não considerar o Outro como um caminho que leva ao infinito, assim não

permitindo a alteridade que nos possibilita um diálogo em que o encontro entre o Mesmo e o Outro seja de reconhecimento, de significação de respeito e ética que deve primar nas relações humanas.

Observemos esse excerto do livro, *A Conquista da América: a questão do outro*.

Colombo sabe perfeitamente que as ilhas já têm nome, de uma certa forma, nomes naturais (mas em outra acepção do termo); as palavras dos outros, entretanto, não lhe interessam muito, e ele quer rebatizar os lugares em função do lugar que ocupam em sua descoberta, dar-lhes nomes justos; a nomeação, além disso, equivale a tomar posse. Mais tarde, os registros religioso e real já quase esgotados, recorre a uma motivação mais tradicional, por semelhança direta, que ele justifica em seguida (TODOROV, 1992, p. 17).

Para o conquistador de terras, Colombo, não lhe interessava se as ilhas tinham nome, se alguém já as tinha batizado, ele se coloca numa posição superior e ignora o Outro, quer riscar, aniquilar qualquer vestígio da presença do Outro, a face do outro não lhe importa.

A questão da corporeidade apresentada por Levinas que nos é apresentada através do rosto, da face do outro, reporta-nos as ideias stenianas ao tratar sobre a questão de corporeidade e sua relação com a empatia, uma vez que é através do corpo que se pode, de fato, colocar-se ao lado do outro, fazendo exsurgir a empatia que humaniza as relações e possibilita um encontro de escuta e respeito, valendo-se de atos como o da percepção externa e percepção interna, mas não se subsume apenas a esses atos, aqui trazendo o que comenta SBERGA, Stein “se esforça para aprofundar o tema da empatia no âmbito do espírito, iniciando assim a fenomenologia da empatia” (2021, p. 64).

Levinas e Edith Stein fazem parte de um grupo de filósofos que apresentam essa questão da corporeidade de forma bastante significativa para compreensão da ‘estrutura do ser humano’, e como não pode deixar de ser, de sua corporeidade.

Isto posto, vejamos o trecho a seguir:

Mesmo quando não se trata de escravidão, o comportamento de Colombo implica o não reconhecimento do direito dos índios à vontade própria; implica que os considera, em suma, como objetos vivos. Assim, em seus impulsos de naturalista, sempre quer trazer à Espanha espécimes de todos os gêneros: árvores, pássaros, animais e índios; não lhe ocorre a idéia de pedir a opinião deles. “Diz que gostaria de prender uma meia dúzia de índios para levá-los consigo; mas diz que não pode pegá-los porque todos tinham partido antes do anoitecer. Mas no dia seguinte, terça feira, 8 de agosto, doze homens

vieram numa canoa até a caravela: foram todos aprisionados e levados à nau do Almirante, que escolheu seis deles e enviou à terra os outros seis" (TODOROV, 1992, p. 29).

O rosto do outro não lhes impõem respeito, eles não encontram nele quaisquer resquícios da sacralidade, que poderíamos supor que devessem enxergar no rosto do outro, uma vez que invocam e põe à frente de seus empreendimentos o nome de Deus. Que fé é essa que querem propagar? Que empreendimento santo é essa que aprisiona e mata milhares de almas inocentes, escravizando-os, subjugando-os? Prende-os como animais, tiram-lhes os filhos, separam de suas famílias? dos rostos que eles conviviam em harmonia?

Para os colonizadores não importa a dor que os índios sentem ao serem arrancados de suas terras, de suas paisagens, são objetos, querem-nos escravos, desejam os bens de suas terras, desejam suas mulheres. O importante (acrescentar: o importante para os "desbravadores" é fincarem sua bandeira e apossarem da terra descoberta que já era habitada.

Ao percorrer sobre a questão da guerra, Martins e Lepargneur (2014), dizem que Levinas irá questionar como é que se pode romper com a totalidade que não se deve tolerar. E a resposta está no "face a face". O rosto do Outro não pode passar despercebido, não pode ser objetificado, como no caso da transcrição acima, porque quando isso acontece, estamos propícios a guerras, a atos de tirania em que o Outro é reduzido através da indiferença, do massacre. O rosto do Outro traz o infinito, a transcendência e, assim, a ética.

Em resumo, Levinas, opta pelo infinito contra a totalidade, numa colocação que não deixa de ser original; entende, assim, optar pelo despojamento que enriquece, por oposição à posse que rebaixa.

No excerto anterior, Colombo em sua carta registra que não conseguiu capturar os índios porque eles haviam fugidos à noite. Ele os trata como caça, de forma que suas histórias, suas famílias, suas terras, não lhe importa.

Se, em Levinas, o infinito traz um chamamento de compromisso com a humanidade do Outro através de seu rosto, do reconhecimento do sujeito, em Edith Stein também encontramos o fenômeno da empatia que permite o encontro do sujeito com os seus semelhantes e com o mundo e tudo o que a ele pertence, trazendo-nos a invocação de um compromisso responsável. E a corporeidade, reiterando o que acima já foi expandido, permite esse encontro entre os sujeitos, através dos

movimentos, das sensações.

Vejamos o que diz BAREA, ao discorrer sobre a empatia em Edith Stein:

No entanto, é pela dimensão da corporeidade que a empatia se efetiva como ato cooriginário da vivência alheia. E nestes aspectos, apresentados de forma introdutória, percebe-se, claramente, a fundamental importância da “corporeidade” para a relação intersubjetiva, que tem como base de fundo a vivência da empatia (2015, p. 47).

Em Edith Stein e Levinas algumas ideias confluem como a questão da corporeidade, do encontro do “eu” e do “outro”.

Levinas nos faz pensar no “outro” colocando-o como aquele que nos tem a ensinar, nos revelar algo e, portanto, “o outro” é merecedor de respeito e isso traz ao sujeito a responsabilidade de uma conduta que não pode ser egoísta, antes será de reconhecimento pela existência do que se apresenta diante de um “eu” porque isso é o que nos traz a ética a qual não poderíamos questionar.

Se esse filósofo traz essa questão da ética como exposto e através do rosto aponta para o caminho que nos leva ao infinito, em Edith Stein, a questão da empatia que ela percorreu em sua tese de doutorado nos faz refletir sobre a importância deste encontro com o outro para o descobrimento de nossa própria humanidade em comunidade e como comunidade e por que vivemos tantas guerras, tantos conflitos, tantas crises em comunidade?

De forma que, tal qual Levinas, faz-nos pensar sobre a responsabilidade e o respeito que o homem deve ter com o “outro”, e como as relações vão sendo construídas em comunidade.

De acordo com BELO (2015), para uma melhor compreensão do sentido da vivência comunitária, a própria Edith em seus relatos autobiográficos ao expor sobre sua experiência como enfermeira voluntária na Primeira Guerra Mundial, nos favorece com essa ideia de comunidade.

Analisemos o exemplo a seguir:

A tropa de que faço parte vive a dor pela perda de seu comandante. Comparando essa dor com aquela que sinto na perda de uma pessoa amiga, vemos que os dois casos se distinguem em muitos aspectos: 1) o sujeito que vive a dor é diverso; 2) a estrutura da vivência é diferente; 3) o fluxo em que a vivência se insere é de gênero diferente (BELO, 2005, p. 90).

Nesse exemplo, a vivência da dor é trazida por Edith Stein e ela mesma

distingue como esse sentimento é vivido por ela, enquanto “eu individual” e a vivência pela comunidade da qual ela está integrada, de forma que esse fluxo de vivência da dor é vivido em ambos os casos de maneira distintas.

O primeiro aspecto a observar é a vivência da dor pela tropa a qual ela faz parte, em que todos compartilham de um mesmo sentimento de perda de um dos seus membros, de maneira que há uma vivência comunitária. Um segundo ponto,

diz respeito a vivência da dor individual, quando a perda de uma pessoa faz parte de seu círculo íntimo, pessoal.

Edith, então, apresenta esses aspectos do fluxo de vivência comunitária e isso nos reporta a questões atuais em nossos espaços de convivência, como a tolerância, o respeito, e a tentar compreendermos o que faz com que nos identifiquemos com determinados grupos, e de que maneira a moral e a ética são essenciais para a tomada de posições e decisões em comunidade.

Levinas participou da Segunda Guerra Mundial nas condições de prisioneiro de guerra, foram cinco anos, de 1940 a 1945, por ser judeu. Felizmente, conseguiu sua liberdade em 18 de abril de 1945 e pode encontrar viva sua esposa e filha que durante esses longos cinco anos viveram escondidas, sorte que não teve seus pais, seus dois irmãos que foram mortos, bem como milhares de judeus que padeceram dois mais cruéis castigos e tormentos nas mãos dos nazistas.

Essa questão da guerra vivida por Levinas e também por Edith Stein nos remete à questão da vivência que abordávamos em linhas anteriores. Em Levinas, a vivência da dor da solidão, de ter-se separado de sua esposa e filha, dos tormentos que essa separação forçada causa, das incertezas e inseguranças dia após dia num campo de guerra, sem o direito de ir e vir que é assegurado ao homem livre. Essas pessoas que foram presas e exterminadas, perderam seus nomes, o que os identificava era um distintivo, em alguns casos, como a estrela de Davi comum aqueles que fossem judeus. Os seus rostos, suas histórias não importavam.

Vejamos o conceito que Levinas traz sobre a guerra: “A guerra exprime uma alteridade infeliz, que desviou; não manifesta a verdadeira alteridade, mas, antes “destrói a identidade da mesma”. A identificação é alienação, deturpação da relação do ser” (MARTINS e LEPARGNEUR, 2014, p. 18).

A “alteridade infeliz” é um menosprezo à vida ética. Ela é excludente, não respeita a identidade do outro, produz dor e deixa suas marcas de desigualdade. O que leva a Martins e Lepargneur afirmarem:

Rejeitando a enganosa experiência da guerra, Lévinas pergunta -se como quebrar a totalidade repreensível. A resposta aponta o face a face. O rosto do outro testemunha a sadia exterioridade e exprime a transcendência: estamos na ética, isto é, na filosofia mais radical e certa (2014, p. 19).

As considerações acima nos direcionam ao caminho da ética, como dita pelo autor, certa, conforme as ideias levinasianas, em que o rosto do outro, é o caminho para Deus, para o infinito. Observa-se, contudo, que não há uma relação de igualdade nesse encontro face a face, ao contrário, há uma dissimetria, uma vez que o Outro ante o Eu deve ser colocado numa relação de superioridade, de infinito, maior, nos direcionando ao transcendente.

Segundo Pergentino Pivatto (2018), comenta que, para um eu ético, no horizonte do mundo, só há uma majestade: O Rosto, o Próximo. Num mundo marcado por conflitos, intolerância religiosa, racismo, entre outras formas de violência, o pensamento de Levinas nos faz refletir sobre as nossas tomadas de posições e nos chama à responsabilidade em busca de uma sociedade mais harmônica, justa, solidária, em que o individualismo e intransigência devem ceder ao convívio marcado pelo diálogo, escuta do outro. Portanto é de considerarmos a afirmação de Pivatto que

A opção pela renovação de uma moral do dever individual, que pode ter seus méritos, deverá ser confrontada com a redescoberta da relação inter-humana — esta é a admiração fundante de toda a vida social. Se a trama desta relação for refletida, notar-se-á que toda construção social repousa sobre ela, que toda política, no bom sentido da palavra, é o desenvolvimento de relações sociais a ser feito com base no respeito das alteridades, com responsabilidade e altruísmo (2008, p. 14).

Enriquecedor se torna o pensamento de Edith Stein sobre o fluxo das vivências para a conquista do respeito das alteridades de forma responsável e altruísta. A filósofa Stein diz que em cada comunidade o fluxo das vivências tem sua história e que ela vai sendo passada através das gerações. No caso de uma guerra, por exemplo, a vivência de determinada comunidade, com base nessa reflexão, seria transmitida aos seus membros. Os que não viveram essa situação não teria o fluxo individual da vivência, mas essa construção em comunidade é parte da formação da pessoa individual que tem sua própria identidade, mas que também traz em si a identidade do grupo.

Apresentamos em linhas anteriores sobre a participação de Levinas na

Segunda Guerra Mundial, prisioneiro de guerra, refém de um regime totalitário. Essa palavra refém, de modo geral, traz um certo desconforto, uma vez que refém é aquele que está aprisionado por alguém, submetido ao poder de outrem. Quem está refém deseja a libertação dos grilhões que o aprisiona.

Mas, Levinas utiliza o termo “refém” em sua filosofia para apresentar que a liberdade do “Mesmo” deve estar submetida ao Outro, numa invocação de responsabilidade que traz o sentido da transcendência. Tal entendimento, pode parecer questionável, principalmente nos dias atuais em que a liberdade é símbolo de conquista e poder. No entanto, parece-nos que para ele é uma seta responsável direcionada para alcançar o Infinito.

Esse pensamento de Levinas do refém, remete-nos à imagem de Cristo, aquele que se deixa aprisionar porque é o guardião do Outro. Ele ao sujeitar-se às ordens e determinações dos que o acusavam de traidor, dispõe de sua própria vida em favor da liberdade do Outro, de modo que não reluta ao ser preso, ao sofrer o flagelo, ao ser crucificado. Ele entrega-se à morte de cruz, a fim de que o Outro seja verdadeiramente livre. É o amor doação.

A imagem de Cristo não é aludida por Levinas, como judeu, ele não vê o Nazareno como o Messias, mas traz essa ideia da figura messiânica que o seu povo. Que o outro enquanto outro não seja uma forma inteligível ligada a outras formas no processo de um “desvelamento” intencional, mas um rosto, a nudez proletária, a indigência; que o outro seja outrem; que a saída de si seja a aproximação do próximo; que a transcendência seja proximidade; que a proximidade seja responsabilidade pelo outro, substituição ao outro, expiação pelo outro, condição – ou incondição – de refém [...] (LÉVINAS, 2002, p. 32).

Essa passagem do filósofo provoca-nos a pensar nas relações que estão sendo construídas nessa sociedade de relações que se diluem tão rapidamente, em que o Outro passa tantas vezes despercebido, porque o trabalho, os estudos, a academia, os negócios, o “eu” “eu” não permitem direcionar-se para o rosto, para o próximo. Expiar, então, pelo outro, tornando-se refém, chega a soar como um delírio. Nesse pensamento de Levinas há um chamamento para reorganizar a casa caótica e encontrar a humanidade perdida. Mas quantos estão dispostos a secundarizar suas próprias vontades em favor do Outro?

Pergentino Pivatto sobre a questão da liberdade apresenta o seguinte apontamento:

Porém, outro não é aquele que se escolhe; é sempre o primeiro que chega, o próximo, que não depende de minha escolha. Pode-se dizer, com certeza, que esta exigência levinasiana é dramática, pois à liberdade tão cara à modernidade como mediação ao apogeu da autonomia, é secundarizada em benefício do respeito de cada homem e de sua humanização. A liberdade, geralmente, foi interpretada como absoluta, embora sempre permanecesse o estigma do Absoluto ou do nada nos espasmos da sua condição (1999, p. 362).

A supremacia do outro, conforme Pivatto, não depende do mesmo é condição *sine qua non* na ótica levinasiana, assim se posicionando, a realização do Mesmo sujeita-se ao outro e a liberdade torna-se de somenos importância, ou talvez, possa-se dizer ser livre é servir. Esse pensamento, entretanto, inquieta, ao se pensar nessa submissão ao outro num mundo em que a competitividade é estimulada e a tolerância e o respeito suprimidos.

Em uma entrevista, Levinas foi questionado sobre a questão da responsabilidade quando se deixa vir o mal, e as palavras do filósofo serão a seguir transcritas para uma melhor elucidação sobre esse tema:

N.N – Mas, quando se sofre, quando se deixa vir o mal como vem, como se pode ainda ser responsável? (...) E.Lévinas – Se só houvesse outrem diante de mim, diria até o fim: devo-lhe tudo. Sou para ele. E isto vale inclusive para o mal que me faz: não sou seu igual, estou para sempre sujeito a ele. Minha resistência começa quando o mal que me faz é feito contra um terceiro que é também meu próximo. É o terceiro que é a fonte de justiça e, por aí, da repressão justificada; é a violência sofrida pelo terceiro que justifica que se pare com violência a violência do outro. A ideia que sou responsável pelo mal feito pelo outro – ideia rejeitada, reprimida mesmo que psicologicamente possível – conduz-nos ao sentido da subjetividade. É atestada pela frase de Dostoieévski que sempre cito – é Aliocha, me parece, quem a diz -: “Cada um de nós é culpado diante de todos por todos e por tudo, e eu mais que os outros” [...] (LÉVINAS, 2002, p. 118/119).

A presença do terceiro ao ser apresentada por Levinas faz pensar na possibilidade de uma efetivação da justiça, de uma responsabilidade ética em que é possível questionar as ações que causam mal no âmbito social, de forma que o que se cingia ao estreito de uma relação Mesmo/Outrem expande-se porque foge do domínio que diz respeito apenas ao que atinge a si próprio e que era assumido como dívida inquestionável.

Mas, o Outrem ao causar um mal ao terceiro não pode passar incólume porque o terceiro é o outro do outro. E ao outro o “eu” deve submissão, aceitação de qualquer mal, conforme já visto.

Levinas vai ao extremo ao dizer que até pela morte do outro, ele se torna responsável, pois,

A morte do outro homem me põe em causa e questiona como se desta morte, invisível ao outro que aí se expõe, eu me tornasse o cúmplice, por minha indiferença; e como se, antes mesmo de lhe ser devotado eu próprio, eu tivesse que responder por essa morte do outro, e não deixá-lo na solidão (2002, p. 210).

No capítulo anterior, tratamos da questão da indiferença que se vive na sociedade atual, da falta de cuidado com o “outro”, dessa sociedade que trata o outro como um objeto sem se importar com sentimentos da pessoa “carne e osso”. O que pode soar como um exagero nas palavras de Levinas, talvez deva ser o que falta para uma sociedade mais responsável com o seu próximo.

Edith, como já mencionado, ao participar como enfermeira voluntária da guerra declarou que a sua vida naquele instante já não lhe pertencia, é para o próximo, para servir, porque a empatia de Stein não foi apenas a da teoria.

Quando Hitler assumiu o poder, Edith foi uma voz que alertava familiares, amigos, alunos contra o regime ditatorial. Ela chegou a escrever para o Papa alertando sobre o regime nazista e pedindo a intervenção do Sumo Pontífice, porque o rosto do outro era importante para ela, porque ela também se sentia responsável pelo seu próximo. A responsabilidade de Edith estava nas ações.

#### **4.4 A Ética da Responsabilidade**

Edith Stein através de sua tese sobre a empatia traz como questão central a pessoa humana e como ela se constitui, implicando assim em um pensar sobre quem é essa pessoa no mundo. Ao apresentar a essência dos atos da empatia, ao discorrer sobre a constituição do indivíduo psicofísico e a compreensão de pessoas espirituais por meio da empatia, ela oferece elementos para um reconhecimento de quem é esse homem no mundo, no qual podemos pensar num viver ético em que o “eu” não se sobrepõe ao outro, mas vai ao encontro do alheio em suas necessidades, fragilidades, e não apenas em situações que a dor do outro, a vulnerabilidade do alheio se apresenta, mas também no compartilhar as alegrias e conquistas de um amigo, vizinho, familiar, por exemplo.

O trabalho dessa filósofa, faz-nos pensar sobre a ética da responsabilidade que

se sobressai na pessoa que age em comunidade, avizinhandose das fronteiras do cuidado e da alteridade aqui já expostas. A alteridade nos coloca diante de um outro com quem posso dialogar, divergir, que merece respeito e cuidado. O cuidado, anteriormente apresentado, remete-nos a um outro em sua ampla dimensão dentro do espaço em que vivemos, o que temos como representação da natureza viva ou inanimada. E a responsabilidade dentro dessa tríade é a invocação primeira para que tenhamos um cuidado que seja responsável, consciente das implicações que dele possa advir, caso seja negligenciado. É o chamamento necessário para que eu recepcione o outro como um outro “eu”, de tal forma que independente de posicionamentos políticos, nível social, credos religiosos, haverá o respeito, a escuta necessária, o diálogo que, ainda sem consenso, será respeitoso.

Não poderíamos falar sobre a ética da responsabilidade em Edith Stein sem tecer algumas considerações sobre a própria autora. No capítulo anterior, referimos que Edith Stein interrompeu seus estudos de doutorado para servir como enfermeira num hospital. Ela, embora jovem, era bem determinada e mesmo diante da relutância de sua mãe, não cedeu, foi viver o que acreditava ser mais importante naquele período, unir-se a outros voluntários que estavam dispostos a salvar vidas, amenizar dores, de forma que nada tem maior importância para ela naquele momento. A vida toda dessa filósofa, se observarmos, é um viver ético responsável. Em sua juventude, quando a religião de seus pais a qual ela participava não lhe faz mais sentido, torna-se agnóstica, se não encontra a verdade ali, não praticará mais as orações que aprendera, mas isso não a impede, como dirá em sua autobiografia, de continuar acompanhando a mãe quando ela se dirigia à sinagoga. O dever filial, o respeito à matriarca, isso não pode ser posto de lado.

Edith é fiel ao que tem como verdade. Sua maneira de viver e sentir a vida é responsável, ética.

Quando afirma ter encontrado a verdade a que sempre buscou, faz seus votos para entrar no Carmelo para viver uma vida de clausura. E aqui abro um parêntese, ela diz ter encontrado a Verdade, mas a vida dela sempre foi pautada pela coerência de suas verdades: se a escola não a satisfaz, deixa-a; se uma guerra eclodiu e seus colegas de faculdade estão no front, as pessoas estão feridas e precisam de alguém quem cuide, a pessoa humana sobressai-se, a vida que urge cuidado está em primeiro lugar. Portanto, o servir ao outro é o que há de primordial para ela. O trabalho que ela desenvolvia sobre a empatia, ela levou para o hospital onde foi servir, e ali

objetivamente, ele tornou-se mais verdadeiro: ganhou mais robustez a partir de suas observações das pessoas daquele ambiente de enfermeiros, médicos e feridos de guerra.

Tomando como obra norteadora o trabalho de Edith Stein sobre a empatia, observamos que o respeito à singularidade da pessoa humana, à unicidade do eu que está inserido em uma comunidade, grupo social, é fundamental para a compreensão de uma ética em que o homem, independentemente de seu querer ou não, é chamado à responsabilidade de um agir comprometido com o outro, com o mundo, uma vez que suas ações impactam o outro, a natureza, o espaço em que vive.

Edith Stein viveu num período em que grandes modificações estavam ocorrendo, passou por duas guerras mundiais, pela luta direito ao voto da mulher, ingressou numa universidade numa época em esse espaço era restrito para as mulheres, e, sobretudo, num curso de Filosofia. Ela não era uma mulher que apenas assistia as transformações, mas era uma pessoa que escrevia seu nome na história, assumia o protagonismo, assim foi nas duas guerras também; na luta pelo reconhecimento do voto da mulher, na faculdade, pelas sua excelência acadêmica, registrando seu nome na Filosofia; no Carmelo, a vida reclusa ao qual procurava não interrompe seus estudos, é autorizada a continuar escrevendo, tempo em que produz a grande Obra *Ser finito e ser eterno* e a *Ciência da Cruz*, ambos com reflexões filosóficas, mas sua vida é interrompida devido à Guerra que a levou ao campo de concentração onde morreu numa câmara de gás, unida ao martírio de seu povo, e a Igreja alça seu nome aos dos mártires.

Destacamos esses aspectos porque eles revelam como Edith Stein circulava em seu tempo, no qual se sobressai um traço muito marcante, a pessoa humana para ela era devedora de seu cuidado, a velocidade dos acontecimentos e seus interesses não se sobrepunham ao outro, a sua ética era a do acolhimento, da responsabilidade. Ela olha para os lados, observa o que a circunda, dirige-se para o outro.

A fenomenóloga Edith através de seu trabalho sobre a empatia, traz-nos a questão das vivências. O “eu” com suas vivências, o outro com as suas vivências e o que esse encontro de vivências pode gerar:

A empatia é uma posse do conhecimento da vivência do outro. Não devemos entender como posse de algo que eu domino no outro. Diferente disso, a empatia é conhecimento da vivência do outro é o momento em que se estabelece o ato empático (VARGAS e FARIAS, 2022, p. 53).

Esse encontro da vivência do outro é um descortinar dos sentidos, é preciso que eu primeiro veja o outro e isso se dá através do sentido da visão, mas eu poderia ver e ignorar. Então, não basta apenas a visão, é preciso que haja uma conexão entre o que eu vejo, o que eu sinto ao ver, tudo isso um processo que se dá através da consciência. Outros sentidos poderiam ainda ser considerados, como o da audição, o que ouço e me faz perceber o outro e o que isso traz como significado para mim, refletido em minhas expressões como um sorriso ou um semblante de aborrecimento.

Podemos nesse ponto, reportar-nos à questão da percepção e fantasia:

Mesmo partindo de duas vivências distintas, estes dois elementos têm a capacidade de fazer fluir na alma outras vivências, as quais não podemos de forma simplista determinar como mero resultado orgânico. Por exemplo, ao ouvir as melodias de um concerto, o indivíduo se emociona. A percepção auditiva esteve presente a cada momento, mas o que faz esse movimento da emoção? Analisando, nós damos mais um passo para o que está mais interior, mais profundo. Outro exemplo seria: ao ler um romance, um indivíduo se envolve na trama e estabelece outras vivências desenvolvidas pelo enredo: alegrias, suspense, compaixão etc. Perceptivamente, não se trata de letras ou sinais num papel, pois há uma intencionalidade do autor. É sobre essa capacidade de atingir tal intenção que nos interessa: “este mundo que se abre a nós, no sentir, é o mundo dos valores (VARGAS e FARIAS, 2022, p. 53).

É certo que as minhas vivências possuem as suas particularidades que me torna singular e que as vivências do alheio a mim, como já referenciado, em momento anterior, o torna único. No entanto, essas vivências revelam mais do que pessoas singulares, revela a apresentação de um sujeito que chama o outro justamente por suas particularidades que as distingue de mim e que me faz agir com tolerância, respeitando o que nele percebo, através de seus movimentos e expressões, distintos de mim. É o mundo dos valores, como apontado, que nos faz sentir as emoções, as expressões no movimento do outro e que nos faz também assumir um compromisso integral pela humanidade do outro que também é minha. Segundo (2022, p. 53), “quando somos orientados teoricamente vemos só as coisas; quando somos orientados axiologicamente vemos os valores; em particular, aqueles estéticos, éticos, religiosos e assim por diante”.

Ao considerarmos a relação empática do indivíduo com os membros de sua comunidade, os valores presentificados que regem as relações, apresenta-se hoje uma questão que merece algumas considerações. Como estamos lidando com a velocidade das transformações ocorridas nos tempos atuais?

Referimo-nos sobre a velocidade das transformações ocorridas no tempo de Edith Stein, e sobre o seu olhar consciencioso, direcionado para o outro. Hoje, no entanto, as pessoas estão enclausurando-se em suas telas de computador, celular, num mundo individualizado. A aproximação que se ocorre através de um olhar, de um abraço, de um sorriso, está perdendo o seu valor, o homem vai se tornando solitário, fechado em seu próprio eu, vamos vivendo a ilusão de um mundo em que estamos unidos por uma rede que nos aproxima, mas, na realidade, nos faz vítima de uma prisão que nos isola, nos afasta, distancia do outro. Nesse novo mundo, as palavras são breves, muitas vezes nem servem, uma figurinha pode representar o nosso sentimento, e isso basta. É o suficiente. O homem de Edith Stein, o homem da natureza é, como ela apresenta alma, corpo, espírito. É vivência, é sentimento, é compromisso, responsabilidade com o outro.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em busca da verdade, percorremos esse trabalho sobre a empatia, em que Edith Stein não discorre sobre a ética; mas, ao refletir sobre os atos empáticos e os sujeitos que se encontram e se recepcionam através desse fenômeno, a questão ética exsurge e nos traz a reflexão sobre o agir do “eu” e do “outro, levantando-nos questões sobre a pessoa humana e seus movimentos no mundo em que ela está inserida. De imediato, trazendo-nos a questão primeira, quem sou eu no mundo? E seus desdobramentos: quem é o outro no mundo? Que responsabilidade tenho com o “outro”? Com um deságue na questão posta, no início do trabalho sobre a relação entre a empatia e o agir ético responsável nas relações interpessoais

Através do presente trabalho, apreendemos, primeiro que a pessoa humana referida por Edith Stein é um indivíduo que tem suas singularidades que o diferencia do outro. A empatia em Edith Stein é um encontro com a pessoa humana em sua dimensão física e espiritual, quando enxergamos o outro como um ser singular com suas vivências e temos a consciência que não poderemos adentrar de forma plena na dor, na alegria, no sentimento que o outro externa, mas podemos nos aproximar quando ele nos permite tomar conhecimento de suas vivências.

A empatia respeita o ser individual, único, para ser empático não preciso ter a vivência alheia, mas o respeito pelo outro enquanto humano, enquanto um outro “eu” que também tem suas próprias experiências e vivências.

É importante sublinhar que o “eu”, ser social, em sua vida comunitária está sempre numa relação de encontro com o outro. Encontrar o outro é estabelecer diálogo, é um processo em que a fala, a escuta e o silêncio, expressões, vivências, permitem que o “eu” e o “outro” possam se comunicar, é nesses encontros que se efetiva o reconhecimento do outro e o respeito que a ele devemos.

A empatia favorece um mundo melhor, mais ético, à medida que reconhecemos que a necessidade do alheio não é apenas um problema isolado, de quem o vivencia, mas da comunidade onde essa pessoa vive. Esse reconhecimento é importante para que as pessoas sejam mais responsáveis pelo outro, agem eticamente, de modo que tenhamos uma sociedade, comunidades, mas integradas e menos conflituosas.

Podemos observar que o século XXI é marcado pela velocidade das informações, pelo avanço das tecnologias, o mundo tornou-se veloz. As informações são trocadas de forma mais rápida. Vive-se uma era em que basta um clique numa

tecla de computador ou um comando de voz para que uma mensagem, uma gravação de uma fala chegue ao outro sem que isso demande esforço ou muito tempo para que aconteça. Em contrapartida a tudo isso, tem-se um homem mais isolado, mais introspectivo, mais solitário e isso afeta as relações. A nossa humanidade é engrandecida quando sujeitos estão próximos, disponíveis ao bem servir com palavras, serviço, gestos, por meio da empatia. A falta de empatia torna a pessoa humana egoísta.

A empatia não pode estar ausente do sujeito. Não seria exagero dizer que ela sustém o mundo, de tal forma que nos traz, ao fim desses capítulos a convicção sobre a importância desse fenômeno que torna homens e mulheres mais comprometidos, acolhedores com o outro.

Em busca da verdade sobre as questões anteriormente apontadas, procuramos tecer considerações entre a vida dessa filósofa, uma vez que ela nos revela esse traço tão marcante de sua personalidade que é o seu agir ético em comunidade, sociedade, em que o fenômeno da empatia é a condutora de tomadas de decisões tão importantes de sua vida. Na obra de Stein, não haverá um ditar de normas que torna uma pessoa mais empática, mas nos mostra como compreendermos os atos empáticos nas relações entre os sujeitos, a partir das relações interpessoais. Para isso, é preciso encontrar e observar o Outro, até mesmo como forma de conhecer a si próprio.

Quando trazemos a questão ética do cuidado, da alteridade e da responsabilidade, observamos que a empatia traz um agir da pessoa humana movida por valores que favorece o olhar ao rosto do outro, um caminhar de que o bem viver não está apartado do alheio e isso se vive em comunidade.

De tal maneira que, explorar a ética do cuidado em Leonardo Boff com invocação do pensamento steiniano foi enriquecedor, pois nos trouxe uma dimensão de cuidado global do sujeito com o seu semelhante, mas esses sujeitos estão inseridos num mundo e é preciso que a “Casa Comum” esteja em ordem, harmoniosa, e os responsáveis por esse bem estar é a pessoa humana que nela habita.

A questão da ética e responsabilidade em Levinas nos permitiu adentrar num campo que pareceu utópico, ao apresentar um despojamento tão grande do eu em favor do outro. Mas, talvez, seja esse doar-se mais ao próximo que precisamos para despertar nossa humanidade, às vezes, adormecida, talvez não na medida que coloca Levinas, mas na medida que traz o reconhecimento do outro o seu valor único,

singular, que merece respeito.

Esse estudo sobre a empatia nos tira da comodidade, pois nos faz pensar como estamos agindo no mundo, não é apenas de olhar o outro, mas de um voltar-se para o próprio eu, de questionar as nossas relações interpessoais, pensar em nossas vivências, em nossas responsabilidades nas comunidades às quais pertencemos, seja familiar, religiosa, de trabalho, entre outras.

Vivemos um tempo em que as pessoas passam apressadas pelas ruas e os rostos não se encontram porque é preciso correr, porque estamos atrasados, porque os compromissos nos exaurem e não temos tempo parar para observar o que nos cerca, quem está ao nosso lado, e assim vamos esquecendo de nossa humanidade e a indiferença ao outro e a violência aumentam, e o homem vai morrendo em vida.

## REFERÊNCIAS

ALFIERI, Francesco. **Pessoa humana e singularidade em Edith Stein**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

ALMEIDA, Renaldo Elesbão. A Empatia em Edith Stein. **Cadernos IHU** Belo Horizonte, n. 48, p. 4-55, 2014. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/>. Acesso em: 21 abr. 2021.

ALVES et al. **Cuidado ético do outro**: contribuições de Edith Stein e Max Scheler. Esola Anna Nery. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/DB3YNpLX9BmTQzC8RDfnknh/?format=pdf&lang=pt#:~:text=cuidado%20%C3%A9tico%20na%20vida%20humana&text=A%20partir%20das%20tem%C3%A1ticas%20de,para%20melhorar%20as%20rela%C3%A7%C3%B5es%20humanas.> Acesso em: 23 jul. 2022.

BAREA, Rudimar. **O tema da empatia em Edith Stein**. Rio Grande do Sul, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/9149/BAREA%2C%20RUDIMAR.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 30 jul.2022

BELLO, Angela Ales. **Edith Stein: A paixão pela verdade**. Curitiba: Juruá, 2014.

BELLO, Angela Ales. **O sentido das coisas**: por um realismo fenomenológico. São Pulo: Paulus, 2019.

BELLO, Angela Ales. **Pessoa e comunidade**: comentários: psicologia e ciências do espírito de Edith Stein. Belo Horizonte: Artesã, 2015.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar**. Petrópolis: Vozes, 2021.

BOFF, Leonardo. **O cuidado necessário**. Petrópolis: Vozes, 2023.

CARNEIRO, Alan Dionizio; PEQUENO, Marconi José Pimentel. **A ética de Max Scheler e a essência de cuidar do outro**. São Paulo: Ideias & Letras, 2021.

CURY, Bernardo Teixeira & MAHFOUD, Miguel. Núcleo pessoal e liberdade na formação da pessoa a partir de Edith Stein. *In*: MAHFOUD, Miguel & MASSIMI, Marina (orgs). **Edith Stein e a psicologia: teoria e pesquisa**. Belo Horizonte: Artesã, 2013.

DESCARTES, René. **Meditações metafísicas**. São Paulo: Edipro, 2016.

DICIONÁRIO. **Língua portuguesa**. Disponível em: <https://www.significados.com.br/antipatia/>. Acesso em: 12 fev. 2023.

FILHO, Juvenal Savian. A empatia segundo Edith Stein. Pode-se empatizar a “vivência” de alguém que está dormindo? *In*: FILHO, Juvenal Savian (org). **Empatia, Edmund Husserl e Edith Stein**: Apresentações didáticas. São Paulo: Loyola, 2014.

FILHO, Juvenal Savian. Uma perspectiva sobre Edith Stein e a fenomenologia. Argumentos **Revista de Filosofia Argumentos**. Fortaleza, ano 9, n. 18, jul./dez. 2017. Disponível em: [https://repositorio.ufc.br/bristeam/riufc/32166/1/2017\\_art.jsavianfilho.pdf](https://repositorio.ufc.br/bristeam/riufc/32166/1/2017_art.jsavianfilho.pdf). Acesso em: 30 jul. 2022.

HUSSERL, Edmund. **A ideia da fenomenologia**: cinco lições. Petrópolis: Vozes, 2020.

HUSSERL, Edmund. **Meditações cartesianas**: uma introdução à fenomenologia. São Paulo: Edipro, 2019.

IGREJA CATÓLICA. Papa (2013). **Carta encíclica Fratelli Tutti do Sumo Pontífice Papa Francisco sobre a fraternidade e a amizade social**. Roma, 3 de outubro de 2020. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20201003\\_enciclica-fratelli-tutti.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html). Acesso em: 10 mar. 2023.

IGREJA CATÓLICA. Papa (2013). **Carta encíclica Laudato Si do Sumo Pontífice Papa Francisco sobre o cuidado da casa comum**. Roma, 24 de maio de 2015. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20150524\\_enciclica-laudato-si.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html). Acesso em: 12 mar. 2023.

LÉVINAS, EMMANUEL. **De Deus que vem à ideia**. Tradução de Pergentino Stefano Pivatto. Petrópolis: Vozes, 2002.

MANGANARO, Patrizia. **Fenomenologia da relação**: a pessoa humana em Edith Stein. Curitiba: Juruá, 2016.

MARTINS, Rogério Jolins e LEPARGNEUR, Hubert. **Introdução a Lévinas**: pensar a ética no século XXI. São Paulo: Paulus, 2014.

MIRIBEL, Elizabeth de. **Edith Stein, 1891-1942**: como ouro purificado pelo fogo. São Paulo: Santuário, 2001.

NASCIMENTO, Ermano Rodrigues do. Pensar a ética utilitária a partir da ética do cuidado considerando as assistências e as políticas da mediação em saúde. **Revista Ágora Filosófica**, Recife, v. 20, n. 2, p. 62-96, mai./ago., 2020. Disponível em: <https://www1.unicap.br/ojs/index.php/agora/article/view/1787>. Acesso em: 4 jul. 2023.

NASCIMENTO, Ermanno Rodrigues do. **Bioética e saúde pública no nordeste brasileiro: dilemas e perspectivas - Parte II.** [Meio Digital]. Maceió: Editora Olyver, 2021.

PAPA João Paulo II. **Carta Apostólica em Forma de “Motu Próprio” Spes Aedificandi.** Disponível em: [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/motu\\_proprio/documents/hf\\_jp-ii\\_motu-proprio\\_01101999\\_co-patronesses-europe.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/motu_proprio/documents/hf_jp-ii_motu-proprio_01101999_co-patronesses-europe.html). Acessado em: 22 fev. 2023.

PARISE, Maria Cecília Isatto. Individualidade, Corporeidade e percepção do outro. Ato empático em Edith Stein. *In*: PERETTI, Clélia & DULLIUS, Vera Fátima (orgs). **A arte de educar: por uma pedagogia empática em Edith Stein.** São Paulo: Appris, 2018.

PERETTI, Clélia & DULLIU, Vera Fátima. Ser pessoa e a individualidade em Edith Stein. *In*: PERETTI, Clélia & DULLIUS, Vera Fátima (orgs). **A Arte de educar: por uma pedagogia empática em Edith Stein.** São Paulo: Appris, 2018.

PIVATTO, Pergentino. A majestade do outro. **Revista IHU.** Rio Grande do Sul, edição 277, p.1-14, outubro, 2018. Disponível em: [www.ihu.unisinos.br/](http://www.ihu.unisinos.br/). Acesso em: 2 set. 2022.

QUEIROZ, Maria Inês Castanha de & MATHIAS, Úrsula Anne. O conceito de força vital na obra de Edith Stein: a potência que assegura o viver. *In* MAHFOUD, Miguel (org.). **Psicologia com alma: a fenomenologia de Edith Stein.** Belo Horizonte: Artesã, 2013.

RICOEUR, Paul. Tradução de Ivone C. Benedetti. **O justo 1.** São Paulo, Martins Fontes, 2019.

RUS, Eric. Pessoa e Comunidade em Edith Stein. *In*: MAHFOUD, Miguel; FILHO, Juvenal Savian. **Diálogos com Edith Stein.** São Paulo: Paulus, 2017.

SAVIAN FILHO, Juvenal. A empatia segundo Edith Stein. Pode-se empatizar a “vivência” de alguém que está dormindo? *In*: FILHO, Juvenal Savian (org). **Empatia, Edmund Husserl e Edith Stein: Apresentações didáticas.** São Paulo: Loyola, 2014.

SAVIAN FILHO, Juvenal. Uma perspectiva sobre Edith Stein e a fenomenologia. Argumentos **Revista de Filosofia Argumentos.** Fortaleza, ano 9, n. 18, jul./dez. 2017. Disponível em: [https://repositório.ufc.br/bristeam/riufc/32166/1/2017\\_art.jsavianfilho.pdf](https://repositório.ufc.br/bristeam/riufc/32166/1/2017_art.jsavianfilho.pdf). Acesso em: 30 jul. 2022.

SBERGA, Adair Aparecida. **A formação da pessoa em Edith Stein.** São Paulo: Paulus, 2019.

SBERGA, Adair Aparecida. **Fundamentos da antropologia filosófica e pedagógica**

de **Edith Stein**. São Paulo: Paulus, 2021.

SCHELER, Max. **Ordo Amoris**. Tradução de Artur Morão. Covilhã: Lusosofia, 2012.  
SOLÉ, Joan. **Levinas: a ética do outro**. São Paulo: Salvat, 2017.

SOUZA, José Tadeu Batista de. **Ética como metafísica da alteridade em Levinas**. Porto Alegre, 2007. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/2975>. Acesso em: 1 mar. 2023.

STEIN, Edith. **Sobre el problema de la empatía**. Tradução de José Luís Caballero Bono. Madrid: Editorial Trotta, 2004. Disponível em: [https://kupdf.net/download/stein-empatia-ocrpdf\\_59a37c6adc0d608f57568edb\\_pdhttps://kupdf.net/download/stein-empatia-ocrpdf\\_59a37c6adc0d608f57568edb\\_pdf](https://kupdf.net/download/stein-empatia-ocrpdf_59a37c6adc0d608f57568edb_pdhttps://kupdf.net/download/stein-empatia-ocrpdf_59a37c6adc0d608f57568edb_pdf). Acesso em: 3 jun. 2021.

STEIN, Edith **A construção do ser pessoa humana**. São Paulo: Ideias & Letras, 2016.

STEIN, Edith. **Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos**. São Paulo: Paulus, 2018.

TODOROV, Tzevan. **A conquista da América: a questão do outro**. Tradução de Beatriz Perrone Moi. São Paulo: Martins Fontes, 1992. PDF.

VALLE, Bertolo; JÚNIOR, Léo Peruzzo. Fenomenologia(s): uma inquieta topografia. *In*: BELLO, ANGELA ALES et al. **Masculino e feminino na fenomenologia de Edith Stein**. Curitiba: Juruá, 2020.

VARGAS, Carlos; FARIAS, Moisés. **Edith Stein: empatia, ética e mística**. São Paulo: Loyola, 2022.

ZILLES, Urbano. Fenomenologia e teoria do conhecimento em Husserl. **Revista da Abordagem Gestáltica**. v.13, n. 2, Goiânia, dez. 2007. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672007000200005](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672007000200005),Urbano. Fenomenologia e teoria do conhecimento em Husserl. Acesso em: 6 mar. 2023.